

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Comunicação

Lilian Werneck Rodrigues

THE L WORD EM MOVIMENTO: CONVERGÊNCIAS DE UMA SÉRIE LÉSBICA

Juiz de Fora
2012

LILIAN WERNECK RODRIGUES

***THE L WORD* EM MOVIMENTO: CONVERGÊNCIAS DE UMA SÉRIE LÉSBICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação: área de concentração em Estética, Redes e Tecnocultura da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta de Araújo Pinheiro

Juiz de Fora
2012

Werneck, Lilian.

The L Word em movimento: Convergências de uma série lésbica./
Lilian Werneck Rodrigues – Juiz de Fora, 2012.
152 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal
de Juiz de Fora – UFJF, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
– PPGCOM, 2012.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta de Araújo Pinheiro.

1. Comunicação. 2. Séries de TV. 3. *The L Word*. 4. Cultura da
Convergência. I. Pinheiro, Marta (Orientadora). II. Universidade
Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
PPGCOM. III. *The L Word* em movimento: Convergências de uma série
lésbica.

Lilian Werneck Rodrigues

The L Word em movimento: Convergências de uma série lésbica.

Trabalho de Dissertação apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta de Araújo Pinheiro

Trabalho de Dissertação aprovado em 13/09/2012 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Marta de Araújo Pinheiro (UFJF) – Orientadora

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (UFJF) – Convidado

Prof. Dr. Bruno Souza Leal (UFMG) – Convidado

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora
2012

Por me ensinar a arte do movimento, por me permitir ser quem eu sou e por tanto me amar, dedico esta jornada à minha mãe, Leda Maria.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Leda Maria, a mulher mais importante da minha vida, dedico o resultado deste trabalho. Muito obrigada! O seu carinho é fundamental para que eu conquiste a minha vida.

Ao meu pai Sérgio, homem de coração maior que já vi, agradeço profundamente e dedico a minha carreira. Sem seu apoio e presença eu jamais teria chegado até aqui.

Aos meus irmãos, Sérgio, Juliane e Renata, pelo companheirismo sempre, e pelos sobrinhos lindos que tanto amo: Rafael, Júlia, Luisa, Luana e Kaíque. Ao meu amado Billy.

Aos meus amigos. Fiéis, eternos, irmãos escolhidos com recíproca, companheiros que sempre estão comigo: Myriam, Giovane, Tais e Márcio, obrigada por serem tanto em minha vida. Vocês me fazem felizes todos os dias!

Em especial, ao Professor Doutor Márcio Oliveira, o meu amado anjo da guarda, irmão de alma, companheiro de tantas jornadas. Com certeza, a maior inspiração para seguir a vida acadêmica. Reconheço neste amigo tudo o que fez por mim.

À Professora Doutora Iluska Coutinho, pelo apoio e confiança que tanto me fizeram persistir. À nossa querida Ana Cristina, alma de nosso Mestrado, responsável por tornar minha luta menos árdua. Também agradeço ao Professor Doutor Weden Santana, em quem, desde o primeiro dia, encontrei um olhar amigo dentro do mestrado, e ao professor Bruno Leal, a quem admiro pelo trabalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Marta Pinheiro, pelas trocas importantes ao longo do caminho, muito obrigada! Eu não teria conseguido sem seu apoio.

Enfim, meu agradecimento a todos que, de alguma forma, participaram comigo desta caminhada.

RESUMO

A partir do mapeamento das conexões entre novas mídias, séries de TV, interações colaborativas na Internet e lesbianidades, este trabalho de dissertação interroga as interseções que podem ocorrer entre mídias através de um estudo de caso das audiências em torno da série *The L Word*. Considerada a primeira série dramática da televisão norte-americana a apresentar um grupo de mulheres lésbicas como protagonistas de sua narrativa, *The L Word* pode ser vista como um exemplo de produto cultural transmidiático, produzido para a TV, mas que estabeleceu uma relação peculiar com suas espectadoras dentro do que Henry Jenkins chama de Cultura da Convergência. Através deste estudo, pretende-se questionar tanto as especificidades desta relação ambientada na convergência dos meios de comunicação, quanto as características particulares do comportamento das fãs brasileiras dentro da cultura participativa, movimento alimentado pela inteligência coletiva criada a partir do seriado. A busca pelas respostas a essas questões serve, ao longo do texto, à verificação da hipótese de que *The L Word*, enquanto transmídia, estabelece uma interlocução com suas fãs no ambiente da convergência dos meios, ou seja, ao mesmo tempo em que as personagens da série tentam pautar certos traços das lesbianidades em trânsito, a narrativa se adapta às pautas demandadas pelas espectadoras que buscam a visibilidade, em um fluxo que levou as fãs brasileiras a se envolverem tanto no compartilhamento de conteúdos da série, quanto nas redes sociais lésbicas criadas a partir dela, movimento que ocasiona implicações sociais, culturais e políticas.

Palavras-chave: Comunicação. Séries de TV. *The L Word*. Cultura da Convergência.

ABSTRACT

From the mapping of connections between new media, TV series, and on the Internet collaborative interactions lesbianidades, this dissertation interrogates the intersections between media that can occur through a case study of audiences around the series The L Word. Considered the first dramatic series of American television to present a group of lesbian women as protagonists of his narrative, The L Word can be seen as an example of cultural product transmidiático produced for TV, but it established a special relationship with their spectators in what Henry Jenkins calls Convergence Culture. From this study, we intend to question both the specifics of this relationship set in the convergence of media, as the particular characteristics of the behavior of the fans inside the Brazilian participatory culture, collective intelligence powered by the movement created from the show. The search for answers to these questions serves, throughout the text, to verify the hypothesis that The L Word, as transmedia, establishes a dialogue with their fans in the environment of media convergence, while the characters series of guided attempt traits of lesbianidades in transit, the narrative fits guidelines demanded by viewers who seek visibility in a stream that led the Brazilian fans to be involved in both the sharing of content of the series, as the social networks created lesbians from it, move that causes social, cultural and political.

Keywords: Communication. TV Series. The L Word. Convergence Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Vinheta de abertura <i>The L Word</i> na primeira temporada.....	63
Figura 02 - Vinheta de abertura <i>The L Word</i> na segunda temporada.....	67
Figura 03 - Páginas do “ <i>The L Word: A Fanisode, Special Commemorative Ezine</i> ”, 2006.....	79
Figura 04 - Vídeo “ <i>L Word Fan Gets Chance of a Lifetime</i> ”, 2008.....	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pergunta 1 da pesquisa online.....	85
Gráfico 2 - Pergunta 2 da pesquisa online.....	85
Gráfico 3 - Pergunta 3 da pesquisa online.....	86
Gráfico 4 - Pergunta 4 da pesquisa online.....	87
Gráfico 5 - Pergunta 5 da pesquisa online.....	87
Gráfico 6 - Pergunta 6 da pesquisa online.....	88
Gráfico 7 - Pergunta 10 da pesquisa online.....	90
Gráfico 8 - Pergunta 11 da pesquisa online.....	91
Gráfico 9 - Pergunta 14 da pesquisa online.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS

TV	Televisão
OBITEL	Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros
CID	Código Internacional de Doenças
WEB	Rede de alcance mundial ou WWW
WWW	World Wide Web
VT	Videotape
HBO	Home Box Offic
SITCOM	Situation Comedy
CSI	Crime Scene Investigation
DJ	Disc Jockey
RSS	Really Simple Syndication
P2P	Peer to Peer
RMVB	Real Media Variable Bitrate
WMV	Windows Media Video
SRT	Shortet Remaining Time

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 METODOLOGIA APLICADA.....	16
3 TELEDRAMATURGIA SERIADA.....	21
3.1 A SERIEFILIA.....	21
3.2 A TELEVISÃO TRANSMÍDIA.....	32
4 MOVIMENTOS E CONTEÚDOS DIGITAIS.....	35
4.1 A CONVERGÊNCIA DOS MEIOS.....	35
4.2 FÃS E SUA CULTURA.....	43
5 AS VANGUARDAS DE <i>THE L WORD</i>.....	49
5.1 A CAMINHADA DE UMA SÉRIE.....	49
5.2 ALÉM DA PALAVRA L.....	59
5.3 UM MOVIMENTO LÉSBICO NA REDE.....	70
6 COMPARTILHANDO <i>THE L WORD</i>.....	83
7 CONCLUSÃO.....	98
8 REFERÊNCIAS.....	103
APÊNDICES.....	107
ANEXOS.....	110

1 INTRODUÇÃO

“Oi. Meu nome é Henry. Eu sou um fã.”¹(JENKINS, 2006, p.1).

Henry Jenkins apresenta-se no início do livro “*Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*”:

Eu escrevo tanto como um acadêmico (que tem acesso para certas teorias da cultura popular, certos órgãos de crítica da literatura e da etnografia) e como um fã (que tem acesso ao conhecimento específico e as tradições daquela comunidade). Meu perfil está em um movimento constante entre esses dois níveis de compreensão, que não estão, necessariamente, em conflito, mas também não estão, necessariamente, em alinhamento perfeito. (JENKINS, 1992, p.5)².

Assim como o autor citado, há, na autora deste estudo, um lado fã. No caso, com foco de idolatria nas séries de Televisão (TV), que alcançam o posto de produto audiovisual alvo de sua admiração, de sua fidelidade enquanto espectadora e, por conseguinte, de suas pesquisas.

Uma dessas séries, em especial, foi escolhida pela pesquisadora como objeto tanto de idolatria quanto de estudos: *The L Word*. A série norte-americana, que estreou em 2004 nos Estados Unidos pela *Showtime* e em 2005 no Brasil pelo *Warner Channel*, foi produzida até 2009 com a duração total de seis temporadas divididas em setenta episódios. Em sua narrativa, trazia as relações de amor, sexo e amizade de um grupo de mulheres homossexuais na cidade americana de Los Angeles. Lésbicas assumidas, as personagens seguiam os padrões de beleza e estética da época e tinham situação financeira correspondente aos altos padrões de consumo da sociedade americana.

¹ “Hi, my name is Henry. I am a fan.” (JENKINS, 2006, p.1, tradução nossa)

² “I write both as an academic (who has access to certain theories of popular culture, certain bodies of critical and ethnographic literature) and as a fan (who has access to the particular knowledge and traditions of that community). My account exists in a constant movement between these two levels of understanding which are not necessarily in conflict but are also not necessarily in perfect alignment.” (JENKINS, 1992, p.5, tradução nossa)

Considerada a primeira série dramática da televisão norte-americana a apresentar um grupo de mulheres lésbicas como protagonistas de sua narrativa, *The L Word* teve como uma de suas propostas tanto ser uma amostra das infinitas identidades lésbicas assumidas pelas mulheres homossexuais da sociedade atual, quanto servir como fonte para novas identidades, referências, padrões estéticos e estereótipos. Pelo pensamento da antropóloga espanhola Olga Viñuales (2002 apud AGOSTINI, 2010), para se tentar caracterizar a lesbianidade, é preciso observar três questões principais, que são as relações de parceria e papéis de parentesco, o gênero e as práticas sexuais, além das práticas em sociedade ou *coming out* (o assumir-se). Ao se combinar esses fatores, infinitas possibilidades de identidades de gênero surgem. A partir dessa visão, portanto, pode-se afirmar que não existe uma identidade lésbica padrão às mulheres homossexuais. Não existe uma, nem várias, mas diversas, diferentes e únicas, já que a identidade de gênero está em constante movimento e construção, fluida e passível de infinitas representações, como destacam Agostini (2010), Navarro-Swain (2000), Butler (2001), Sedgwick (2006) e outros estudiosos da teoria *Queer*³. A série se movimentou para tentar atender às diversas necessidades de visibilidade do seu público.

Ao mesmo tempo, indo em busca da série, estava o seu público que, tanto procurava meios de baixar os episódios, quanto se envolvia em redes sociais relacionadas aos seriado para obter informações sobre a série, interagir com a produção, compartilhar conteúdo e se relacionar com outras pessoas interessadas no mesmo tema ou produto cultural. Essa movimentação de mão dupla aconteceu nos final dos anos 90, momento em que a convergência das mídias começava a se tornar significativa para o mercado de

³ Segundo Jagose (2005), o termo *Queer* é necessariamente indeterminado, assumindo diferentes e, às vezes, contraditórios significados em diferentes articulações. Apesar de ser usado de forma homofóbica para denominar LGBTs, desde o início de 1990, ele foi estrategicamente usado pelo movimento para significar uma resistência ampla e desordenada aos modelos normativos de sexo, gênero e sexualidade. De certa forma, *Queer* não denota uma identidade como tal, mas cria um distanciamento crítico das categorias estabelecidas pela moderna sexualidade. Os estudos *Queer* usam o termo para chamar a atenção para várias incoerências nas relações supostamente estáveis e causais entre sexo, gênero e desejo sexual. (JAGOSE, 2005).

entretenimento. *The L Word* foi uma série que, além de pioneira no tema lesbianidade, foi vanguarda também na questão transmidiática. Através de elementos de sua narrativa, desde sua primeira temporada, a série trafegou e foi veiculada em outros ambientes que não somente a Televisão, se relacionando de forma peculiar com suas espectadoras dentro do que Henry Jenkins chama de Cultura da Convergência.

Este estudo tem a pretensão de questionar tanto as especificidades desta relação ambientada na convergência dos meios de comunicação, quanto as características particulares do comportamento das fãs brasileiras dentro da cultura participativa, movimento alimentado pela inteligência coletiva criada a partir do seriado. A busca pelas respostas a essas questões serve, ao longo do texto, como verificação da hipótese de que *The L Word*, enquanto transmídia, estabeleceu uma interlocução com suas espectadoras no ambiente da convergência dos meios, já que, enquanto as personagens da série tentaram pautar certos traços das lesbianidades em trânsito, a narrativa se adaptou às pautas demandadas pelas espectadoras que buscavam visibilidade. Esse movimento criou um fluxo que levou as espectadoras a se envolverem, de forma transnacional, tanto no compartilhamento de conteúdos da série, quanto nas redes sociais lésbicas criadas a partir dela, ocasionando implicações sociais, culturais e políticas.

Para isso, primeiramente, procurou-se analisar as principais características do gênero da teledramaturgia seriada, com destaque para a narrativa transmídia. A autora apresenta um panorama das séries de TV norte-americanas, principalmente a partir do trabalho de François Jost para que, assim, seja possível aprofundar mais especificamente no caminho percorrido, por *The L Word*, de sua estreia até os dias de hoje.

Após a relação *The L Word* e séries de TV ser estabelecida, procurou-se pensar a relação da série com as novas tecnologias de comunicação através dos conceitos que envolvem a “Cultura da Convergência” de Henry Jenkins, como convergência dos meios de

comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, termo este assimilado por Lévy. (JENKINS, 2009).

As peculiaridades do movimento da série na Cultura da Convergência em diálogo com a questão da identidade de gênero e com as diversidades lesbianas analisadas em relação à série *The L Word* são temas dos capítulos seguintes. A partir de conceitos da teoria *Queer*, a autora procurou apresentar as características particulares à série, incluindo uma visão semiótica sobre a abertura, retrato escolhido como representativo ao todo da série.

Os capítulos finais trazem a análise dos resultados da pesquisa empírica realizada para obter respostas sobre a participação da audiência colaborativa de uma série de TV, no caso, as fãs da série *The L Word*, e as conclusões que foram formadas a partir deste trabalho de dissertação.

2 METODOLOGIA APLICADA

As novas abordagens qualitativas na Internet, levantadas por Baym e Markham (2009) e por Fragoso, Recuero e Amaral (2011), foi a metodologia científica de pesquisa utilizada para este trabalho. Tais abordagens seguem a conceituação de que a convergência das mídias, as identidades mediadas, a redefinição dos limites sociais e a transcendência dos limites geográficos são as quatro principais transformações causadas pela Internet e que, de certa forma, afetam diretamente a identificação dos objetos pesquisados, o engajamento com os campos delimitados, a forma e a condução de uma pesquisa qualitativa da vida social contemporânea (BAYM e MARKHAM, 2009, p.X). Sendo isto realizado através da releitura das formas tradicionais de pesquisa qualitativa de coleta de dados em entrevistas, observação participativa de campo, anotações sobre textos e transcrição de conversas, documentos e artefatos.

Da mesma forma, enquanto algumas disciplinas acadêmicas despertam para a compreensão da importância da Internet em seus domínios, a maioria não possui um núcleo ricamente desenvolvido de estudiosos em acordo sobre as abordagens metodológicas ou, até mesmo, sobre as normas aplicadas à rede. O fato é que essa ausência de fronteiras disciplinares mantém os estudos pela Internet tanto desejáveis quanto frustrantes.

A partir dessa premissa, foi importante que a pesquisa aqui apresentada passasse por três etapas. Primeiramente, como fase preliminar à análise propriamente dita, por uma coleta de dados de forma empírica em redes sociais, blogs e comunidades virtuais da Internet. Essa pesquisa, de caráter informal, se deu através da interação entre a pesquisadora com outras participantes das comunidades de *The L Word* em sites como *Orkut*, *Leskut* e *Twitter*. Além disso, a autora fez parte do movimento de compartilhamento da série *The L Word*,

tendo assistido a todos os episódios, do primeiro episódio ao último da série, baixando-os pela Internet.

Em segundo lugar, na tentativa de distanciar a participante de redes sociais da pesquisadora, foi necessário o aprofundamento das teorias referentes aos temas das séries de TV, da convergência das mídias e das lesbianidades, em autores e autoras importantes da área de Comunicação, Tecnologia e teoria *Queer*. O principal ambiente em que este estudo foi observado ao longo da dissertação foi o da Cultura da Convergência tendo, portanto, Henry Jenkins como autor base deste estudo. Para completar, os trabalhos de François Jost, Elizabeth Bastos Duarte e Renata Pallotini contribuíram para uma leitura contemporânea sobre a teledramaturgia seriada e seus aspectos atuais no Brasil e no mundo. As autoras Adriana Agostini, Eve Kosofsky Sedgwick, Sarah Warn, Marnie Pratt, Janet McCabe e Kim Akass forneceram, em seus textos, o embasamento sobre a série estudada neste trabalho.

Em um terceiro momento, realizou-se a pesquisa direta com o público da série, com a aplicação de questionários através da Internet, em sites gerenciados pela autora e relacionados ao tema, como a comunidade *Leskut*, a página do *Facebook* e o perfil do *Twitter*⁴. Foi postado nessas redes um convite à participação espontânea, que continha um link de acesso direto ao questionário para uma pesquisa online⁵. Os questionários eram anônimos, ou seja, a identidade das pesquisadas não precisava ser revelada para que elas enviassem as respostas, como forma de respeito ao princípio ético do envolvimento da investigadora com as investigadas. A pesquisa contou também com o apoio de sites e comunidades envolvidas, já que as administradoras dos mesmos divulgaram e incentivaram a participação de suas seguidoras. A escolha pela realização de uma pesquisa com questionários

⁴ Perfil da comunidade do Leskut disponível em <http://paradalesbica.ning.com/profile/LilianWerneck>; perfil da rede social Facebook disponível em <https://www.facebook.com/lilian.werneck> - perfil da rede social Twitter disponível em <https://twitter.com/LilianWerneck> - Acesso em 10 de agosto de 2012. Outros detalhes dos perfis serão esclarecidos no capítulo 6.2.

⁵ Disponível em <https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?formkey=dHBKTmh0aTVfOEhFOXAWaWhqS3NkeXc6MQ#gid=0> - Acesso em 10 de agosto de 2012.

disponíveis na Internet deveu-se, principalmente, por ser este o campo de ação da análise sugerida, mas também devido às vantagens que esse tipo de pesquisa apresenta, como menores custos, rapidez e capacidade de atingir populações específicas, assim como ser possível responder da maneira que for mais conveniente, no tempo e local de cada respondente.

Do dia 01 ao dia 08 de julho de 2012, a pesquisadora disponibilizou em seus sites de relacionamento o link do questionário. Foram respondidos 104 questionários, do dia 09 de julho ao dia 11 de agosto de 2012, analisados e comentados com base em critérios apresentados pelos textos-base sobre metodologia de pesquisa, para que as respostas fornecessem as conclusões desejadas a partir da discussão.

De acordo com o pensamento de Baym e Markham (2009), para se chegar a essas conclusões, foram observados seis temas transversais que perpassam pelas pesquisas qualitativas e não somente as inseridas no contexto das redes. A partir da crença de que o projeto de uma pesquisa está sempre em transformação e, por isso, a teoria e o método devem interagir o tempo todo, uma contínua reformulação do estudo foi estabelecida ao longo do processo de investigação.

Ainda segundo Baym e Markham (2009), o que se pode perceber é que, seja na concepção ou na condução de um estudo, a constituição de dados é uma série de decisões tomadas em momentos críticos.

A rede infinita e confusa de links que compõem os sites de pesquisa e assuntos criam infinitas fontes de informação a serem usados como dados em um projeto. É importante a constante avaliação da credibilidade, confiança, número de acessos, tempo de existência do site para que esses dados sejam ou não considerados relevantes ou fontes principais de informação.⁶ (BAYM e MARKHAM, 2009, p.24, tradução nossa).

⁶“The endless and jumbled network of links that comprise our research sites and subjects create endless sources of information that could be used as data in a project. We must constantly and thoroughly evaluate what will count as data, how we are distinguishing side issues from key sources of information.” (BAYM e MARKHAM, 2009, p.24).

O tratamento ético dos envolvidos no processo de investigação foi outro ponto importante observado durante o processo de pesquisa. O uso de contextos específicos da Internet se torna muito diferente das complicações associadas à determinação de parâmetros morais ou legais para proteger os participantes de projetos de pesquisa. Foram consideradas as estruturas que delimitam conceitos como confiança, autenticidade, privacidade e consentimento. Além disso, já que cada participante poderia responder à pesquisa de forma anônima, permitiu-se que se expressasse com maior veracidade a respeito de seu ponto de vista.

Antes que os questionários fossem aplicados, era fundamental refletir e estabelecer o papel da pesquisadora durante a investigação sobre o comportamento das fãs de *The L Word* na Internet já que, neste caso, a pesquisadora é participante do campo de estudo.

A ligação do pesquisador e pesquisado é um fenômeno acentuado por organismos muitas vezes invisíveis de ambos no contexto da Internet. É preciso, portanto, estabelecer relações claras à compreensão da forma como estamos conectados, de modos múltiplos e complexos, nos contextos que criamos, estudamos e relatamos⁷. (BAYM e MARKHAM, 2009, p.25, tradução nossa).

Para isso, houve uma tentativa de se estabelecer limites entre a participante e a pesquisadora, por ser ela integrante de todas as redes sociais escolhidas e, portanto, ter um contato pré-estabelecido com as entrevistadas. Foi determinado, então, que os questionários seriam anônimos. Depois disso decidiu-se que a escolha das entrevistadas seria aleatória e com iniciativa de resposta por parte das próprias. Desta maneira, a interferência da pesquisadora nas respostas seria mínima. Isso permitiu que não houvesse necessidade do desligamento da pesquisadora tanto do ambiente quanto dos grupos específicos dos quais faz parte.

⁷ “The connection of researcher and researched is a phenomenon heightened by the often-invisible bodies of the researcher and researched in Internet contexts. The researchers in this collection make powerful arguments for embracing the challenge of understanding how we are connected in multiple and complex ways to the contexts we create, study, and report.”

As práticas de pesquisa foram situadas conforme a proposta estabelecida neste trabalho. Assim, após uma pesquisa em sites específicos ao tema e em grupos e redes sociais, a autora desenvolveu um questionário com 17 perguntas diretas, sobre a forma como a audiência de *The L Word* estabeleceu a relação entre espectador e série. Pode-se dizer que a consciência do emocional, físico, institucional, econômico e social, inevitavelmente, são situações de impacto sobre todas as escolhas feitas em relação ao campo de estudo, principalmente na forma como se aproxima dele ou como os dados são coletados, interpretados e apresentados. O fato é que a investigação pode levar a direções opostas e, um passo, para qualquer que seja o lado, implica em algum sacrifício da compreensão geral, principalmente por se tratar de uma pesquisa prioritariamente realizada na Internet.

Para que o movimento das espectadoras em torno de *The L Word* fosse, de forma eficiente, analisado dentro do contexto da convergência dos meios, era necessário analisar de perto esse ambiente no qual a série estava inserido. Essa é a principal justificativa para que a pesquisa fosse feita na Internet, com divulgação em sites específicos ou relacionados ao tema, de forma anônima e online. Como era de se esperar, os resultados da pesquisa foram tanto os esperados, quanto surpreendentes, com outras e diferentes respostas que só acrescentaram a essa discussão.

3 TELEDRAMATURGIA SERIADA

As séries de TV ganham, atualmente, destaque entre os gêneros televisivos ficcionais, tanto pelo número de produções que estão em andamento em vários países do mundo, quanto pelo movimento de fãs que traz em sua esteira. As principais características e movimentações pelo caminho da comunicação que a teledramaturgia seriada percorreu, ao longo dos anos e dos meios, serão apresentadas nos próximos capítulos.

3.1 SERIEFILIA

A Televisão, enquanto veículo ou meio, sofreu muitas modificações desde seu surgimento. Conforme Duarte (2012), ao longo dessas transformações, as discussões dos estudiosos de ficções televisivas foram se tornando mais acaloradas quando o assunto eram questões relativas ao estatuto e funções de gênero e formatos televisuais. “Quanto mais complexos e híbridos se tornam esses produtos, tão mais relevante, quanto mais esses programas se mundializam, perdendo seu caráter de produções localizadas.” (DUARTE, 2012, pág.7). Ou seja, os gêneros são importantes porque servem como estratégias de comunicabilidade, ou, como Barbero (1995 apud DUARTE, 2012) considera, os gêneros servem de mediação entre as lógicas do sistema produtivo e as lógicas de uso. As regras dos gêneros e subgêneros dos produtos televisivos acabam por instituir, dessa forma, os diferentes formatos televisuais e ancoram o reconhecimento cultural dos sentidos desses produtos pelos grupos sociais.

Jost (2012), estudioso francês de televisão, considera que os gêneros não nascem no próprio meio, pois estes seriam provenientes de outras mídias ou até mesmo de outros formatos de entretenimento, o que impediria uma definição fixa desses gêneros televisivos. Para o autor, o mundo real é o primeiro interpretante das imagens, o que não quer dizer, necessariamente, que toda imagem deva ser comparada ao mundo real para ser interpretada, ou que o mundo real seja uma entidade perfeitamente identificável e idêntica para todos. Procura apenas demonstrar que o primeiro reflexo do telespectador é tentar determinar se as imagens falam do mundo real ou não e quais as ideias que se fazem deste mundo, pois essa visão de mundo varia de acordo com as idades e culturas. Em complemento a Jost (2012), Duarte (2012) acrescenta o pensamento de que o objeto de discussão não é tanto o real, mas os discursos que a televisão produz sobre ele, ou seja:

A tevê, como instrumento prodigioso que é, converte o mundo em fatos imediatamente acessíveis ao cotidiano planetário; mas, ao fazer isso, ela não só pausa o que é realidade, como reduz, como não poderia deixar de ser, o real ao discurso, construído na inter-relação de diferentes sistemas semióticos e midiáticos. (DUARTE, 2012, pág.10).

Isso quer dizer, conforme o pensamento de Duarte (2012), que a Televisão deve ser considerada não apenas pela sua função experimental de extensão dos sentidos, como afirmava McLuhan (1974), ou pela sua capacidade manipulatória, mas, também e principalmente pela sua força de constituição, de geração de realidades cujo caráter é discursivo.

O fato de o pensamento humano recorrer aos signos de a cultura constituir-se em um emaranhado de sistemas simbólicos e de as linguagens serem elementos de mediação e expressão dessas representações, desde sempre decretou a impossibilidade de acesso direto ao real. As mídias apenas acrescentam novos e diferentes empecilhos a esses acessos, recursos mais sofisticados que são na construção/representações dessas realidades. (DUARTE, 2012, pág.11).

A Televisão trabalha como mediação tecnológica para a realidade, já que os “textos-programa” (DUARTE, 2012) não podem ser considerados o real quando se leva em conta que apenas algumas de suas propriedades são transportadas para a superfície artificial do vídeo.

São figuras, não objetos do mundo. Além disso, as parcelas de real não correspondem a seleções arbitrárias: é o que fica enquadrado, é o movimento das câmeras, é o trabalho de edição e sonoplastia, que determinam o que e como vai ser mostrado. Nessa perspectiva, está-se frente a uma construção de linguagens, não mais ao real, mas a uma realidade discursiva. (DUARTE, 2012, pág.11)

Por este ponto de vista, acredita-se que as realidades televisuais possam ser fruto de uma construção discursiva fragmentada e parcial, de forma que diferentes fontes e referências a instituem, concebendo uma série de itens que satisfazem os interesses e curiosidades do telespectador. Mas, como atenta Duarte (2012), o mundo exterior deixa de ser a única fonte a partir da qual a televisão propõe realidades e as alimenta, e permite que outros meios desenvolvam seus próprios recursos de acesso ao real.

Um desses gêneros que, acredita-se, desenvolve diversos recursos ao real, é a série de TV, produto da teledramaturgia seriada com crescente investimento da indústria do entretenimento mundial.

Por definição, o seriado é uma coleção de contos com personagens fixos e possui objetivo autoral único, estruturado em episódios independentes que têm, cada um em si, uma unidade relativa (PALOTTINI, 1998). Ou seja, a história pode ter fim em cada episódio ou estender-se aos próximos capítulos da trama, seja por conta de um fato ligado a um personagem específico ou por uma trama da própria narrativa. É importante observar que, apesar disso, a interligação entre os episódios acontece com fruição, o que permite o entendimento mesmo que não se conheça a fundo a trajetória da série. Em um episódio, é possível ainda focar determinado ângulo da vida do personagem, um de cada vez, numa

estrutura que explora em profundidade o caráter contínuo das situações dentro da narrativa teledramatúrgica seriada. É o chamado *Ensemble Show*, cujo enfoque deixa de estar sobre um personagem específico e permite retratar cada personagem da trama como protagonista de uma história particular. Outro estilo adotado atualmente pela teledramaturgia seriada é o *Character-driven*, no qual as mutações pelas quais os personagens passam conduzem a trama, o que dá mais complexidade ainda a esse tipo de narrativa (STARLING, 2006).

Vale salientar que as temporadas das séries de TV norte-americanas costumam ter entre 12 e 22 episódios, com duração unitária de 25 ou 50 minutos, conforme o gênero ou objetivo do canal, sendo que as comédias ou SITCOM⁸ se encaixam na primeira categoria, enquanto os intitulados drama, ficção científica e policial, se encaixam na segunda.

Os episódios de cada temporada são exibidos ao longo de cinco a seis meses do ano, passando a ser reexibidos por mais seis meses, até o início da temporada seguinte. Já a unidade total do seriado pode ser dada pelos protagonistas, pelo tema, ou pela época, ligada, às vezes, ao local de ação. Mas, fundamentalmente, ela se dá por um objetivo autoral, uma visão de mundo que se pretende transmitir. (PALOTTINI, 1998, p.30).

A rigor, a sinopse da narrativa faz uma relação muito bem feita dos personagens e suas características, seu desenho pessoal e seu retrato, deixando bem definido o que se pretende abordar no seriado e qual é a sua filosofia. Geralmente, essa filosofia vem como um reflexo do desejo do público, a partir do *feedback* que os produtores recebem após a exibição sendo, o restante, imaginação bastante livre, como um reflexo da sociedade. A partir da sinopse e conforme o andamento da produção, os episódios vão sendo construídos, sendo que eles precisam apenas ser interessantes e não devem colidir com o que ficou estabelecido como básico e fundamental no caráter dos personagens, suas vontades e seus objetivos, no chamado piloto da série (PALOTTINI, 1988).

⁸ SITCOM, abreviatura da expressão inglesa Situation Comedy ("comédia de situação", numa tradução livre), é um estrangeirismo usado para designar uma série de televisão com personagens comuns onde existem uma ou mais histórias de humor encenadas em ambientes comuns como família, grupo de amigos, local de trabalho.

Uma característica comum a quase todas as séries é a longa duração, com possibilidade de se estender em várias temporadas, sendo este aspecto eficaz para a complexidade, um dos principais motivos desses programas serem alvo do “princípio da fidelidade”. Segundo Starling (2006), o espectador, interessado em acompanhar os desdobramentos da história e fígado pelas transformações dos personagens, acompanha o desenvolvimento das mesmas ao longo do tempo, além da sua evolução e mudança física e social: “A série de TV deixa então de ser simplesmente um *ersatz*⁹ do cinema, rádio e teatro para se tornar um processo narrativo único, que inclui insensivelmente – mas inelutavelmente – o triplo envelhecimento do personagem, do ator e do espectador.” (STARLING, 2006, p.15).

Da mesma forma, François Jost, em análise sobre o sucesso dos seriados, apresenta a hipótese de que “a importância das séries nas práticas culturais vem menos da lição de anatomia que nelas se encontra e mais do exame das relações que elas estabelecem com seus espectadores” (JOST, 2012). Sendo assim, o sucesso de uma série de TV deve-se menos aos procedimentos visuais, retóricos ou narrativos que ela utiliza e mais ao ganho simbólico que ela proporciona àqueles que a assistem.

As séries representam a vontade de aprender sobre os momentos críticos por que passa o ser humano, mas, ao mesmo tempo, elas direcionam-se para além do campo do conhecimento coberto pelo discurso realista, ao campo muito vasto da crença em uma outra verdade, além da oficial. (JOST, 2012, p.32).

Jost (2010, p.24) afirma ainda que a “seriefilia substituiu a cinefilia” e, embora dela se distinga, alguns de seus traços foram por ela assimilados, como o conhecimento preciso das intrigas, das temporadas, dos comediantes, de suas carreiras, dos autores, de suas trajetórias e dos acasos e percalços da realização dos projetos e das datas de difusão.

⁹*Ersatz* é uma palavra alemã que tem significado literal de substituto.

É essa perspectiva que assumem os recentes livros sobre o assunto: um dissecar a “arte das séries.” (COLONA, 2010); outro se pergunta se elas não são “o futuro do cinema.” (ESQUENAZI, 2010); outro, ainda, as toma como pretexto para filosofar (SAINT-MAURICE, 2009). Quer a gente as situe no território artístico, quer as coloque em posição de suceder a sétima arte, quer as examine via Descartes, Spinoza ou Sartre, tudo isso apenas demonstra que hoje elas são respeitadas pelos pesquisadores, que não têm mais medo de revelar seu interesse. (JOST, 2012, p.24).

O teórico francês apresenta a ideia de que a ficção chega através de algumas vias de acesso específicas ao público, sendo um forte “sintoma” do gênero série (JOST, 2012). Uma dessas vias seria a atualidade, que atuaria de duas formas: pela dispersão e pela persistência. A dispersão seria a “espuma do dia, a aparição e desaparecimento de todos esses acontecimentos, pequenos ou grandes, que atravessam a vida das pessoas e das mídias no cotidiano” (JOST, 2012, p.28). Já a persistência, seria aquilo que os telespectadores sentem como contemporâneo ou como o próprio Jost coloca, o “inflar” do presente para se construir uma duração mais longa. “A persistência motiva os objetivos dos heróis das séries ao mesmo tempo em que os coloca em situações com as quais o espectador se identifica.” (JOST, 2012, p.29).

Outra via de acesso à ficção se estabelece, segundo Jost, a partir da universalidade antropológica, ou seja, o tema é tanto universal quanto pessoal, tocando diretamente na condição humana e se esquivando de um “discurso realista” (JOST, 2012).

A terceira via, como o autor argumenta, seria a que mais caracteriza as séries americanas atuais, ou seja, a midiaticização.

Longe de se dirigir diretamente à realidade, como essa famosa janela aberta para o mundo ao qual seguidamente se resume a televisão, elas não se comunicam, na maioria das vezes, com ela a não ser por intermediação da imagem sob todas as suas formas. [...] No mundo das séries, a verdade surge sempre através das imagens: imagens da atualidade que a televisão despeja, ou imagens índices que confundem os culpados. (JOST, 2012, p.32).

Jost aponta, ainda, a força que as séries americanas parecem ter em meio às

produzidas em outros países¹⁰. Em suas palavras, tal força é resultado de duas aspirações contraditórias: “do desejo de explorar o novo continente, de ir rumo ao desconhecido, de descobrir o estrangeiro e, ao mesmo tempo, do desejo de encontrar nesses mundos construídos a familiaridade reconfortante de uma atualidade que é também a nossa.” (2012, p.32).

Toda ficção é um país, que se tem maior ou menor desejo de descobrir, que nos é mais ou menos simpático, do qual amamos ou não os habitantes, e cujos personagens são melhores ou piores guias. Alguns nos perturbam de tal modo, seu universo é tão distante do nosso; outros tranquilizam-nos porque tudo neles nos parece familiar. (JOST, 2012, p.32).

A relação espectador-herói é medida a partir do nível aristotélico de elevação dos personagens, estabelecido por Northrop Frye em 1969 (JOST, 2012, p.33). O autor cita que os níveis distinguidos pelo crítico canadense foram: Mítico, Romanesco, Mimético Alto, Mimético Baixo e Irônico¹¹.

Para Frye (1969), Mítico seria o modo como as ficções contam histórias sobre seres de natureza diferentes dos seres humanos, ou super-heróis. Já o modo Romanesco traz ficções que colocam em cena personagens humanos, porém considerados superiores em relação ao homem e ao seu ambiente. O modo Mimético Alto apresenta ficções que colocam em cena as narrativas de heróis superiores ao ser humano, mas não ao seu ambiente, além de possuírem habilidades raras que os destacam dos outros. Quanto ao modo Mimético Baixo, ele é percebido em ficções com roteiros sobre personagens iguais aos seres humanos e ao seu ambiente, com seus grupos, profissão e vida privada. Para terminar, o modo Irônico traz ficções que centram a história em personagens inferiores em força, beleza, inteligência e tudo que os coloque em posição de humor.

¹⁰ Em seu texto “Do que as Séries Americanas são Sintoma” (2012), Jost analisa o público francês das séries americanas CSI (Crime Scene Investigation), Lie To Me e The Mentalist (p.26).

¹¹ Cada uma das distinções foi estabelecida levando-se em conta o nível de superioridade dos seres humanos retratados como personagens principais das narrativas. Os níveis foram baseados no formato literatura.

Levando-se em conta essa classificação, *The L Word* se encaixa no nível Mimético Baixo (JOST, 2012, p.35), ou seja, faz parte das ficções que se desenvolvem a partir de roteiros sobre personagens que são iguais aos seres humanos e ao seu ambiente. Encontram-se nesta categoria todas as séries nas quais o herói oscila entre sua vida profissional e privada. Nesse sentido e considerando ainda o pensamento de Jost, podemos chamar as protagonistas de “heroínas”, sendo assim, elas seriam a fragmentação da figura principal lésbica, ou seja, muitas personagens que contribuem para uma mesma finalidade, uma heroína coletiva. “Ao passo que a ficção com herói único privilegia fortemente os seres excepcionais, as séries com heróis coletivos giram em torno dos personagens com dimensões humanas.” (JOST, 2012, p.37). O modo Mimético Baixo que, de certa forma, se identifica com o realismo, permite o reconhecimento dos personagens pelo espectador, por mais desconhecidos e distantes ou de diferentes origens e culturas eles sejam.

O realismo é um tipo de discurso que obedece a regras estritas, não se pautando pela exatidão ou a conformidade com nosso mundo, mas pela impressão que causa ao ser proferido por um narrador que conhece o seu ofício. [...] O que seduz o telespectador não é, portanto, encontrar a cópia exata do nosso mundo, mas sim, e, sobretudo, identificar um modo de narração, um discurso, com o qual ele está habituado. (JOST, 2012, p.43).

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma ligação entre o espectador e a narrativa não necessariamente pautada pela exata retratação da realidade.

Outro aspecto importante, ainda relacionado à classificação do modo Mimético Baixo, diz respeito ao acompanhamento público-série. Nele, o tempo passa de uma forma diferente nas séries de TV em relação aos filmes ou às novelas, já que um filme exibido em cinemas comerciais costuma ter, em média, a duração de duas horas, tempo aproximado de um longa-metragem. Apesar deste poder ser visto repetidas vezes e em diversos meios, ele possui um tempo diegético determinado, cercado entre o começo e o fim da película. Ou seja, o filme faz um recorte que dura um determinado tempo no qual somente o personagem

envelhece, não o espectador.

Uma novela brasileira, por exemplo, independente de seu sucesso, dura menos de um ano. Apesar de haver passagem de tempo real e ficcional, esse tempo é curto em relação ao período em que uma série de TV fica no ar. Segundo Duarte (2012, p.14), a telenovela feita no Brasil possui em média sete meses, com capítulos exibidos de segunda-feira a sábado, diferenciando-se dos seriados, basicamente, no que diz respeito ao tempo de exibição, à construção da narrativa e à articulação dos episódios.

Diferentemente delas, os seriados são longos; ao invés de capítulos, apresentam-se sob a forma de episódios autônomos, mas articulados entre si e exibidos por temporadas com mais ou menos a mesma quantidade de emissões, ficando no ar, via de regra, enquanto houver patrocínio e interesse por parte do telespectador. Assim, ao contrário das telenovelas, elas não acabam: procuram manter os focos temáticos, os personagens principais, os cenários e, grande desafio, a tonalidade (DUARTE in JOST, 2012, p.14).

As *Soap Operas*¹², como são chamadas as novelas americanas, costumam durar anos, ou seja, um tempo diferente das novelas latino-americanas. Elas possuem, de certa forma, um gênero semelhante ao das séries de TV, isso porque o tempo que permeia a exibição de um seriado, se este obtiver sucesso e financiamento, normalmente é longo. Uma série de TV tem uma quantidade média de cinco temporadas ou 60 episódios, sendo que sua temporada é iniciada, geralmente, em uma estação do ano, como o outono, por exemplo. Além disso, os episódios são exibidos semanalmente e por um semestre, costumando ser reprisados no semestre seguinte.

Esses fatores dão particularidades às séries e contribuem para o processo de representação simbólica que o seriado acaba provocando em seu público. O acompanhamento da trama e da vida dos personagens ultrapassa os limites da ficção, já que ambos entram em processo de evolução conjunta enquanto a trama está no ar.

¹² As novelas norte-americanas receberam o apelido de *Soap Operas*, ou óperas de sabão em tradução literal, ainda na época do Rádio, porque empresas de produtos de limpeza e beleza, como Colgate-Palmolive e Procter&Gamble, eram seus os principais patrocinadores e produtores. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Soap_opera> - Acesso em 13 de agosto de 2012.

Atualmente, muitas séries são novelescas: mesmo quando o conflito é fechado, não somente os personagens evoluem, mas os atores envelhecem. Submetidas à sucessão de temporadas que acompanham toda série de sucesso, essas marcas do tempo que passa remetem, como um espelho, à imagem de nosso próprio envelhecimento. (JOST, 2012, p.32).

Sendo assim, séries como *The L Word*, *Sex and The City* e *Desperate Housewives* fornecem, antes de tudo, conhecimento sobre os comportamentos nesta ou naquela situação, já que é possível acompanhar, por muito tempo e evolutivamente, a vida, os amores, os medos, as vitórias e as derrotas dos personagens. Mesmo não sendo, esta vida, a exata representação da realidade, pode-se afirmar que “as séries atuais nos fazem penetrar em um mundo perto da nossa casa, um mundo próximo.” (JOST, 2012). Elas mostram personagens da atualidade, que convivem em um grupo e com o qual compartilham ideias, segredos e aventuras. Assim, elas conseguem estabelecer um diálogo mais direto e contínuo com os fãs.

A série estudada neste trabalho pode ser encaixada em tal classificação, já que, ao apresentar um grupo de mulheres lésbicas como protagonistas em uma cidade americana, ela procura retratar certas lesbianidades dominantes dentro dos estereótipos comumente associados às homossexuais femininas. Mesmo não se fechando em apresentar estereótipos já conhecidos da comunidade lesbiana, como a *butch* ou a *femme*¹³, a série recebeu sérias críticas ao apresentar mulheres lésbicas com alto poder aquisitivo. Ao longo das temporadas, e por conta das diversas reclamações que a produção da série recebeu, aumentou-se a amplitude das identidades lésbicas, mas ainda é insuficiente, conforme coloca Warn (2006): “como a série foi o primeiro drama lésbico na televisão americana, não tinha como suportar em si todas as representações existentes na comunidade lésbica”. Ilene Chaiken disse, à época do lançamento da série: “Eu não tenho a intenção de representar a todas. Os personagens

¹³ *Butch* e *Femme* são termos que descrevem lésbicas com, respectivamente, traços comportamentos, estilos, expressões, auto-percepção masculinos e femininos. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Butch_and_femme> - Acesso em 15 de agosto de 2012.

refletem uma comunidade de mulheres que conheço bem – mas são mulheres, em grande parte, ricas, atraentes e bem familiarizadas.” (MCCROY, 2005, p.20).

Pode-se dizer que houve uma pressão para atender às expectativas de um público que se sentia, nas palavras de Stacey D’Erasmus, “não só não-representada, mas de alguma forma ‘irrepresentável’” (D’ERASMO, 2004, p.6), ou seja, são tantas e diversas as identidades lésbicas, em trânsito e fluidas, que não podem ser reproduzidas em sua totalidade dentro de um produto audiovisual.

O que importa é perceber que, como Warn (2006) enfatiza, amar ou odiar a série importa pouco frente à representatividade que ela teve por ser a primeira tentativa de tornar as lésbicas o centro das atenções.

Finalmente temos um grupo de pessoas na televisão, cujas vidas se assemelham à nossa - uma versão mais bonita e bem sucedida de vida da maioria das lésbicas, com certeza, mas com as conversas, interesses e amizades que ressoam em muitas espectadoras lésbicas de uma forma que a maioria esmagadora das histórias heterossexuais ou ‘pisque-e-você-perdeu-as-lésbicas-na-TV’ (sic) não pode.¹⁴ (WARN, 2006, p.3).

Dessa forma e a partir do pensamento de Jost (2012), podemos chamar as personagens de *The L Word* de “heroínas” coletivas, por representarem parte da diversidade lésbica a partir de uma narrativa recortada em certo momento e local. Narrativa esta que, como será observado no capítulo seguinte, foi lançada e mantida como transmidiática, com tráfego intenso pelos meios de comunicação dos ambientes digitais.

¹⁴ We finally have a group of people on television whose lives resemble our – a more beautiful and successful version of most lesbians’ lives, to be sure, but with the conversations, interests and friendships that resonate with many lesbian viewers in a way that the overwhelmingly heterosexual or blink-and-you’ll-miss-it lesbian storylines on TV cannot. (WARN, 2006, p.3).

3.2 A TELEVISÃO TRANSMÍDIA

O início do século XXI chegou com movimentos criados pelos fãs para conseguir assistir às suas séries preferidas. Eles se envolveram em comunidades virtuais, passaram grande parte do tempo aprendendo a utilizar softwares de compartilhamento na Internet e a legendar os episódios, assim como desenvolveram os meios para assisti-los (AGOSTINI, 2010). Esse desenvolvimento, muito além da simples tecnologia, aconteceu tanto por causa do ambiente das redes colaborativas quanto dentro dele (JENKINS, 2010).

Os espectadores, incentivados muitas vezes pelas próprias produções, estabeleceram uma interação muito mais intensa com o produto audiovisual através da troca de impressões e sensações, críticas e posicionamentos com outros espectadores, tudo isso em uma velocidade altíssima, quase em tempo real. Até então, os fãs esperavam cerca de seis meses para assistirem suas séries preferidas. No entanto, após o surgimento da WEB 2.0 (Rede de Alcance Mundial ou WWW - World Wide Web), os espectadores adquiriram certos “poderes” sobre os produtos audiovisuais.

Esse ambiente tecnológico que permitiu a troca de arquivos e a manipulação de sites, como blogs e redes sociais, possibilitou o chamado movimento de convergência dos meios. Jenkins (2009) atenta para o fato de que a convergência dos meios não segue a chamada “falácia da caixa preta”, ou seja, vários produtos e conteúdos confluindo para um único meio ou aparelho. Na verdade, convergência midiática é o tráfego de um produto cultural entre diversas mídias, diferentes aparelhos ou plataformas e em vários formatos. Além disso, a narrativa ficcional que se desenvolve e trafega nessa convergência é chamada de narrativa transmídia (JENKINS, 2009).

É uma história transmidiática aquela que se desdobra através de múltiplas plataformas de mídia, cada qual com um novo texto, fazendo uma colaboração distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor, a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, em romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em *games* ou experimentado como atração de um parque de diversões. (JENKINS, 2009, pág.135)

Muitas vezes, acontece também dos fãs criarem suas próprias narrativas a partir do conteúdo ou da ideia do produto que idolatram. Sendo assim, a partir do momento em que eles tiveram acesso aos vídeos, músicas, imagens das séries (ou outro produto cultural), eles passaram também a manipulá-los e a produzir seus próprios produtos, como os *fan fictions*¹⁵ e clipes musicais, entre outros.

É importante levantar a seguinte questão: Por que esse nível de envolvimento dos fãs com um seriado? De acordo com o que afirma Pinheiro, a resposta seria “porque à medida que a tecnologia dá poder às pessoas, os consumidores desenvolvem a necessidade de exercer mais controle sobre o seu ambiente imediato.” (PINHEIRO, 2008, p.165).

Um espaço público, coletivo e acentrado é construído pelas tecnologias de comunicação e de produção de imagens, originando novas formas de coletividade, de interação e de inteligência onde são deslocados e/ou dissolvidos os pontos de referências tradicionais, tais como emissor e receptor, artifício e realidade, sujeito e natureza, observador e objeto, espaço e tempo, categorias que até então norteavam posições objetivas e determinavam uma relação de inserção ou de exterioridade no espaço público. Agora, habita-se um espaço-informação constituído por máquinas plugadas em redes globais onde tudo e todos parecem se conectar. (PINHEIRO, 2008, p.158).

Essa nova forma de produzir e compartilhar conteúdo, quando comparado ao modelo tradicional de comunicação, que considera um emissor enviando a mensagem através de um meio para seu receptor, passa a se transformar, sendo envolvido em um novo processo.

Diante disso, acredita-se que o interesse em acompanhar a vida e a trama cotidiana dos personagens apresentados pelas séries, aliado à possibilidade de interação com

¹⁵ Qualquer narração em prosa com histórias e personagens extraídos dos conteúdos dos meios de comunicação de massa e divulgados de forma independente. (JENKINS, 2009, p.380).

outras pessoas, também atraídas pelo mesmo conteúdo, motivou os espectadores a descobrirem, na Internet, uma forma de acompanhar com mais proximidade o andamento de seus programas (JENKINS, 2009). Assim, o público passou a ter acesso aos episódios no momento do lançamento, além de terem tido a possibilidade de compartilhar suas opiniões e arquivos com amigos e grupos.

Essa colaboração entre o público do seriado ampliou o envolvimento e a relação desse público com os meios de interações tecnológicas, como redes sociais, blogs, softwares específicos, sendo chamada por Jenkins como uma nova era, a da Convergência das Mídias, que transforma a audiência solitária em comunitária.

4 MOVIMENTO E CONTEÚDOS DIGITAIS

O contemporâneo tem uma característica marcante: o movimento. Em velocidade nunca antes vista a sociedade atual navega, por novas mídias e pelas tecnologias de informação e de entretenimento, com a finalidade de encontrar conteúdo. As formas como se navega por tais conteúdos modificam-se diariamente e fazem surgir novas formas de política, economia e cultura. Da mesma forma, a mídia da contemporaneidade pode ser considerada tecnológica e fluida, capaz de ocupar diversos espaços e estabelecer diferentes códigos de linguagens, manifestações artísticas e elaborações simbólicas. Além disso, conforme as palavras de Jenkins (2009, p.33), “o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas.”. Os principais conceitos sobre a Cultura da Convergência e novas mídias, com destaque para as características que fizeram de *The L Word* um exemplo peculiar da convergência dos meios, serão tratados nos capítulos adiante.

4.1 A CONVERGÊNCIA DOS MEIOS

Desde que a Internet ganhou força e tornou-se *World Wide Web*, por volta dos anos 1990, percebeu-se que o meio apresentado, no início, para simples interconexão de dados, na verdade seria “a improvável intersecção entre a *big science*, a pesquisa militar e a cultura libertária” (CASTELLS, 2003, p.19), configurada em um novo sistema de comunicação capaz de falar a língua digital e responsável por integrar globalmente e de forma

realista as palavras, os sons e as imagens da cultura mundial. (CASTELLS, 1999, p.40). Caracterizada também como um local de compartilhamento de informações e conteúdos, surge então a chamada cibercultura, como se denominava na época, definida de uma forma geral como o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (SANTAELLA, 2003, p.77). Local no qual esse novo meio de comunicação, feito pela interconexão mundial de computadores, abrange não só a infra-estrutura material da comunicação, como também permite aos seres humanos o uso de toda informação que ele abriga (LÉVY, 1999, p.17).

Por volta de 2003, como já citado, foi desenvolvida a WEB 2.0, também chamada de segunda geração da Internet, uma tecnologia capaz de, através de bandas largas de conexão, enviar e receber grande quantidade de dados em alta velocidade, diminuindo ainda mais o tempo e a distância entre os internautas. Fato este que aumentou consideravelmente o volume de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais, com isso, o ambiente da rede tornou-se mais dinâmico com a interação do usuário, já que seria possível participar de maneira efetiva da criação e organização do conteúdo disponível na rede. Essa nova tecnologia permitiu a criação de blogs de fácil manutenção, de sites de relacionamento, como o *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*, de ferramentas de atualização automática de conteúdo, como o *Really Simple Syndication* (RSS), de sites com *streaming*¹⁶ de vídeo em alta definição e dos softwares de compartilhamento de conteúdo, como o *Peer to Peer* (P2P). Os usuários da rede começaram a interferir na criação, divulgação e circulação do conteúdo midiático da rede, gerando um grau de colaboração que passou a concorrer com as formas tradicionais de veiculação de conteúdo. Criou-se um movimento de convergência dos produtos veiculados na Internet que pode ser entendido como uma cultura do contemporâneo

¹⁶ *Streaming* ou fluxo de mídia é a distribuição de informação multimídia numa rede através de pacotes de dados. O usuário geralmente não armazena o material visualizado em sua máquina, ela é exibida à medida que chega ao computador e na velocidade proporcional ao que a largura da banda da Internet permite.

(JENKINS, 2009).

Os produtos televisivos, como o seriado, estavam inseridos neste contexto, ou seja, em um cenário de convergência digital globalizada. Eles passaram a trafegar por diversos meios, como Internet ou celular, e plataformas, como televisão aberta ou a cabo, por demanda, o que significava também o tráfego por diferentes linguagens. Nesse sentido, surgiram as narrativas transmidiáticas, ou *trasmídia storytelling*, que já são criadas com características apropriadas à difusão por diferentes meios, como cinema, rádio, celular, Internet, DVD, CD e videogames, por diversas plataformas e em diversos formatos, como telenovela, série, minissérie, película, *soap opera*, etc.

É uma história transmidiática aquela que se desdobra através de múltiplas plataformas de mídia, cada qual com um novo texto, fazendo uma colaboração distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor, a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida para a televisão, em romances e quadrinhos: seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. (JENKINS, 2009, p.138).

The L Word, como uma narrativa transmidiática, por exemplo, desde sua estreia trafegou por diversas mídias. Logo que um episódio era exibido nos Estados Unidos, rapidamente alguns espectadores e usuários da rede já o capturavam, com softwares específicos de gravação a partir de sites de vídeos, e o compartilhavam pela Internet. Além disso, trilhas sonoras, objetos de uso pessoal relacionados à série e *podcasts* foram feitos especificamente para as fãs da série¹⁷, assim, cada produto determinado se tornou um ponto de integração com o seriado. Para Jenkins (2009, p.138), o espectador se torna um consumidor mais fiel e motivado quando o produto cultural é compreendido através de diversos meios.

¹⁷ Site específico de compras e *merchandising* da série *The L Word* disponível em http://store.sho.com/apparel-accessories/index.php?v=showtime_shows_the-l-word_apparel-and-accessories&ecid=PRF-SHO-S00914&pa=PRF-SHO-S00914 - Acesso em 15 de agosto de 2012.

Oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor. A lógica econômica de uma indústria de entretenimento integrada horizontalmente – isto é, uma indústria onde uma única empresa pode ter raízes em vários diferentes setores de mídia – dita o fluxo de conteúdos pelas mídias. Mídias diferentes atraem nichos de mercados diferentes. (JENKINS, 2009, p.138).

Vale descrever sobre este processo de compartilhamento, assim, sendo feito por programas ou por simples recodificações, não deve ter sido um procedimento difícil de inventar, principalmente para os *hackers*. Os fóruns de discussão sobre a própria rede já estavam repletos de dicas sobre como baixar áudio e vídeos disponibilizados originalmente por *streaming*. Além disso, já existiam hardwares e softwares que conseguiam capturar diretamente a programação exibida na TV e convertê-la em pacote de dados com extensões como Audio Video Interleave (AVI), Real Media Variable Bitrate (RMVB) ou Windows Media Video (WMV)¹⁸. Feito isso, era só conseguir uma forma de enviar esses dados para a WEB rápida e gratuitamente.

Um dos processos de vanguarda do compartilhamento, mencionado anteriormente, surgiu nos anos 1990 e foi chamado de P2P. Ele foi adotado por grande parte dos usuários, principalmente, por se caracterizar como um procedimento altamente comunitário. Nele o usuário é, ao mesmo tempo, cliente e servidor. Ou seja, da mesma forma como ele emite, ele também recebe os dados e vice-versa. Isso faz com que tanto a informação quanto os recursos da rede possam ser disponibilizados de forma distribuída, sem depender tanto de uma visão global. A rede P2P também se caracteriza pela comunicação direta entre os *peers* ou *seeders* (semeadores)¹⁹. São grupos interligados e independentes que compartilham conteúdo durante todo o tempo em que o programa está aberto. Com essa técnica, o episódio de um seriado de TV com tempo de duração de, aproximadamente 50 minutos, convertido em um arquivo de dados, que dependendo de sua extensão podem fazer

¹⁸ Todos são formatos de vídeo.

¹⁹ Peer é a máquina que possui apenas partes do arquivo compartilhado. Seeders são os usuários que já baixaram o arquivo completamente, geralmente com boa qualidade. Quanto mais seeders, maior a velocidade de download.

com que o arquivo fique com o tamanho de 200Mb a 600Mb, é enviado como um link para um site específico chamado Torrent²⁰.

Através de programas como o *BitTorrent* ou o *uTorrent*, instalados no computador do usuário, é feita a conexão com esse arquivo. Imediatamente ao começo do download, o usuário se torna provedor para outros usuários. O tempo para baixar um episódio de série de TV é de cerca de duas horas, numa conexão banda larga de 2Mbps²¹ de velocidade.

Assim que recebam o episódio, os *seeders* responsáveis pelas legendas²², que possuíam conhecimento da língua inglesa, assistiam à série, copiavam os diálogos, traduziam do inglês para o Português e disponibilizavam as legendas dos episódios em arquivos como o Shortest Remaining Time (SRT), de forma gratuita para download. Com *codecs*²³ especiais para embutir legendas aos arquivos de vídeo, era possível, então, assistir ao seriado no Brasil com, no máximo, dois dias de atraso em relação ao seu país de origem.

A princípio, os seriados eram exibidos exclusivamente nos canais de TV aberto e fechado. Porém, após o surgimento da Internet, e mais tarde da banda larga, a rede tornou-se um dos locais de maior abrigo e repercussão desse tipo de dramaturgia audiovisual, o que fez desse estilo de narrativa um dos mais significativos representantes da narrativa transmidiática, cada vez mais centrada no público que tem potencialidades para ser produtor, receptor e utilizador do dispositivo. Para Agostini, “esse público começa a fazer parte de uma rede de relacionamentos interativos entre todas as partes envolvidas no processo: telespectador, criador, produtor e Internet.” (AGOSTINI, 2010, p.74).

²⁰Torrent é um arquivo pequeno (em torno de alguns kilobytes) que contém todas as informações necessárias para baixar um arquivo compartilhado pela rede P2P.

²¹A velocidade da conexão banda larga é medida em bits por segundo. 1 Mbps or Mbit/s é uma unidade de transmissão de dados equivalente a 1.000 kilobits por segundo ou 1.000.000 bits por segundo. É diferente quando temos uma unidade MBps, que é MegaByte por segundo. 1 Byte = 8 bits.

²²Sites específicos de legendas reúnem centenas de tradutores voluntários, que acompanham o lançamento das séries, assistem primeiramente os episódios e disponibilizam os arquivos para serem baixados e acoplados às séries. Disponível em <www.legendas.tv> - Acesso em 10 de agosto de 2012.

²³Codec é um conjunto de instruções que fica a disposição para que o sistema operacional possa ler o arquivo de vídeo, áudio ou foto, por exemplo.

O fenômeno provocado pelo compartilhamento dos seriados na Internet, que para as espectadoras de *The L Word* teve início em 2004, faz parte do contexto da Cultura da Convergência, termo cunhado pelo estudioso de mídias Jenkins (2009), em seu livro homônimo. Pela definição do autor, convergência é o fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, com cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e através de comportamento migratório do público dos meios de comunicação que vão, a quase qualquer parte, em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Ainda segundo o autor, a sua definição de Culturada Convergência está embasada em três elementos: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e aos comportamentos migratórios dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p.29).

Podemos considerar, de uma forma geral, que o modelo da Cultura da Convergência de Jenkins combina com o modelo tradicional de comunicação, superando-o com transformações. Ou seja, sugere um processo de comunicação em que os meios são ambientes ou dispositivos digitais, pelos quais trafegam os conteúdos, ou seja, as mensagens, que são tanto produzidas quanto consumidas por um público participativo, de forma que essa circulação ambivalente de informações, entretenimento, etc., contribuem para a criação coletiva. Em sua visão, convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos (JENKINS, 2009, p.30).

A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal,

a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2009, p. 30).

A circulação de conteúdos, por meio de diferentes sistemas midiáticos, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais, depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Esse público diferenciado e participativo não só se une em torno do compartilhamento das ideias, recursos e habilidades, como também era um processo transnacional de divulgação de produtos culturais. Na conclusão de Jenkins (2009), o que consolida uma inteligência coletiva não é a posse do conhecimento, considerada estática, mas o processo social dinâmico e participativo de aquisição do conhecimento que continuamente testam e reafirmam os laços sociais do grupo.

Para Jenkins (2009) a convergência é um processo e não um ponto final. A atual Cultura da Convergência acontece na esteira da revolução digital, cujos defensores argumentam que as novas mídias representam o futuro e as velhas mídias irão desaparecer. No entanto, como Jenkins observa, há uma grande diferença entre mídias e tecnologias de entrega dessas mídias. Mídias são denominadas como tecnologias que facilitam a comunicação e práticas sociais associadas a ela, como por exemplo, os filmes. Já as tecnologias de entrega são os dispositivos que permitem acessar certos meios de comunicação. Neste caso, seriam o cinema, a TV, os canais assinatura, o computador, o DVD, o celular ou o *tablet*. Em outras palavras, as tecnologias de entrega podem mudar, mas o que realmente pode-se perceber é uma interação entre as novas e as mídias antigas, já que a velha mídia nunca desaparece totalmente.

Como muitas outras coisas no atual ambiente de mídias, a verdade está no meio-termo. Cada vez mais, líderes da indústria midiática estão retornando à convergência como uma forma de encontrar sentido, num momento de confusas transformações. A convergência é, nesse sentido, um conceito antigo assumindo novos significados. (JENKINS, 2009, p.33).

Há outras concepções sobre convergência, que Jenkins rotula como “Falácia da Caixa Preta” (JENKINS, 2009, p.40) afirmando que, eventualmente, todos os conteúdos multimídia irão fluir através de uma única fonte, nas salas de estar ou no aparelho carregado na bolsa. No entanto, ele acredita que este é um pressuposto equivocado. Para ele, os meios podem ser convergentes, mas as tecnologias de entrega são divergentes. Ou seja, uma mídia existente, como a música gravada, pode ser amplamente disponível e divulgada dentro do mercado de televisão, na Internet, nos filmes e nos jogos de vídeo. Ao mesmo tempo, há um número cada vez maior de dispositivos de distribuição especiais como CD, DVD, MP3 *players*, *iPods*, computadores, entre outros, para que a música seja compartilhada.

Jenkins acredita que o conteúdo de um meio pode mudar, assim como seu público também, e que seu status social pode subir ou cair, mas quando um meio se estabelece e satisfaz uma necessidade humana, ele continua a funcionar dentro de um “sistema maior de opções de comunicação” (JENKINS, 2009, p.41). Assim, é possível consolidar meios múltiplos em um espaço, mas os aspectos diferentes para as nossas vidas incentivam as empresas a produzirem tecnologias de entrega divergentes. Em outras palavras, a convergência envolve tanto uma mudança na forma como os meios são produzidos quanto no jeito como os produtos culturais são consumidos.

Além disso, Jenkins (2009, p.30) relaciona a convergência com dois outros conceitos: Cultura Participativa e Inteligência Coletiva, o que é comprovado pelo fato de seu trabalho sempre ter demonstrado que as audiências dos meios de comunicação são ativas, ao invés de consumidores passivos, e que a Cultura Participativa baseia-se nessa ideia. Dentro de uma Cultura da Convergência, produtores de mídia e consumidores começam a interagir uns com os outros, de acordo com um novo conjunto de regras não muito bem compreendidas. Pelo conceito vindo de Lévy (1993) e citado por Jenkins (2009), “inteligência coletiva” se refere ao que acontece quando os consumidores trabalham juntos a fim de recolher

informações e, com isso, afetar os ambientes de mídia. Ele explica que “nenhum de nós pode saber tudo, cada um de nós sabe alguma coisa, e podemos encaixar as peças ao juntar os nossos recursos e combinar as nossas habilidades” (JENKINS, 2009, p.30), ou seja, quando os consumidores trabalham em conjunto na criação de inteligência coletiva, eles formam "comunidades de conhecimento", um termo que o autor toma emprestado de Piérre Levy.

A televisão começou como uma rua mão única, que ia dos produtores até os consumidores, mas hoje essa rua está se tornando de mão dupla. Um homem com uma máquina (uma TV) está condenado ao isolamento. Mas um homem com duas máquinas (uma TV e um computador) pode pertencer a uma comunidade. (SELLA, 2002 apud JENKINS, 2009, p. 327).

Jenkins (2009) corrobora com as palavras de Marshall Sella, do New York Times, que apresenta uma visão habilmente resumida da participação e da inteligência coletiva: a Internet tornou possível a interatividade, sonho “grandioso” da televisão.

4.2 FÃS E SUA CULTURA

Em trabalhos da década de 90, Jenkins descreveu o fã como um estereótipo estranho, que ocupava as margens de audiências da mídia e não a sociedade como um todo.

Em suas palavras:

O fã continua a constituir uma categoria escandalosa na cultura contemporânea, um alternadamente alvo de zombaria e de ansiedade, de medo e desejo. [...] o fã continua a ser um adorador fanático ou falso, cujos interesses são fundamentalmente estranhos ao reino da experiência 'normal' cultural e cuja mentalidade é perigosamente fora de contato com a realidade. (JENKINS, 1992, p.15).

Fica claro que o trabalho de Jenkins deve ser colocado dentro do contexto histórico dos estudos do *fandom*, um termo utilizado para se referir à subcultura dos fãs em geral, caracterizado por um sentimento de camaradagem e solidariedade com outros que compartilham os mesmos interesses.” (JENKINS, 2009, p.39). Em 1992, o domínio dos fãs era visto como um tema absurdo para os acadêmicos e a partir desse quadro seria difícil argumentar contra as descrições do autor. O fato é que, desde então, o autor dedicou-se a diminuir o estigma negativo que envolvia a prática de ser fã. Como o autor conclui, no final dos anos 1980, houve um interesse dos acadêmicos no estudo do *fandom*, provocado por uma atração à cultura dos fãs, definida por ele como “a apropriação e a transformação de material emprestado da cultura de massa” (Ibid, 2009, p.329).

Em 2009, Jenkins (2009, p.36) já retratava o *fandom* como um estado de transição, no qual os fãs se moviam das margens invisíveis da cultura popular para o centro do pensamento atual sobre meios de produção e consumo. Nesse sentido, a Cultura da Convergência incorpora estudos do *fandom* em teorias muito mais amplas sobre as novas mídias e a Internet.

Os fãs têm visto no ar mais programas que refletem seus gostos e interesses; os programas estão sendo planejados para maximizar elementos que exercem atração sobre os fãs; e esses programas tendem a permanecer por mais tempo no ar, pois, em casos extremos, têm mais chance de serem renovados. Eis o paradoxo: ser desejado pelas redes é ter seus desejos transformados em mercadorias. Por um lado, tornar-se mercadoria expande a visibilidade cultural do grupo. (JENKINS, 2008, p.95).

Essas comunidades de conhecimento se reúnem para coletar, discutir e processar as informações sobre o objeto de seu *fandom*. A Internet apenas exacerbou o processo, tornando possível a conexão entre um número imensurável de fãs que fazem parte de uma distribuição geograficamente mais ampla. São criados locais onde é permitido aos fãs discutir seus interesses imediatamente, de formas virtuais online, ou seja, nenhum membro das comunidades sabe tudo sobre um determinado tema, mas juntos eles formam uma inteligência

coletiva que pode aproximá-los para essa possibilidade. Além disso, as comunidades não devem ser vistas como depositários estáticos de informação, mas como processos desordenados e emocionantes de informações continuamente coletadas.

A indústria midiática está adotando a cultura da convergência por várias razões: estratégias baseadas na convergência exploram as vantagens dos conglomerados, convergência cria múltiplas formas de vender conteúdos aos consumidores, a convergência consolida a fidelidade do consumidor, numa época em que a fragmentação do mercado e o aumento da troca de arquivos ameaçam os modos antigos de fazer negócios. (JENKINS, 2009, p.325).

A Cultura da Convergência e as comunidades de conhecimento têm, igualmente, problemas novos e únicos dentro da economia de mercado, sendo eles relativos ao controle das mídias. Segundo Jenkins (2009, p.53) “o público, que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar intimamente da cultura”.

O fã sempre participou dos processos de produção cultural relacionados com a sua *fandom* e acabou por criar, em meios tão diversos, músicas, obras de arte, *fanzines*, *fan fictions* e filmes amadores. Na era da Internet, esses itens se tornaram muito mais visíveis e acessíveis ao grande público, não sendo mais necessário estar intimamente familiarizado com uma comunidade de fãs específica para se produzir um *fan fiction* ou comprar um produto comercial relacionado à série, já que para isso, atualmente, basta ter acesso à Internet.

A era da convergência das mídias permite modos de audiência comunitária, em vez de individualistas. Contudo, nem todo consumidor de mídia interage no interior de uma comunidade virtual, ainda: alguns apenas discutem o que veem com amigos, com família e com colegas de trabalho. Mas poucos assistem à televisão em total silêncio e isolamento. Para quase todos nós, a televisão fornece material para a chamada conversa na hora do cafezinho. E, para um numero crescente de pessoas, a hora do cafezinho tornou-se digital. Fóruns on-line oferecem uma oportunidade para os participantes compartilharem conhecimento e opiniões. (JENKINS, 2009, p.56).

Ou seja, há uma forte inclinação das pessoas em participar das redes colaborativas, tendência ampliada pela possibilidade de se tornarem produtores do mesmo conteúdo que consomem. Assim, temos o “novo público” consumidor de produtos culturais,

que se mostra ativo, migratório, conectado socialmente e “barulhento”, ou seja, com reações públicas à cultura que consome (JENKINS, 2009, p.47). A convergência das mídias pode ser considerada mais do que apenas uma mudança tecnológica, já que altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos, ou seja, transforma a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual são processadas a informação e o entretenimento.

Iniciou-se uma nova prática cultural e tecnológica que promoveu a conexão através de alta velocidade (banda larga) e tornou possível a troca de arquivos entre os usuários, além de possibilitar a interação em sites a partir de novos códigos de programação, como os *wikis* e os blogs. O compartilhamento se tornou, assim, uma das grandes possibilidades da Internet e foi neste momento, através desta tecnologia, que o status tanto do fã quanto das séries começou a mudar os interesses da indústria cultural.

Junto com o movimento da WEB 2.0, surgiu a formação das comunidades de fãs dentro das redes sociais, fato ocorrido a partir de interesses em comum. Foi possível perceber que pessoas antes consideradas, de acordo com Jenkins (2006), “marginais nas operações da nossa cultura, ridicularizados pela mídia, envolto em um estigma social, pressionado por debaixo dos panos por ameaças legais e muitas vezes descrito como insensato e desarticulado”²⁴ estavam sendo valorizadas.

Segundo Jenkins (2010) esse grupo passou a ser considerado fundamental para a forma como a cultura funcionaria. Considerando o início do novo milênio como ponto de partida, percebeu-se que as espectadoras e interessadas se uniram em comunidades e, em ações associadas a elas ou não, tornaram-se capazes de interagir de forma nunca antes imaginada com os produtos veiculados na Internet. Ainda segundo Jenkins (2010) criou-se a chamada cultura de fãs que, para ele, é aquela produzida por “fãs e outros amadores para

²⁴ “Poachers described a moment when fans were marginal to the operations of our culture, ridiculed in the media, shrouded with social stigma, pushed underground by legal threats, and often depicted as brainless and inarticulate.” (JENKINS, 2006, p.1)

circulação na economia *underground*²⁵ e que extrai da cultura comercial grande parte de seu conteúdo.” (JENKINS, 2009, p.378), ou seja, o fã participa ativamente. Ele não é somente uma audiência passiva, já que participa da produção e distribuição dos produtos culturais derivados do conteúdo comercial que idolatram.

Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobirmos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência. (JENKINS, 2009, pág.41).

Desde então, uma série de TV consegue atravessar fronteiras televisivas, sem a necessidade de canais para exibição ou horários pré-fixados, muito antes do previsto, ao público que a deseja. Com as novas tecnologias colaborativas, essa possibilidade tomou grandes proporções. Há, portanto, a extrapolação do ambiente televisivo para o qual o seriado foi criado e uma adaptação à interface computacional para a exibição dos episódios, com programas específicos, criação de legendas, exibição em telas pequenas, contato interativo com o conteúdo e domínio sobre a hora e o local que se quer assistir às séries baixadas.

É neste comportamento que se enquadraram as espectadoras da série *The L Word*, que podem ser consideradas fãs. Com o estudo de softwares e sites específicos para o compartilhamento de arquivos e dados, elas começaram a baixar os episódios, produzir e compartilhar as legendas em língua portuguesa, para que fossem acopladas a eles e elaboraram formas para distribuição da série para quem não tinha acesso²⁶. Da mesma forma, criaram redes colaborativas em ambientes propícios a esse tipo de coletividade, ou seja, a

²⁵ Underground tido aqui com o sentido de alternativo; à margem.

²⁶ Em entrevista realizada com o diretor de Audiência do Ibope, Antônio Ricardo Alves Ferreira, em abril de 2001, foi questionado a ele sobre a abrangência da TV por assinatura do país, que pela primeira vez era objeto de pesquisa da empresa. Ele afirmou, então: “Enquanto em cerca de 96% dos domicílios das nove maiores regiões metropolitanas há televisor e a população tem acesso às emissoras abertas, a penetração do sistema *pay TV* é de apenas 12%.” <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=Not%EDcias&docid=2BF3932ED211EBAC83256ECA00657A4C>> - Acesso em 29 de julho de 2012.

Internet. Com isso, puderam assistir à série pelo computador, participar de discussões em fóruns especializados, produzir suas próprias versões da história – os chamados *fan fictions*, baixar as músicas da série, além de criar a trilha sonora antes mesmo que a série fosse lançada pelo canal.

5 AS VANGUARDAS DE *THE L WORD*

Considerada a primeira série dramática da televisão norte-americana a apresentar um grupo de mulheres lésbicas como protagonistas de sua narrativa, *The L Word* pode ser vista como um exemplo de produto cultural transmidiático. A relação que a série estabeleceu com suas espectadoras dentro da Cultura da Convergência é tema dos próximos capítulos.

5.1 A CAMINHADA DE UMA SÉRIE

Antes de *The L Word* existir, a comédia norte-americana *Ellen* se tornou um marco para a visibilidade da mulher homossexual na mídia. O seriado, que estreou em 1994 e ficou no ar até 1998, tem como protagonista a dona de uma livraria, Ellen Morgan, vivida pela comediantes e apresentadora Ellen DeGeneres. Em 1997, no episódio “*The Puppy Episode*”, ela se vê apaixonada por uma amiga e, numa atitude inesperada, se declara: “*Susan, I’m gay!*” (Susan, eu sou *gay!*). Após isso, a série passou a explorar várias questões LGBT, incluindo o processo de “sair do armário”. No documentário “Como Ellen DeGeneres saiu do armário”, exibido em 24 de junho de 2007 no canal brasileiro GNT, é possível descobrir que foram meses de negociações secretas para que tal frase pudesse ser dita.

“*I’m gay*” caiu feito uma bomba e o programa “Ellen” foi extirpado. Lamentável a decisão da Disney de encerrar um produto que rendia audiência porque parcelas radicais da sociedade americana ameaçaram boicotar a empresa para não ouvir o que Ellen queria e, segundo ela própria, precisava dizer. (BRASLAUKAS, 2007, disponível em <www.folha.com.br> - Acesso em 18 de novembro de 2010.

A comediante hoje é uma das mais respeitadas e influentes apresentadoras dos Estados Unidos. Sua condução do programa de entrevistas *The Ellen DeGeneres Show* já lhe rendeu 13 prêmios Emmy. A atriz e apresentadora de programa de entrevistas, é considerada por autoras das áreas de lesbianidades e comunicação como a lésbica mais famosa da América, sendo uma das primeiras lésbicas da cultura de massa da história (REED, 2005).

Certamente, existem outras lésbicas bem conhecidas na televisão, mas sua posição como uma lésbica acessível e simpática é relativamente única na política de representação LGBT. Ela é acessível por ser uma celebridade da televisão. Os últimos dez anos incluíram dois sitcoms, funções como apresentadora em shows e entrega de prêmios, stand-up especiais na HBO, aparições regulares em programas de entrevistas, e, agora, seu próprio talk show muito bem sucedido durante o dia, que ganhou quatro prêmios Emmy em sua primeira temporada. Ela é uma personalidade de televisão perfeita: é facilmente consumível, engraçada e é bom estar por perto dela. Não parece haver nada ameaçador sobre ela. Mas as lésbicas não são supostamente uma ameaça para o mais básico princípio organizador das hegemônicas estruturas sociais? O que significa, então, para a política de representação de gays e lésbicas ter Ellen DeGeneres como a mais visível, a mais famosa, e a mais amada lésbica da América? (REED, 2005, pág.23)

Um dos sites americanos mais acessados sobre a homossexualidade feminina na mídia leva exatamente o nome *After Ellen*²⁷, para homenagear o momento em que incentivou o aumento do número de personagens lésbicas em séries de TV.

Desde a exibição do famoso "Puppy Episode" a cultura televisiva popular que inclui personagens *Queer* tem aumentado consideravelmente, e é difícil imaginar esta tendência ocorrendo sem o significativo papel de Ellen. Não só houve uma abundância de personagens *gays* surgindo na "reta" do elenco principal, como *ER*, *Friends*, *Buffy*, a *Caça-Vampiros*, *All My Children*, e *Nip / Tuck*, mas houve também vários shows com personagens LGBT principais, tais como *Will and Grace*, *Queer as Folk*, *Six Feet Under* e *Queer Eye* para a *Straight Guy*. (MARNIE, 2008, p.12).

Com a virada do século, as pessoas passaram a ver mais e mais personagens homossexuais aparecendo em séries de TV. Segundo o professor americano David Wyatt²⁸, em pesquisa realizada entre os anos de 1961 e 1970, apenas um personagem gay apareceu séries de TV americanas. Nos anos 1970 foram 59, enquanto que, nos anos 1980 foram 89 os

²⁷ Ver <<http://www.afterellen.com>>.

²⁸ Segundo Wyatt, para entrar na lista, o personagem tem que aparecer em pelo menos 03 episódios da série e ser assumidamente homossexual. Aqueles que apenas parecem ser gays, mas não abrem isso na série, não entram para a compilação. A lista completa está disponível no site <<http://home.cc.umanitoba.ca/~wyatt/tv-characters.html>> - Acesso em 10 de agosto de 2012.

homossexuais como personagens nos seriados. Nos anos 1990, esse número triplicou para 338 e a partir de 2000 até hoje em dia, já são 733 personagens gays e lésbicas a aparecerem nas séries de TV norte-americanas (WYATT, 2012).

Já no Brasil e nos países latino-americanos, essa presença de personagens LGBT começou a aparecer no final da década de 2000. O anuário do OBITEL – Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva²⁹, que tem como objetivo sistematizar a análise da oferta de programas de ficção na televisão e a recepção deste gênero nos países da Ibero-américa, apresenta um quadro comparativo da temática presente na teledramaturgia seriada dos nove países participantes: Argentina, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos, México, Portugal, Uruguai e Venezuela. Conforme a pesquisa, em 2009, um número significativo de produções da América Latina introduziram o tema das diversidades sexuais em suas narrativas, sem que isso afetasse o eixo narrativo-temático “amor/ódio” (LOPES, 2010) que constitui historicamente o gênero da telenovela na América Latina e na Península Ibérica. Na comparação, observa-se o total de 40 produções com LGBT’s como tema de novos personagens das tramas.

Com exceção dos Estados Unidos, o restante dos países “saiu do armário” e incluiu em suas telenovelas, ou séries, temáticas sexuais que mostravam desde a inclusão de personagens “homo”, “bi” ou “trans” sexuais, até representações de uniões civis do mesmo sexo, como aconteceu no México na telenovela Alma de Hierro. (LOPES, 2010, pág.50).

Além desse movimento de visibilidade da temática LGBT nas produções ficcionais televisivos dos países da Ibero-américa através de partes da narrativa ou de personagens isolados, algumas séries específicas sobre a homossexualidade encontraram espaço para serem produzidas.

²⁹OBITEL - Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva é responsável pela publicação de um estudo anual da indústria ibero-americana de ficção televisiva, que serve ao intuito de promover a formação de pesquisadores, produtores e criadores da área. Desenvolve-se como uma iniciativa intercontinental da região ibero-americana, que inclui os países latino-americanos, ibéricos e os Estados Unidos de expressão hispânica, formada por pesquisadores de universidades e especialistas internacionais de televisão. Disponível em <<http://obitel.net/>> - Acesso em 13 de setembro de 2012.

Queer as Folk foi o primeiro drama americano a mostrar um grupo de homens gays como personagens principais da trama. Baseado em drama britânico, o seriado foi lançado nos Estados Unidos pela Showtime em 2000, sendo exibido até 2005 no canal. Já na época de seu lançamento, a produtora executiva e roteirista Ilene Chaiken, lésbica assumida, deu início às negociações para a produção de uma série que falava sobre as lésbicas. Após três anos de negociação, *The L Word* começou a ser produzida, causando muito furor e comentários tanto positivos quanto negativos.

Segundo Pratt (2008), o público do show frequentemente discutia suas opiniões sobre *The L Word* e sobre como suas vidas foram profundamente alteradas pela série. O meio mais fácil para a discussão a respeito da série eram as redes sociais na Internet, que começaram a ser criadas por espectadoras do drama lésbico. Pode-se dizer que esse tipo de reação também estava, muitas vezes, ligado a uma política de visibilidade, popularizada pelo movimento *Queer*, que geralmente adota a tática de argumentar que “um maior número de representações públicas (ou seja, visibilidade) coincide com um aumento no poder político ou social LGBT.” (PRATT, 2008, p.2). A autora cita também que alguns espectadores, por outro lado, ficaram decepcionados, fazendo críticas à série, caracterizando-a como imprecisa, prejudicial e estereotipada.

Uma dessas pessoas respondeu a um artigo escrito pelo estudioso Jill Dolan para a TV Fluxo argumentando, “A triste realidade é que nenhuma série parece aceitar o desafio de mostrar um tipo diferente de indivíduo gay. A única representação disponível da cultura gay e lésbica na televisão é daqueles que são ricos, bonitos e profissionais bem sucedidos. O que é prejudicial, então, não é a existência desta representação em particular, mas o fato de não ter alternativas disponíveis.” (Wimberly, ênfase no original). O parecer negativo da série é também dado por um membro da rede local lésbica Sofá Pink, que afirma: “Eu não posso entender por que todo mundo está tão obcecado com algo que tem elementos irrealistas das mulheres que a procuram. A coisa toda parece-me querer promover uma imagem irreal de lésbicas femininas para agradar os homens heterossexuais, e que a grande maioria do elenco são heterossexuais na vida real”. (Maria14). (PRATT, 2008, p.2-3).

Para Pratt esses exemplos ilustram que, na maioria das vezes, o público tem problema com a série porque encontram nela suas representações imprecisas, limitadas e comprometedoras para as comunidades gays do sexo feminino.

O processo de desidentificação é atitude descritiva das estratégias de sobrevivência das práticas de sujeitos minoritários, com o objetivo de “negociar uma esfera majoritária fóbica pública, que continuamente elide ou pune a existência de indivíduos que não se conformam com o fantasma da cidadania normativo” (MUÑOZ, 1999 apud PRATT, 2008, p.12). Tal argumento defende que a desidentificação permite a grupos minoritários a resistência e a reconfiguração de certos aspectos de sua interação com um objeto cultural ou prática, a fim de fazer uso destes ou sobreviver dentro do grupo dominante. Contribui ainda para a afirmação de que a desidentificação é possível mesmo com imagens representacionais que perpetuam os estereótipos e/ou forneçam uma visão limitada de um grupo de marginalizados de alguma outra forma.

Eu afirmo que alguns telespectadores de *The L Word* empregam práticas semelhantes de desidentificação, a fim de continuar recebendo os aspectos positivos da série oferece, e no capítulo quatro, identificar quatro narrativas que operam dentro das comunidades espectador que defendo ajudar a facilitar esta desidentificação. Enquanto o show é às vezes visto negativamente por causa das más qualidades cinematográficas, histórias, diluídas política, ou representações estereotipadas, sua existência e a visibilidade e validação em um local *mainstream* que ele oferece são muitas vezes consideradas por seus públicos a ser mais importante. (PRATT, 2008, pág.2-3).

Ainda segundo Pratt (2008), as respostas coletadas das espectadoras em sua pesquisa apoiam esta afirmação, na medida em que essas reações negativas sobre *The L Word*, na maioria das vezes, são centradas em problemas com a representação. Segundo esta audiência, mesmo *The L Word* criando um impacto através do visual, mas desta vez, ao invés de ser uma fonte de poder e prazer, ele é visto mais como prejudicial do que benéfico.

Para Vencato (2005), as relações de amizade e amor entre as lésbicas do seriado não só mostram um retrato da comunidade lésbica, como fazem com que ela seja mais

atraente aos olhos do público. De uma forma ou de outra, a série possui o mérito de ter destacado algumas faces da homossexualidade feminina na televisão em um momento em que isso era raro e pouco explorado também no Brasil, principalmente pela forma como as séries de TV eram exibidas em território nacional.

Sob essa ótica, o episódio piloto de *The L Word* foi exibido no dia 18 de janeiro de 2004. O mote principal da história era simples e a fórmula parecia repetida: a vida de mulheres em uma cidade. Como núcleo principal a série apresentava um grupo de amigas, na faixa dos 30 anos, lindas, femininas, independentes, ricas, elegantemente vestidas, com trabalhos de projeção e boas moradias na atual Los Angeles, Estados Unidos.

Atrizes como Jennifer Beals, Pam Grier e Mia Kirshner foram escolhidas para os papéis principais. Vale salientar que todas as escolhidas eram heterossexuais e possuíam uma tradição de personagens extremamente sensuais, tanto no cinema quanto na TV. A atriz Jennifer Beals havia mexido com a cabeça de muitos homens e mulheres no clássico dos anos 80 “Flashdance” (1983), com sua famosa dança e sua atitude independente e forte de construtora civil. Pam Grier, que também é cantora, era a “queridinha” de Quentin Tarantino, com quem fez a provocante “Jackie Brown” (1997), uma homenagem aos vários papéis parecidos que já havia interpretado nos anos 70. Mia Kirshner foi uma das vilãs de “24 Horas” (2001), na qual também interpretava uma assassina lésbica com muito apelo sexual em suas cenas. Além delas, Karina Lombard, Erin Daniels, Lauren Holloman e Katherine Moening foram escaladas para o papel de lésbicas na série.

Por outro lado, a única atriz homossexual assumida, Leisha Hailey, foi convidada a viver uma bissexual. Estava pronto o elenco principal de *The L Word*, que contava ainda

com o ator Eric Mabius. Como detalhe importante vale registrar que, assim como a palavra lésbica, todos os títulos dos episódios começariam com a letra L³⁰.

A série retratava a vida sexual das lésbicas de Los Angeles de uma maneira nunca antes produzida. Cenas de sexo com lésbicas, bissexuais e heterossexuais da série recheavam a trama em todos os episódios. Mas, ao contrário do que se pensa, não eram cenas pornográficas ou de simples cunho erótico. Eram cenas bem dirigidas que, apesar de sutis, faziam cair por terra duas ultrapassadas concepções: a primeira, de que lésbicas não têm uma vida sexual ativa, que seu relacionamento é baseado muito mais na afetividade do que no sexo; a segunda, de que a relação sexual das lésbicas não é completa, já que não há a presença do falo.

Uma das ideias preconcebidas e que aparece com frequência na literatura é que entre as lésbicas a sexualidade não tem relevância e elas priorizam as carícias amorosas e o sentimento. [...] ‘Mas como muitos casais lésbicos, mesmo no século XX, o aspecto sexual de seus relacionamentos não é de importância primordial. Seus laços são baseados mais no intelecto e nas paixões compartilhadas’ (Richards, 1993:268). Essas análises dão uma conotação negativa, de seres quase assexuados, e, num mundo onde o sexo é rei, onde a psicanálise faz lei, dar pouca importância à performance sexual reabre o espectro de doença, do antinatural. (NAVARRO-SWAIN, 2000, p.82).

The L Word entrou fundo na questão sexual da relação entre lésbicas, mostrando não só o aspecto afetivo, mas também os movimentos de conquista, sedução e o sexo em si. Em todas as temporadas, a série mostrou, pela primeira vez e em tom não-pornográfico, situações como o uso de acessórios e brinquedos sexuais, o sexo a três, uma transexual feminina se relacionando tanto com mulher quanto com homem, o sadomasoquismo, a realização de diversas fantasias sexuais e a descoberta do sexo homossexual na terceira idade.

Desde o seu surgimento, *The L Word* estabeleceu uma relação entre a série e espectador, que se mostrou diferente dos padrões normalmente assumidos como relacionamento público-televisão. As espectadoras de *The L Word* tinham muito a dizer,

³⁰ Apenas o episódio piloto não teve seu título iniciado por L. Os títulos de todos os episódios já lançados, assim como sua descrição, elenco e convidados, podem ser vistos em <<http://www.epguides.com/LWord/>> ou no site oficial da série: <<http://www.sho.com/site/lword/episodes.do>>- Acesso em 20 de novembro de 2007.

principalmente sobre as personagens que a série trazia, repletas de amostras das lesbianidades. Como representar algo tão diverso, mutável e em constante trânsito como são as lesbianidades?

The L Word foi lançada como um produto cultural e comercial que, como nunca visto antes, trabalhou em sua trama exemplos de diversas identidades lésbicas existentes.

The L Word está desbravando novos caminhos, como a primeira série escrita e dirigida principalmente por mulheres *Queer*. O retrato de uma comunidade lésbica, ao invés de caráter solitário de uma lésbica em meio a um mar de heterossexuais. A série dramática tem a oportunidade, sem precedentes, de oferecer visões diversas de expressões identitárias alternativas, amor e relacionamentos, amizades, espaços e formações de família. (MOORE e SCHILT, 2006, p.158).

Segundo Moore e Schilt (2006), isso significa dizer que o pioneirismo do seriado deveu-se ao fato de ter sido produzido, em sua maioria, por lésbicas³¹, incluindo a produtora executiva Ilene Chaiken³². Já Sedgwick (2006), considera *The L Word* como a primeira série dramática da televisão a colocar um grupo de mulheres, cuja maioria é lésbica, à frente e no centro de sua narrativa³³.

Na época do lançamento do seriado, em 2005, a produtora Showtime realizou uma pesquisa online e detectou que a audiência do programa era a mais demograficamente desejável para os anunciantes. Segundo a pesquisa realizada, 76% do público do show estava na faixa etária dos 22 aos 45 anos de idade e havia concluído a faculdade. Além disso, cerca de 50% desse mesmo público ganhava mais do que US\$ 50 mil por ano, sendo que público-alvo do programa se tratava de mulheres dos 18 aos 49 anos. A pesquisa também revelou que

³¹ “Showtime’s *The L Word* is breaking new ground as the first series written and directed primarily by queer women. (MOORE and SCHILT, 2006, p.158).

³² Ilene Chaiken foi co-criadora de *The L Word*, além de ter escrito e dirigido vários episódios. É lésbica assumida e participa ativamente da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) dos Estados Unidos.

³³ *The L Word*, Showtime’s long antecipated drama series, the first on television to place at front and centre the lives of a group of women most of whom are lesbian. (SEDGWICK, 2006, p.xix).

The L Word tinha “uma das mais ativas comunidades de fãs online, com milhares de usuárias gastando horas incontáveis a cada mês em blogs temáticos, fóruns e sites *fan fictions*”³⁴.

Ainda segundo os dados da pesquisa, as fãs que fazem parte das comunidades baseadas ou inspiradas em *The L Word* possuem como características o fato de serem mulheres adultas que se autodenominam lésbicas, bissexuais ou curiosas.

O que ocorre é que, ao participar das redes sociais criadas para difusão da série, a fã não só consegue acompanhar cada um dos 13 episódios da primeira temporada de *The L Word* muito antes de sua estreia no Brasil, como também é capaz de criar suas próprias redes sociais brasileiras na Internet, com discussões, interesses e conteúdos de sua cultura, relacionados à realidade fictícia apresentada pela série. Assim, de forma consequente, ela se vê inserida em um grupo de pessoas com os mesmos interesses e que provavelmente possuem, em sua maioria, identidades lésbicas semelhantes.

O comportamento das espectadoras de *The L Word* se assemelha ao de um novo tipo de público, que não se limita a um espectador passivo, mas a um agente transformador do meio:

O observador não está mais reduzido à visão e ao visível. No espaço informacional e global, ele pode agir, modificar, estabelecer com o outro o mesmo espaço sensível e a mesma temporalidade, reais e interativos, gerando uma relação contígua e oscilante. Uma lógica comunicacional na qual emissor e destinatário estão atrelados, só que cada codificação/decodificação é única, irrepitível, singular. Por meio dessa conjugação, a comunicação trás um efeito real sobre o que é observado: o objeto observado passa a “olhar” o observador, pois ele se altera a partir do que lhe chega. (PINHEIRO, 2008, p.163)

No caso, a série em questão possui um tema que, de certa forma, pode ser um atrativo a mais para esse envolvimento: a vida das lésbicas. “*The L Word* tem sucesso porque

³⁴ “The audience of Showtime’s Emmy-nominated series THE L WORD is one of the most demographically desirable to advertisers. According to a February 2005 online survey conducted by the network, 76% of the show’s website audience is between 22-45 years old; and, over 50% earn over \$50k annually and have completed college or more. The show’s viewing audience skews female 18-49. THE L WORD also has one of the most active online fan communities, with multitudes of users spending countless hours each month on THE L WORD - themed blogs, message boards and fan fiction sites.” Tradução livre de artigo publicado no site Business Wire, em 5 de dezembro de 2005. (http://findarticles.com/p/articles/mi_m0EIN/is_2005_Dec_5/ai_n15895128/ - Acesso em 01 de junho de 2012.

retrata experiências que são específicas para lésbicas, e universal a todas as mulheres (e homens) ao mesmo tempo.” (WARN, 2006, p.3).

Assim, numa outra ótica do processo de comunicação emissor-mensagem-receptor, o sujeito que recebe – neste caso, o fã – e a mensagem, ou seja, a série em questão, se transformam a partir de relações estabelecidas através de outros meios de acesso e participação. Em que medida essa transformação do receptor em participante, exemplificada pelas experiências proporcionadas pelo compartilhamento de *The L Word* no ambiente das mídias digitais, permitiu às fãs a criação não só do chamado “controle das mídias” (JENKINS, 2009, p.39), como também a participação em comunidades específicas, com interesses além do entretenimento?

O público *Queer* feminino de *The L Word* rompe com esta tradição, trazendo um aspecto adicional de marginalidade à idéia de *fandom*. Embora muitas das formas com que essas espectadoras interagem com a série não são de todo diferente de outros fãs de mídia, a ocupação contínua de uma identidade marginal e a validação de identidade tanto do objeto de mídia quanto das comunidades de espectadores marcam a série como única. [...] pessoas que sentiram que era necessário assistir *The L Word*, apesar de sua antipatia por ele, a fim de se sentirem conectados com a maior das comunidades lésbicas. Houve também casos de espectadores que se sentiram obrigados a assistir ao show, independentemente de suas faltas, porque acreditavam que isso cria algum maior impacto político ou social. (PRATT, 2008, p.153)³⁵

Para chegar à hipótese que se pretende defender neste trabalho, primeiro considerou-se sobre a afirmação de que quando os fãs obtêm o controle dos produtos culturais que consomem – no caso a série *The L Word* – a relação com este produto extrapola a de simples audiência, tornando-se relação de controle e apropriação da mídia. Como apresenta Jost, isso acontece pelo fato da série se tornar um ganho simbólico aos que assistem, já que

³⁵ *The L Word's queer female audiences disrupt this tradition by bringing an additional aspect of marginality to the idea of fandom. While many of the ways in which these viewers interact with the series and each other are not all that different from other media fans, the continual occupation of a marginal identity and the validation of that identity by both the media object and the viewer communities do mark them as unique. [...] There were also cases of viewers who feel they are obligated to watch the show, regardless of its faults, because they believe it creates some larger political or social impact.* (PRATT, 2008, p.153)

ela representa os momentos críticos pelos quais o ser humano passa, além de direcionar-se para além do campo do discurso realista que adotam em seus roteiros (JOST, 2012, p.32).

A partir das considerações acima, foi elaborada a hipótese de que *The L Word*, enquanto transmídia, estabelece uma relação de via dupla com suas espectadoras no ambiente da convergência dos meios, já que, ao mesmo tempo em que as personagens da série tentam pautar certos traços das lesbianidades dominantes, a narrativa se adapta às pautas demandadas pelas espectadoras em relação à visibilidade das identidades lésbicas. Esse fluxo teria sido o incentivo que levou as espectadoras brasileiras a se envolverem tanto no compartilhamento de conteúdos da série, quanto nas redes sociais lésbicas criadas a partir dela, tendo esse movimento implicações sociais, culturais e políticas.

5.2 ALÉM DA PALAVRA L

Um dos aspectos mais questionados pelos críticos e fãs da série foram os padrões consumistas e americanos da atualidade atribuídos às personagens. Porém, é fato que *The L Word* apresentou uma quantidade nunca antes vista de signos referentes ao universo das lesbianidades, com “versões diversas e alternativas de expressões de identidade, amor, relacionamentos, amizade e formação de espaços e de famílias.” (MOORE e SCHILT, 2006 apud AGOSTINI, 2010, p.20).

Mulheres lindas, lésbicas, chiques, glamourosas, bem sucedidas e residentes em Los Angeles. [...] No seriado, temos o oposto da maioria dos estereótipos de lésbicas que encontramos nos produtos culturais, pois, pelo menos até o final do século XX, predominaram as representações butches³⁶, quando não a invisibilidade. Mais do que apresentar um grupo de lésbicas, a série tira as personagens homossexuais de papéis coadjuvantes, trazendo-as para os holofotes. (AGOSTINI, 2010, p.83).

³⁶ Mulheres lésbicas masculinizadas que assumem aparência e papéis considerados masculinos (AGOSTINI, 2010, p.83).

Para exemplificar essa representatividade, pode-se analisar a vinheta³⁷ de abertura do seriado que, desde a segunda temporada, passou a ser exibida em todos os episódios. A música tema foi composta pela cantora lésbica Betty, que também fez participações como atriz em *The L Word*. Em conjunto com a música, foram criadas cenas com as atrizes principais³⁸ da série mostrando, em atividades rotineiras, diversos signos e situações associadas ao comportamento lésbico. Porém, é importante discutir: Até que ponto tais signos são reais? De que forma esse clipe, massivamente reproduzido durante a série, representou a mulher lésbica? Ele poderia ser usado como um fragmento do que *The L Word* se propõe?

Para tratar da questão serão usados, como base teórica, os conceitos que envolvem a relação triádica do signo, formulada pelo filósofo norte-americano Charles Peirce (1839-1914) ao final do século XIX, já que, para ele, a esfera das trocas comunicacionais, incluindo as humanas, pode ser melhor compreendida se tomada sob o ponto de vista de que este processo sempre envolve algum tipo de representação.

Afinal, não há nada, de modo algum, comunicação, interação, previsão, compreensão, etc., sem signos. [...] Tudo é relativo, porque tudo depende dos signos de modo absoluto. No limite, signo é sinônimo de vida. Onde houver vida, haverá signos. A ação do signo, que é a ação de ser interpretado, apresenta com perfeição o movimento autogerativo, pois ser interpretado é gerar outro signo que gerará outro e assim infinitamente, num movimento similar ao das coisas vivas. (SANTAELLA, 2000, p.4).

A escolha desta teoria foi feita pelo fato dela permitir a abertura da mente a tudo o que for possibilidade e a tudo o que flutua ou permanece na cultura, na sociedade, nas relações humanas e, porque não dizer, nas produções audiovisuais, entre vários outros lugares e não-lugares que o ser humano ocupa e com o que ele estabelece contato. Os signos são relativos e estão multiplicando-se, superpovoando as sociedades humanas e para compreendê-

³⁷ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=F1wbnyRIPng>> - Acesso em 19 de abril de 2011.

³⁸ Jennifer Beals (como Bette Porter), Laurel Holloman (como Tina Kennar), Mia Kirshner (como Jenny Schechter), Katherine Moening (como Shane McCutcheon), Leisha Hailey (como Alice Pieszecki), Erin Daniels (como Dana Fairbanks), Pam Grier (como Kit Porter), Rachel Shelley (como Helena Peabody) foram as atrizes que mais tempo permaneceram na série. Mesmo não tendo uma personagem principal, essas são consideradas as protagonistas.

los, é preciso ir além dos preceitos da linguagem “verbal” considerando as mais diferentes linguagens e processos de comunicação como relação semiótica. Ou seja, parte-se do princípio de que um signo refere-se a um objeto e, a partir disso, ele passa a significar algo e isso gera um pensamento a um interpretante associado.

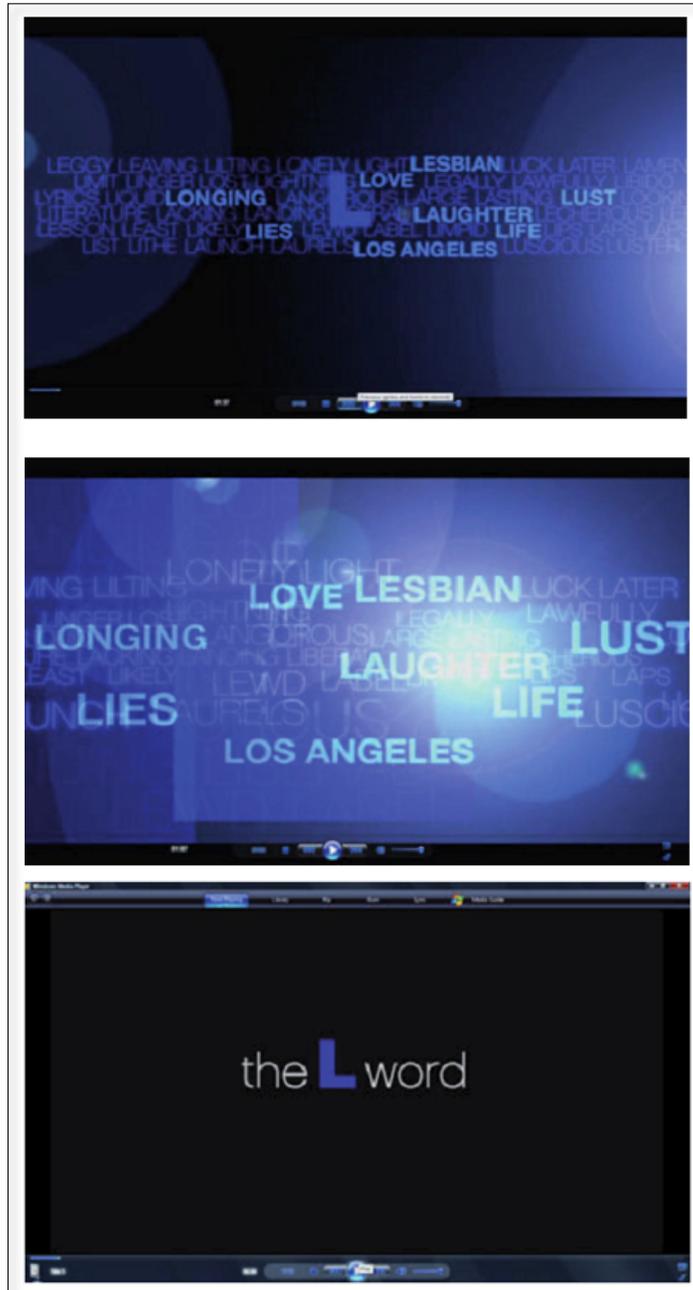
A partir dessa premissa, o Pragmaticismo peirceano busca compreender quais características os processos sógnicos devem ter para que se possa atingir, da melhor forma possível, seus objetivos comunicacionais (PIMENTA, 2009). Por isso, uma vinheta de abertura tão repleta de imagens, sons e palavras para introduzir o todo da série, parece ser o campo propício para uma breve análise com caráter mais descritivo da imagética das representatividades lesbianas proposta pela série e exemplificadas em sua abertura.

Peirce (PIMENTA, 2009) considera três tipos de inferência: a dedução, a indução e a abdução. Se a dedução parte do geral para o particular e a indução, de uma premissa menor para uma maior, a abdução afirma um caso a partir de uma regra e de um resultado criado a partir do processo de formulação de hipóteses explicativas. Desta forma, a tentativa é realizar a análise no nível da abdução, levando-se em conta o significado racional sugerido pelas imagens. Como se trata de imagens lesbianas há estereótipos, histórica e culturalmente associados a elas, que acabam deturpando o sentido racional que poderia existir, além disso, como já foi dito, não é possível estabelecer uma regra sobre o que seriam as lesbianidades. Portanto, não é objetivo deste texto levantar respostas, mas, tão somente, ao descrever os signos apresentados nesta vinheta, associá-los a objetos e tentar perceber os interpretantes gerados a partir dela.

Antes de descrever o vídeo, no entanto, é essencial citar que na primeira temporada de *The L Word* a vinheta usada para a abertura é a mesma. A letra L, adotada na série como um signo icônico para “Lésbica” e que iniciou o título de todos os episódios, se torna o principal destaque da primeira vinheta, na qual não aparece sequer uma personagem.

Para a letra L, com fonte azul e brilhante, convergem diversos termos, também iniciados com o L, sendo o ponto de partida para a criação de inúmeras significações em torno de letra: *Life, Luscious, Lust, Lesbian, Lost, Large, Later, Los Angeles*, etc. (AGOSTINI, 2010), que se movimentam em direção ao grande L azul³⁹ e são por ele absorvidas. Em movimento contrário, o título da série se expande até ser formado. Onde estaria a significação maior dessa vinheta? No jogo de palavras ou na criação de sentidos? Seriam as palavras destacadas com azul mais claro – traduzidas no português como amor, vida, delícia, luxúria, perdição, mentira, risadas, desejo – os substantivos que fazem parte da cultura lésbica? Para Agostini, “Num pequeno exercício, pensemos numa pessoa que não sabe nada a respeito do programa e assiste a essa abertura. A força da vinheta está no anúncio. As palavras iniciadas com L já dão pistas à telespectadora do que virá pela frente.” (AGOSTINI, 2010, p.65).

Figura 01 – Vinheta de abertura de *The L Word* na primeira temporada.



Fonte: Vídeo de abertura - *The L Word*, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=RSMZpDJ_cDA

Foi somente em meados de 2005, na segunda temporada – talvez para marcar mais as personagens principais – que se criou um clipe com imagens das atrizes e uma música⁴⁰ de fundo. Com estilo arrojado para a época, com o chamado *stop motion*, as fotos editadas em sequência traziam cenas da rotina de Bette, Tina, Jenny, Shane, Helena, Dana, Alice e Kit, entre outras. Nas cenas elas acordam, se arrumam em frente ao espelho, falam ao telefone, trabalham, tomam sol com amigas, andam de moto e carro por Los Angeles, cidade onde se passa a série, visitam exposições de arte, fazem sexo, seduzem e são seduzidas. Logo no início, é apresentado o universo no qual elas se inserem. Trata-se de uma realidade sócio-econômica de alto poder aquisitivo e cultural, com roupas de marca, objetos de desejo de consumo, jóias e luxos. Realidade esta, nem sempre vivida pelas personagens ao longo dos episódios. Apesar disso, a referida abertura se tornou marca e motivo de discussão pelo público, que ora concordava, ora discordava da iconografia “lésbica linda e rica” que em alguns momentos, principalmente nas primeiras temporadas, foi usada.

O fato é que as cenas do começo da série não traduzem situações homossexuais estereotipadas. Muito pelo contrário, apresentam as personagens em formas e roupas muito mais femininas do que normalmente são atribuídas às lésbicas em produções audiovisuais. Elas são ícones de mulheres heterossexuais, quando analisadas superficialmente, em um primeiro olhar.

Voltando à abertura, logo após uma sequência de coqueiros, que dá pistas da cidade americana que sedia o seriado, aparece Bette deitada de costas, nua e sozinha. Ela se revira como se acordasse, enquanto Dana pula cordas em frente a uma piscina. Shane pisca rápido na tela e olha, sedutora, diretamente para a câmera.

⁴⁰ A vinheta sofre pequenas modificações ao longo das temporadas, com a saída e entrada de personagens. Mas mantém a mesma estrutura e música até o final. Para efeito de análise, foi escolhida a abertura veiculada no episódio “Life, Loss, Living”, primeiro da segunda temporada.

Começa a parte da música que diz “meninas em vestidos apertados, que se transvestem com bigodes”⁴¹ enquanto Jenny aparece de vestido, dançando sozinha no quarto. Um plano detalhe mostra uma mão de mulher, com unhas pretas e um grande anel de pedras azuis, acelerando uma moto. Em vários e rápidos planos médios, Alice, em roupas de couro e um grande topete estilo Elvis Presley, dirige uma moto enquanto seduz Dana, que está sentada na garupa da moto. Elas percorrem ruas conhecidas de Los Angeles. A moto para e Dana beija o pescoço de Alice. Este é o primeiro sinal de que se trata de uma série com mulheres lésbicas. Sobre a segunda parte da letra, “garotas dirigindo rápido, ingênuas com longos chicotes”, Kit aparece com um microfone e, em seguida, de costas, está uma mulher de casaco jeans e anel no dedo mínimo, que fala ao ouvido de outra, sedutoramente. A câmera gira sendo possível ver Shane e Jenny no salão de beleza da primeira, que é cabeleireira na série. Jenny sorri maliciosamente e, logo em seguida, aparece outra cena de Jenny, desta vez nua, onde ela dançando. Finalmente aparece o quadro, como uma rede de ligação entre as lésbicas da série criada por Alice. Na terceira frase da música, que diz “as mulheres que sentem saudades, amam, desejam, mulheres que se entregam”, aparece Tina em primeiro plano, em seguida falando ao telefone dentro da piscina e, em um plano superior, sentada ao lado de Dana na beira da piscina, onde ambas estão de biquíni. A cena volta para Tina, ainda ao telefone, e revela-se que ela está com Bette do outro lado da linha, em uma cobertura com muitos prédios ao fundo. Segue com planos rápidos de Shane e, logo em seguida, da lente de uma filmadora. A imagem refletida na lente é de Jenny em frente à piscina. No entanto, quando se abre o visor da câmera, é Shane quem aparece sentada em um sofá. Com a expressão que se tornou lema da abertura: “esta é a maneira que nós vivemos”, Jenny ainda dança, agora em um cenário de sonho e com vestido flutuante, como se estivesse no fundo do

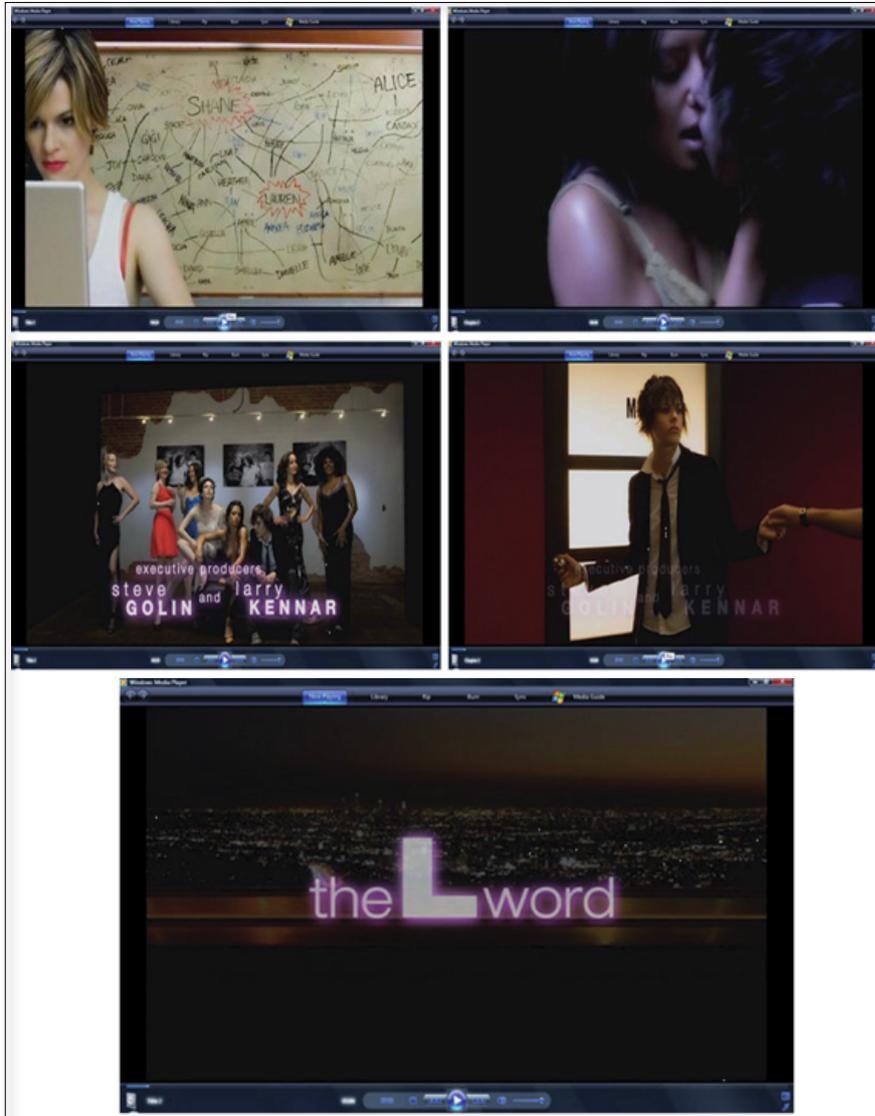
⁴¹ A letra completa da música de abertura, composta pela artista Betty, é: “Girls in tight dresses, who drag with mustaches. Chicks drivin' fast, ingenues with long lashes. Women who long, love, lust, women who give. This is the way. It's the way that we live. Talking, laughing, loving, breathing, fighting, fucking, crying, drinking, riding, winning, losing, cheating, kissing, thinking, dreaming. This is the way, It's the way that we live. It's the way that we live and love.”. Disponível em <<http://www.lyricsondemand.com/soundtracks/l/1wordlyrics/thelwordthemelyrics.html>> - Acesso em 10 de agosto de 2012.

mar. Logo depois, Bette aparece se maquiando com um longo vestido. A cena corta para Tina, com um terno branco e volta para Bette, refletida no espelho. Ela abre o armário do banheiro e, em um rápido flash, aparecem Dana e Kit. Logo em seguida, Kit está em um conversível com Bette, sua irmã. O carro para e elas descem. Surgem então as oito personagens da segunda fase de *The L Word* caminhando em direção à câmera. A música traz em sua letra uma série de verbos que, em sua conjugação, são utilizados para demonstrar a maneira como elas vivem e estão marcados pelo refrão: “falando, rindo, amando, respirando, lutando, fodendo, chorando, bebendo, montando, ganhando, perdendo, trapaceando, beijando, pensando, sonhando. É a maneira que nós vivemos e amamos.” (BETTY, 2005).

Diversas cenas curtas, no ritmo da música, mostram as atrizes fazendo exatamente o que as palavras dizem. Ao início do refrão “esta é a maneira que nós vivemos”, entra uma cena de Carmem como Disc Jockey (DJ). Em outra cena, Dana e Alice observam com Bette uma exposição de três quadros, cada um mostrando o rosto de uma mulher travestida de homem, com bigodes, bonés e barba. Na cena seguinte, todas estão reunidas novamente, espalhadas em volta de um sofá, em frente à outra exposição de quadros sobre uma parede branca descascada, que deixa aparecer os tijolos. Neste momento, as fotos expostas trazem três amigas em posições diferentes. Elas aparentam as lésbicas que costumavam aparecer na mídia, usando camisa larga ou camiseta rasgada no ombro, calça jeans, sem maquiagem, em cabelos curtos ou desalinhados e estão deitadas no chão. Em contraste total com as oito mulheres que se posicionam à frente, com vestidos de festa, longos, pretos e vermelhos, decotes ousados, cabelos em coques e maquiagens fortes. Shane se sobressai em meio a elas, já que está de terno e gravata. Na cena seguinte, ela puxa uma mulher pelas mãos para um banheiro, onde na porta se lê *men*. Várias cenas curtas surgem novamente, com todas elas em poses sedutoras e, mais uma vez, as protagonistas juntas no final. Sobre essa imagem aparece a palavra *The L Word* em movimento. Aos poucos, a imagem das atrizes desaparece para dar

lugar a uma vista noturna de Los Angeles, sobre a qual se destaca ainda mais o título da série. Assim, a letra da música se encerra com o refrão “esta é a maneira que nós vivemos e amamos”.

Figura 02 – Vinheta de abertura de *The L Word* na segunda temporada.



Fonte: Vídeo de abertura da série *The L Word*- Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=R4kveaU3nkk>

A vinheta tem um minuto de duração e a maioria das imagens não fica nem um segundo na tela, mas estão repletas de significados. Ainda mais quando associadas à letra da música de fundo. Portanto, serão essas as representações das lesbianidades? Existe tal tipo de representatividade, já que, como citado acima, a sexualidade é infinita, fluida e múltipla? Será que a vinheta descrita se propõe a concordar com uma nova imagem fluida da mulher lésbica?

As emoções, que antes dançavam em forma de letras, são substituídas por uma música carregada de significações, que se multiplicam ainda mais nas cenas exibidas. Em ambas, seja com escrita, imagem ou com a escrita da imagem, a telespectadora é levada a perceber a profusão de emoções, sentimentos e vida do L world, que serão exibidas em *The L Word*. (AGOSTINI, 2010, p.67).

Seja em forma de palavras ou imagens, nas duas aberturas o movimento dos textos converge para a palavra L. A diferença é que, na segunda, há mulheres que, segundo AGOSTINI (2010), colocam seus corpos em movimentos como uma estrutura simbólica de onde se pode apreender, verificar e conhecer aspectos de determinada sociedade ou grupo, pois carregam e personificam valores, costumes e, mesmo não sendo de forma estereotipada, dizem bem sobre sua sexualidade.

Por que uma mulher lésbica de vestido causa tanto estranhamento? E, da mesma forma, seria a cena em que Shane invade um banheiro masculino de terno e gravata para fazer sexo com outra mulher uma afronta ou uma concordância ao estereótipo masculinizado? É possível perceber que, no final da vinheta, a nova imagem da mulher lésbica é colocada frente à antiga representação lesbiana, no momento em que Dana, Alice e Bette observam os quadros com as mulheres travestidas de homens. O mesmo acontece quando o grupo se posiciona em frente aos quadros das três amigas lésbicas. A questão é: Pode-se dizer que é uma imagem da “nova” mulher lésbica que se sobrepõe à ultrapassada imagem estereotipada?

A característica predominante da imagem contemporânea é apresentar a mulher lésbica em coletividade e como protagonista, em padrões de consumo e vestimentas diferentes

do que culturalmente a elas são atribuídos (vestido, maquiagem, jóias) e, da mesma forma, em intensa atividade sexual. Com isso, poderia ser um dos objetivos da vinheta exemplificar as identidades fluidas, diversas e não-padronizadas das mulheres lésbicas da atualidade? As personagens fictícias, ao passarem por situações semelhantes às vividas por suas espectadoras, podem promover uma ligação forte e contínua entre a personagem representada e a telespectadora e, com isso, contribuir para seus possíveis processos de identificação e de desidentificação das lesbianidades?

Em outras palavras, *The L Word* diz que a lesbianidade é bonita. E quem não quer fazer parte disso? Nesse sentido, é importante pensar que, além de servir para deixar esse sentimento de orgulho entre seus profissionais e fãs, a série também mostrou ao telespectador heterossexual que não há necessariamente uma marca que identifique uma lésbica, mas que ela pode ser qualquer uma. (AGOSTINI, 2010, p.140).

Sendo assim, pode-se dizer que as imagens da abertura, contraditórias ao padrão identitário lésbico culturalmente estabelecido, mas verossímeis e plausíveis, acabam por gerar novas significações, assim como novas crenças e hábitos? Ou ainda, esse padrão pode ter sido adotado coletivamente pelas telespectadoras?

Em entrevista ao canal *Showtime* na época em que a série estava sendo exibida a produtora, ativista dos Direitos Humanos nos Estados Unidos e diretora executiva da GLAAD⁴², Joan M. Garry relatou que um dos grandes presentes de *The L Word* foi ele “ter acabado totalmente com os estereótipos arcaicos da comunidade lésbica”. Seguindo o mesmo raciocínio, a comediantes e escritora lésbica Kate Clinton, afirmou que “a série mudou definitivamente aquela noção de que todo mundo (lésbicas) sempre está de blusa de flanela.” (SHOWTIME, 2009 apud AGOSTINI, 2010).

⁴² A Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD) (em Português: Aliança Gay e Lésbica Contra a Difamação) é uma organização não-governamental estadunidense cujo foco é a monitoramento da maneira como a mídia retrata as pessoas LGBT. A GLAAD foi fundada em 1985 em Nova Iorque em resposta à cobertura sensacionalista da epidemia de AIDS pela mídia.

Apesar dessas afirmações a respeito da visibilidade que a série trouxe para a comunidade lésbica, ainda é necessário fazer uma intensa pesquisa de comportamentos, representações, significados e, até, do próprio processo comunicativo que envolve a produção e a recepção de uma série de TV sobre lésbicas. Mesmo que os ícones tenham se modificado através dos tempos, ainda não se pode afirmar que os interpretantes que geram novos hábitos são novos e diferenciados, como propõe a abertura de *The L Word*, e representam o fim dos estereótipos.

A proposta principal dessa breve análise foi, através de um retrato detalhado das aberturas da série, demonstrar como o encaminhamento da narrativa trabalha com símbolos lésbicos já estereotipados e vai além, com outras formas de representar a mulher lésbica, como antes não havia sido mostrado: “heroínas” (JOST, 2012) coletivas à frente de uma trama com roteiros sobre personagens lésbicas, em ambiente que transita em seus grupos, suas profissões e vida privada, com relações de sexo e amizade.

5.3 UM MOVIMENTO LÉSBICO NA REDE

Quando a TV por assinatura *Warner Channel* começou a exibir *The L Word* na América Latina, os fãs que já tinham assistido à série pela Internet se assustaram. As legendas pareciam não traduzir exatamente o que estava sendo dito e o texto estava sem sentido. Além disso, o intervalo comercial entrava cortando as principais cenas de sexo do episódio.

A articulista do site Mix Brasil, Vange Leonel, e o site *The L Word BR*, assim como várias fãs, consideraram o ato de censura um absurdo e lançaram na Internet uma campanha para que os executivos da Warner Channel voltassem atrás. Segundo Vange Leonel

(2005), em seu artigo para a campanha, a série exibida pelo canal para toda a América do Sul e Central era uma versão light, mutilada e picotada, sem graça e sem qualidade. Além disso, ela afirmava: “De Safo, só sobraram fragmentos. Nas novelas os beijos lésbicos são proibidos. Quando finalmente é produzido um seriado que nos retrata de maneira menos envergonhada, a TV local resolve exibi-lo com cortes.”⁴³ (LEONEL, 2005).

Em seguida, no mesmo artigo, foram divulgados vários endereços físicos e eletrônicos para que as reclamações fossem feitas. Na época, a jornalista Martha Vasconcelos e sua companheira Luriana, criadoras do site *The L Word BR*⁴⁴, escreveram uma carta para o Warner Channel da América Latina na qual reivindicavam o fim da censura. Elas relatavam que o horário da série era adequado para que não houvesse cortes e que a experiência do canal não condizia com as derrapadas na tradução dos diálogos dos episódios. Vasconcelos (2005) escreveu “Reivindicamos que *The L Word* seja exibida na íntegra, como acontece nos países desenvolvidos! O Grupo BR atualmente tem mais de 1000 pessoas indignadas com essa atitude de extrema falta de respeito para com os telespectadores da série e do canal⁴⁵.”

Após a exibição de três episódios⁴⁶, o *Warner Channel* latino mudou de ideia e, não só reiniciou a série sem cortes e alterações de falas, como criou mais um horário para reprise.

Outros movimentos das comunidades sobre a série no Brasil merecem destaque. A comunidade brasileira da série no Orkut, *The L Word – Brasil Original*⁴⁷, que possui hoje 19.080 mil membros, foi criada em 03 de maio de 2004. Ou seja, cinco meses após o lançamento da série nos Estados Unidos e um ano antes que ela fosse ser exibida no Brasil. Nos tópicos de discussão é possível encontrar vídeos com usuários ensinando a baixar e

⁴³ Disponível em <http://mixbrasil.uol.com.br/mp/2.shtml> - Acesso em 20 de julho de 2005.

⁴⁴ Disponível em <http://www.thelwordbr.com.br/>. Martha e Luriana também são as mediadoras do grupo “thelword_br” do Yahoo http://br.groups.yahoo.com/group/thelword_br/ e do blog <http://grupothelwordbr.blogspot.com/> - Acesso em 11 de agosto de 2012.

⁴⁵ Disponível em <http://www.thelwordbr.com.br/reclame.html> - Acesso em 20 de novembro de 2007.

⁴⁶ Para conferir a comparação entre os três episódios exibidos e censurados e os completos, ver <http://www.thelwordbr.com.br/indexcortes.html> - Acesso em 11 de agosto de 2012.

⁴⁷ Disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=52139> - Acesso em 11 de agosto de 2012.

legendar os episódios. Além de explicar o processo, disponibilizam links para download e é possível encontraras mais diversas perguntas e respostas sobre a própria comunidade, sobre as lesbianidades e outros assuntos.

Entre todas as enquetes criadas pela comunidade, uma chama muita atenção. Lançada em 03 de março de 2009 pela usuária Mah_, traz a pergunta “Por qual dos seguintes meios você tem acesso ao seriado?”⁴⁸. Os 830 votos foram divididos entre as respostas a seguir: “Outros. Qual?” com 30 votos (3%), “Minha amiga me emprestou” com 33 votos (3%), “Eu Comprei!” com 104 votos (12%), “TV a cabo” com 199 votos (23%) e “Downloads pela net” com 464 votos (55%). Ou seja, a grande maioria, já naquela época assistia a *The L Word* baixando os episódios pela Internet. Entre os comentários de quem votou na opção de download, estão questões como a demora para que fosse exibido pela Warner, assim como a demora no lançamento em DVD e a impossibilidade de ser ver em casa por causa dos pais. Outra questão bem comentada foi o fato de que, mesmo que tivessem visto os episódios pela Internet, as fãs assistiam pela TV e compravam os boxes de DVD. A enquete foi citada por Adriana Agostini, no livro “Lésbicas na TV: The L Word” (2010), onde ela reafirma a importância das redes sociais virtuais criadas em torno de *The L Word*, já que nelas os fãs reúnem-se para debater a realidade, a identidade, a cidadania, o gênero e o coletivo referentes às lesbianidades, o que vai muito além da trama apresentada.

Reúnem-se porque sabem que, além de fãs, estarão em contato com pessoas que vivenciam e integram o universo lésbico. Assim, esse convite à participação do telespectador, mais do que opção de quem produz, vem se tornando, cada vez mais, condição *sine qua non* para a sobrevivência dos programas, que não podem ignorar a existência e a importância dessas redes sociais. [...] A facilidade de ser formar grupos por meio da web, que chegou aos próprios sites oficiais dos programas por meio da convergência das mídias, colaborou para que o telespectador interfira na qualidade e quantidade do produto.” (AGOSTINI, 2010, p.77).

⁴⁸ Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults?emm=52139&pid=1430780793&pct=1236032487>> - Acesso em 11 de agosto de 2012.

Outro relato que merece ser citado é o da fundadora do site *AfterEllen.com*, Sarah Warn. Seis meses após criar o portal americano de informações e entretenimento lésbico, a jornalista começou a ter notícias sobre o lançamento de *The L Word* que, na época, ainda era intitulado *Earthlings*⁴⁹. Descrente, ela afirma ter lido o comunicado da Showtime várias vezes. “Alguém iria realmente criar um show de lésbicas?” (WARN, 2006, p.1-2).

Para tentar entender a questão, Warn tentou uma saída criativa: postou em seu site um artigo sobre a série que estava por começar, intitulado “Será *Earthlings* o *Queer as Folk* lésbico?” (WARN, 2002).

A resposta foi imediata, com as lésbicas expressando uma mistura similar de excitação e ceticismo ao saber sobre a série. Apesar do número de leitoras na época ser muito pequeno, mulheres de toda as partes do mundo encontraram meu artigo, leram e enviaram o link para suas amigas, que transmitiram a suas amigas, e assim por diante. Eu comecei a receber mais e mais e-mails de mulheres que ofereciam opiniões, lançavam sugestões, e até mesmo reclamações sobre a série - e isto ainda um ano antes do primeiro episódio ir ao ar. (WARN, 2006, p.1-2).

A jornalista relata que continuou a escrever no site, sempre levando mais informações sobre a série, e que o tráfego do site “disparou” quando *The L Word* estreou, em Janeiro de 2004. Ela afirma que o *AfterEllen* cresceu e se desenvolveu ainda mais depois de *The L Word*, fazendo dele seu mais importante empreendimento.

É um negócio que foi literalmente construído sobre o interesse da comunidade lésbica em *The L Word*, embora a maioria dos tópicos que cobrimos no site não estarem relacionados com a série, e apesar de nós criticarmos *The L Word* com tanta frequência quanto a elogiamos. (WARN, 2006, p.1-2).

O fato é que o movimento de comunidades não ficou isolado dentro da rede. Como pode ser visto no documentário *The L Word*, de 2006, que mostra como as lésbicas passaram a se reunir para assistirem aos episódios em diversas cidades dos Estados Unidos, como Los Angeles, Salt Lake City, Filadélfia, San Diego e Houston. Em todos os grupos,

⁴⁹ *Earthlings*, ou terráqueos em Português, é uma gíria raramente usada para denominar lésbicas.

formados por diferentes lesbianidades, as opiniões eram as mesmas: os encontros começaram pelo fato de nem todas terem TV a cabo, servindo também para fortalecer a amizade ou formar novas e, além disso, as personagens e situações da série retratavam suas vidas, desejos e anseios. Isso mostra que o processo de identificação é positivo e necessário na medida em que há um número limitado de referências da mulher homossexual na mídia.

Quanto mais opções você tiver, mais modelos haverá para o tipo de homossexual que há por aí, que homossexual você pode ser e seria maravilhoso se pudessemos ter cada vez mais. Para que as pessoas soubessem que podem ser quem elas quiserem, onde quer que estejam. A sensação que fica é que, apesar de não viverem nas ruas ensolaradas de West Hollywood, as lésbicas espectadoras já passaram por algo assim. (DEVUN, 2006).

Sobre o volume de downloads de episódios da série, faz-se importante citar o link do portal “Parada Lésbica”. Postado em 06 de setembro de 2009, o texto⁵⁰ apresenta a série e disponibiliza links para que todos os 70 episódios legendados de suas 06 temporadas, além de especiais e entrevistas com as atrizes da série, sejam baixados de forma gratuita. No portal também é disponibilizado o tutorial para que os arquivos sejam convertidos em formato para DVD e assistidos nos aparelhos normais de TV. O *post* teve mais de 668 mil visualizações e 307 comentários. O objetivo da apresentação de dados é complementar os resultados da pesquisa aqui elaborada e revelou, também, que o número de espectadoras que tiveram acesso à série pela Internet é muito significativo, devendo ser levado em conta nos estudos.

Esses foram alguns dos movimentos criados em torno da série que fazem dela um exemplo especial de produto cultural transmidiático. Além desses, produzidos por fãs e espectadoras, a própria *Showtime*, rede produtora do seriado, disponibilizou vários conteúdos exclusivos da série para seu público nos sites oficiais. Os episódios ficavam disponíveis no canal a cabo *premium*, através de aluguel, venda ou download direto do site (e de outros servidores, como o *iTunes*). Ele também era comercializado através de produtos digitais

⁵⁰ Disponível em <<http://paradalesbica.com.br/2009/09/download-the-l-word-completo/>> - Acesso em 11 de agosto de 2012.

afiliados, como e-mail e mensagens promocionais. Todas essas ações foram promovidas pela Showtime para seus telespectadores possivelmente como uma maneira de promover a série e aumentar sua receita.

Já as comunidades criadas pelas telespectadoras, como foi o caso do Leskut aqui no Brasil, forneciam uma entrada eficiente para as espectadoras leigas no ambiente da convergência. Em blogs, fóruns e sites específicos, essas espectadoras reuniam e divulgavam todos os tipos de informações relacionadas à série, sendo que a troca e partilha de informações nesses sites qualifica a audiência como inteligência coletiva (PRATT, 2008).

O que diferencia as comunidades de *The L Word* dos outros grupos de fãs de mídia, segundo Pratt (2008), é que as discussões recorrentes em seus chats não se referem somente ao seriado em si, sua sinopse e personagens, mas sim às questões *Queer* de uma forma geral, como críticas e elogios à série ou opiniões sobre as categorias de identidade e representação, entre outros.

Em outras palavras, a inteligência coletiva que está sendo formado por estas comunidades de conhecimento não são simplesmente sobre *The L Word*, mas são uma inteligência coletiva da experiência *Queer*. Este determina que esses grupos tenham aspecto nitidamente político, algo que as comunidades de fãs de outros meios não são suscetíveis a ter. Muitas vezes, o efeito deste componente político permanece dentro da comunidade como quando as questões são levantadas, discutidas entre os membros, e um maior conhecimento dos objetivos do movimento é adquirida. No entanto, às vezes a política da inteligência coletiva trabalha seu caminho no roteiro da série e, portanto, na cultura dominante. (PRATT, 2008, p. 167)⁵¹.

As espectadoras que se tornaram fãs e passaram a frequentar redes sociais ligadas à série, claramente se encaixam na ideia de Jenkins sobre as comunidades de conhecimento, já que essas mulheres promoviam o conhecimento, incentivavam o discurso político e, ao

⁵¹In other words, the collective intelligence being formed by these knowledge communities is not simply about *The L Word*, but rather is a collective intelligence of queer experience. This designates these groups as containing a distinctly political aspect that other media fan communities are unlikely to possess. Often the effect of this political component remains within the community as issues are raised, discussed between members, and a greater knowledge of movement objectives is gained. However, sometimes the collective intelligence's politics work their way into the series' text and thus, into the dominant culture. It is to this process and its implications that I now turn. (PRATT, 2008, p.167 - tradução nossa).

mesmo tempo, criavam a Inteligência Coletiva. Pelo ponto de vista de Pratt (2008), a abertura e a acessibilidade da Internet permitiram a inclusão de um grupo diverso ou generalizado de vozes, com mulheres de todo o mundo podendo se reunir a qualquer momento dentro do ciberespaço e trazer novas ideias e perspectivas para as outras, aplicando-as dentro de suas vidas, comunidades ou espaços virtuais. Ainda segundo a autora, um maior número de pontos de vista e compreensão só podem fortalecer o movimento *Queer*, já que esses espaços comunitários de novas mídias podem ter o potencial de fornecer não só uma maior diversidade de discursos, mas também uma maior capacidade de interações e organização do que jamais poderia ser montado por tipos mais antigos de comunidade (PRATT, 2008).

Durante décadas, comunidades de fãs lançaram críticas aos seus objetos de idolatria, na esperança de que escritores, atores ou produtores pudessem saber seus pontos de vista para adaptarem os roteiros a seu desejo, ou para criarem personagens com as quais se identificassem, por exemplo. Com a Cultura da Convergência, essa comunicação finalmente se tornou completa, com os produtores interagindo com seu público de forma bem mais direta e rápida. *The L Word*, no caso, foi vanguarda não só por se interessar pelas opiniões de seu público, como também por incorporar as sugestões em seus roteiros.

Os sites da produtora Showtime disponibilizaram duas *fan-pages* específicas do seriado, Lword.com e OurChart.com, que incentivam comentários da audiência e discussões entre o público, oferecendo espaço para divulgação dos conteúdos produzidos por ele. Estes sites oficiais apresentavam quadros de mensagens, assim como muitas peças de ficção de fãs, blogs e outros recursos interativos. Na verdade, a *Showtime* inclui ainda um *Wiki* sobre *The L Word*, inteiramente criado pelos telespectadores de forma colaborativa e direcionado para as próprias fãs do seriado.

Pelas pesquisas de Pratt (2008), as mudanças que aconteceram no roteiro de *The L Word* como resultado de reações da audiência exemplificam o impacto que a convergência de

Jenkins tem sobre a economia de mercado. Assim como outros fãs de mídia, as telespectadoras de *The L Word* criaram uma variedade de tipos de conteúdos digitais próprios, como *fan-fictions*, obras artísticas ou influenciadas pelas novas mídias, montagem de cliques com músicas e cenas da série, compilações de momentos de algumas personagens, paródias dos roteiros e das personagens, por exemplo. Esses conteúdos foram amplamente divulgados na Internet, com fácil acesso inclusive para as pessoas que não eram espectadoras da série, tal como acontece com o movimento de fãs de outras mídias. A diferença, neste caso, como lembra Pratt (2008), está no fato dos conteúdos produzidos pelas fãs de *The L Word* serem relacionados às questões *Queer* de identidade, gênero, vida em sociedade e movimentos políticos. Como é o caso dos vídeos produzidos pelas fãs e divulgados no canal Youtube, que recriam situações do roteiro da série ou sugerem outras ideias que podem fazer com que ela seja mais representativa na opinião do público.

Por exemplo, a *Barbie L Word* recria cenas do show inteiramente através de bonecas Barbie, que têm os nomes dos personagens escritos em adesivos sobre seus peitos. A crítica que a boneca Barbie historicamente recebe por ser um padrão inatingível de beleza refere-se às semelhantes críticas que são feitas ao elenco altamente elegante e geralmente feminino do show. [...] Em todos esses vídeos, o show é reescrito ou parodiado para que sejam destacados os dois problemas que as espectadoras LGBT encontram com a série e as questões sociais ou políticas que acreditam informá-los. Muitos parecem buscar uma apresentação mais "precisa" de vida *Queer*, acreditando que a sua própria vida gay pode de alguma forma estar mais perto de "a nossa forma de viver e amar", como a música-tema promove. (PRATT, 2008, p.183)⁵².

Esses vídeos também permitem comentários, assemelhando-se a um fórum de discussão nos quais outros visitantes do Youtube podiam interferir. Movimento que incentivou, mais uma vez, o diálogo sobre a vida LGBT e sua comunidade, a respeito de suas reivindicações e sua necessidade de visibilidade. De certa forma, pode-se dizer que a

⁵²For example, *Barbie L Word* recreates scenes from the show entirely through Barbie dolls, which have the character names written on stickers upon their chests. Barbie's history of critique for being an unobtainable standard of beauty invokes the similar critiques leveled at the show's highly fashionable and generally femme cast. [...] In all of these videos, the show is reworked and/or parodied in order to highlight both problems queer viewers find with the series and the social or political issues they believe inform them. Many appear to seek a more "accurate" presentation of queer life, believing that their own queer life might somehow be closer to "the way we live and love," as the theme song promotes. (PRATT, 2008, p.183 - tradução nossa).

veiculação desses vídeos relacionados à série promoveu a formação de uma comunidade de conhecimento e inteligência coletiva que ajudou a preencher os espaços LGBT na cultura de massa.

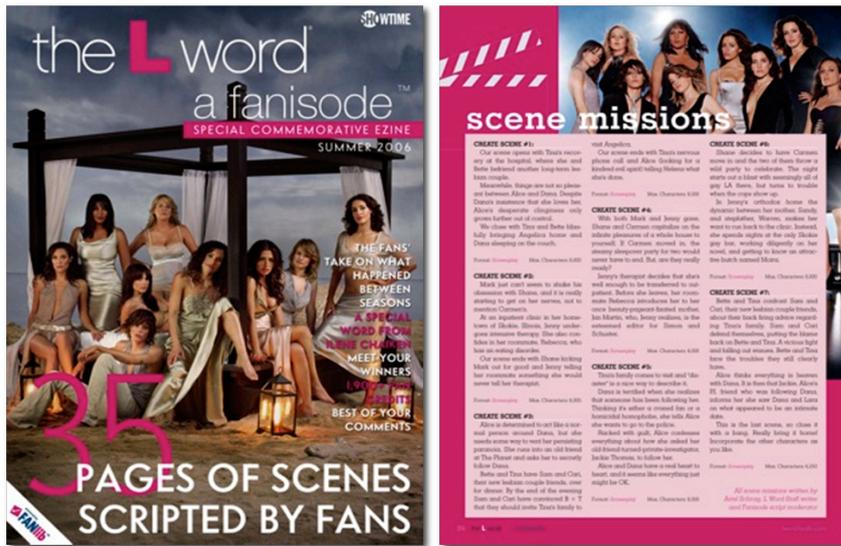
Os produtores executivos da série souberam aproveitar bem esse movimento de convergência dos meios em um ambiente de criação colaborativa. Mais de um evento oficial foi realizado pela Internet para incentivar a produção de *fan-fictions* ou roteiros alternativos pelas fãs do seriado. No início do ano de 2006 a Showtime realizou, em conjunto com a empresa *FanLib*, o chamado “*Fanisode Contest*”⁵³. Inicialmente, os telespectadores foram consultados sobre o que eles gostariam de ver como tema na série. As espectadoras foram, então, convidadas a apresentar seus próprios roteiros com sugestão de cenas onde, ao contrário de um concurso de vídeos online, era necessário apenas ter criatividade e acesso à Internet para participar deste evento. Uma vez que os resultados foram determinados por votação, cada participante se tornou um ativista, buscando amigos e familiares para votarem em sua cena. Semana após semana, os roteiristas receberam votos de amigos e de outros espectadores através do site oficial de *The L Word*. Mais de 20 mil pessoas participaram da competição. O evento foi destaque também quanto ao engajamento dos envolvidos. Nenhuma promoção foi feita fora do site do Showtime e, mesmo assim, o concurso atraiu cerca de 150 mil visitas ao site, com uma média de 19 páginas visitadas⁵⁴. O resultado foi um episódio feito por oito principais escritores com a interferência de milhares de outros membros da audiência. Os vencedores foram convidados a publicar seus roteiros em uma revista on-line: “*The L Word: A Fanisode, Special Commemorative Ezine*”⁵⁵.

⁵³ Disponível em <<http://www.cbcorporation.com/news-article.php?id=240>> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

⁵⁴ Disponível em <<http://www.imediacion.com/content/8799.asp>> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

⁵⁵ Disponível em <<http://www.madebytam.com/LWORD.pdf>> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

Figura 03 – Páginas do “The L Word: A Fanisod, Special Commemorative Ezine”, 2006.

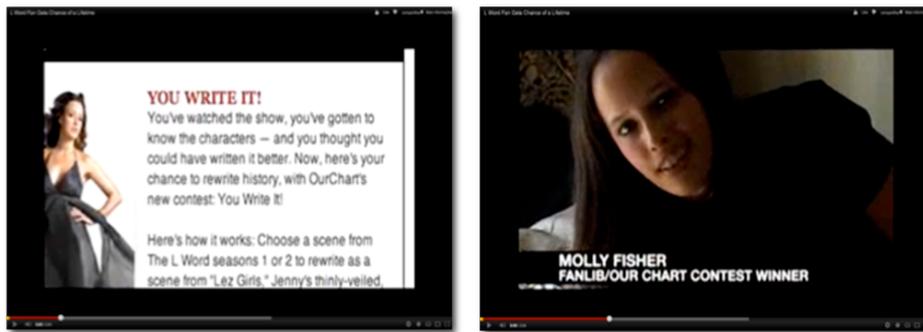


Fonte: PDF online disponível em <http://www.madebytam.com/LWORD.pdf> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

O concurso foi apenas uma das maneiras que a produção da série encontrou para que o público participasse ativamente da condução da narrativa. *The L Word* no *SecondLife*⁵⁶ permitiu ao público a criação de um avatar que vivia em um mundo muito semelhante ao encontrado na série. Já a rede *OurChart.com*⁵⁷ foi uma criação da narrativa série, como projeto pessoal da personagem Alice, que foi colocado em ação na quarta temporada e virou realidade, através de uma rede de relacionamentos entre espectadoras, personagens e atrizes ou outras mulheres envolvidas na produção da série. Nessa rede, era possível se conectar tanto à personagem Shane, por exemplo, quando à sua intérprete, Kate Moening.

Ainda como ferramenta de envolvimento do público, em 2007, a *Showtime* patrocinou outro concurso para roteiristas amadores, chamado “*You Write It*”, ou “você escreve”. A cena foi intitulada “*Is She, or Isn't She*”, escrita por Molly⁵⁸, cujo nickname era “*online mfishy*”, e foi incorporada na filmagem real da quinta temporada.

Figura 04 - Vídeo “*L Word Fan Gets Chance of a Lifetime*”, 2008



Fonte: Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=l_a0wr_q0-I> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

⁵⁶ Jogo interativo de realidade virtual. Disponível em <<http://secondlife.com/>> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

⁵⁷ O site *OurChart.com* foi desativado em 2009. Disponível em <<http://lezgetreal.com/2009/01/our-chart-is-gone-and-the-new-chart-is-in/>> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

⁵⁸ O vídeo que explica o processo do concurso e a inspiração da vencedora Molly pode ser acessado na página oficial da *Showtime* no youtube. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=l_a0wr_q0-I> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

Desde a segunda temporada, os roteiristas incluíram conteúdo público, como histórias e comentários, aceitaram sugestões de personagens e dialogaram com as espectadoras em um nível pouco explorado até então. Esses momentos interativos demonstram como Ilene Chaiken e a produtora *Showtime* estavam interessadas desde o início em criar um relacionamento de colaboração com seu público. Em seus comentários publicados para o *Fan-fiction E-Zine*, Chaiken reafirmava a importância da participação das espectadoras para a série.

É quase impossível precisar o quanto você é importante para este seriado. A partir do momento em que o primeiro episódio de *The L Word* estreou, em 2004, nós, escritores, produtores e atores, nos envolvemos em uma grande, divertida e importante conversa com vocês, os telespectadores. Vocês vieram para nós com entusiasmo em suas reações, suas objeções, suas idéias, paixões, preferências e opiniões sobre se estamos ou não adequados e autenticamente representando a maneira que vivemos. Congratulamo-nos com isso. (CHAIKEN, 2006 apud PRATT, 2008, p.186)⁵⁹

Chaiken reconhece claramente a importância das comunidades de conhecimento em torno de *The L Word*, não só para a teledramaturgia seriada, mas também para a comunidade lésbica como um todo. A produtora sabe reconhecer a relação mútua de apoio que Jenkins aponta na Cultura da Convergência, em que a série precisa dos espectadores e os espectadores precisam da série. Da mesma forma, ela parece estar disposta a criar um mecanismo eficiente de colaboração e compartilhamento entre público e série.

Nesse aspecto, *The L Word* é um produto que vem ilustrar a conceituação formulada por Jenkins sobre a Cultura da Convergência, com suas comunidades sociais, fóruns, compartilhamento de conteúdo e trocas de ideias, assim como a narrativa transmídia, tida como uma das características da série. Para Jenkins, esse tipo de movimento contribui

⁵⁹ *It's almost impossible to overstate how important you are to this show. From the moment The L Word first premiered back in 2004, we, the writers, producers, and actors, became engaged in a great, fun, important conversation with you, the viewers. You came at us enthusiastically with your reactions, your objections, your ideas, passions, preferences and opinions as to whether or not we were adequately and authentically representing the way that we live. We welcome it. We know how privileged we are to be the ones entrusted with the opportunity to put our stories forward before the world.* (CHAIKEN, 2006 apud PRATT, 2008, p.186).

para a criação de uma cidadania colaborativa: “os efeitos políticos dessas comunidades de fãs surgem não apenas da produção e circulação de novas ideias (a leitura crítica de textos favoritos), mas também pelo acesso a novas estruturas sociais (inteligências coletivas) e novos modelos de produção cultural (cultura participativa).” (JENKINS, 2010, p.329).

Concluindo, as estruturas das comunidades de fãs criadas a partir da série proporcionaram não só uma nova forma de pensar a visibilidade lésbica a partir de uma imagem fluida e ampla, como também a possibilidade de acesso ao conteúdo a partir do compartilhamento na rede.

6 COMPARTILHANDO *THE L WORD*

Com o objetivo de avaliar as questões colocadas até este ponto da dissertação, foi aplicado, através de redes sociais em uma amostragem das espectadoras de *The L Word*, um questionário *online* e anônimo com 17 perguntas⁶⁰ relacionadas ao seriado. Buscou-se fazer uma investigação dos meios convergentes pelos quais o público teve acesso aos episódios da série. Além disso, foram elaboradas perguntas que abordavam o movimento de participação das espectadoras em comunidades de lésbicas criadas a partir da série. Procurou-se avaliar de que forma as espectadoras se envolviam com o compartilhamento da série na Internet e, da mesma forma, em comunidades geradas a partir dos interesses comuns ao seriado e às lesbianidades.

Foi escolhido, como hospedagem da pesquisa, o site de busca e serviços *Google Docs*⁶¹, no qual é possível criar gratuitamente um questionário online, que pode ser respondido de forma anônima, como era o objetivo deste trabalho. O questionário foi desenvolvido em formulário próprio do site, e distribuído através do *link*⁶² criado por ele entre os seguidores dos perfis da autora nos sites *Leskut*, *Facebook* e *Twitter*.

Uma das estratégias utilizadas para a aplicação da entrevista foi a pesquisadora fazer parte das comunidades acima citadas. Principalmente por ser, a pesquisadora, lésbica. Vale salientar que alguns desses grupos são fechados a pessoas com outras orientações sexuais, como é o caso do *Leskut*. Dessa forma, somando os seguidores que tiveram a oportunidade de ler o *post* colocado com o intuito de chamar as pessoas para a pesquisa nos

⁶⁰ Conforme Apêndice A, p. 92 a 94.

⁶¹ Disponível em <www.google.com.br> - Acesso em 10 de julho de 2012.

⁶² Disponível em <<https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?formkey=dHBKTmh0aTVfOEhFOXAWaWhqS3NkeXc6MQ#gid=0>>- Criado em 07 de junho de 2012.

perfis do *Facebook*⁶³ e *Twitter* da pesquisadora, pode-se considerar um ambiente de cerca de 3 mil pessoas, já que o primeiro possui 1.655 “amigos” adicionados, enquanto o segundo possui 1.196 “seguidores”.

No Leskut a pesquisa foi aplicada de uma forma diferente, já que ao abrir o site é possível visualizar um banner que diz ser aquela a primeira e maior rede social para lésbicas do Brasil. Isso não pode ser considerado exagero, já que, com mais de 35 mil participantes que se declaram lésbicas, bissexuais ou curiosas, a rede foi criada pelo portal Parada Lésbica no ano de 2008 e tem um rigoroso sistema de regras para que a pessoa interessada possa ser aceita como usuária. As regras incluem uma verificação por parte das moderadoras para saber se a pessoa inscrita realmente é uma mulher, pelo fato de que homens e casais não serem permitidos⁶⁴. Um *post* com o *link* da pesquisa foi adicionado tanto na página inicial, quanto na comunidade *The L Word*, com o consentimento das administradoras do site, que, inclusive, ajudaram na divulgação entre as usuárias.

A escolha desse perfil como local de aplicação da pesquisa não foi aleatória, visto que a autora segue diversas comunidades lésbicas e referentes à série aqui estudada. Nessas comunidades, com participantes que também seguiam o mesmo perfil, foi estabelecido o primeiro ponto de afunilamento do perfil das entrevistadas, ou seja, elas deveriam fazer parte de comunidades que tivessem, como assunto em comum, a série *The L Word*.

A pesquisa foi aplicada do dia 9 de julho de 2012 ao dia 21 de agosto de 2012, com *posts* diários sobre o assunto nos perfis da pesquisadora e como citado anteriormente, não era necessário se identificar para preencher a pesquisa. Assim, foram coletados 104 formulários respondidos e as questões foram tabuladas conforme software do próprio site.

A pergunta inicial “Qual a sua orientação sexual?” se refere a um importante ponto de partida relacionado ao tema. Como *The L Word* foi considerada uma das mais

⁶³ Disponível em <www.facebook.com/lilian.werneck> - Acesso em 11 de agosto de 2012.

⁶⁴ Regras completas disponíveis em <<http://leskut.com.br/sobre-nos/regras/>> - Acesso em 10 de julho de 2012.

importantes séries lésbicas (AGOSTINI, 2010), era preciso verificar se a maioria de seu público era formada também por mulheres homossexuais.

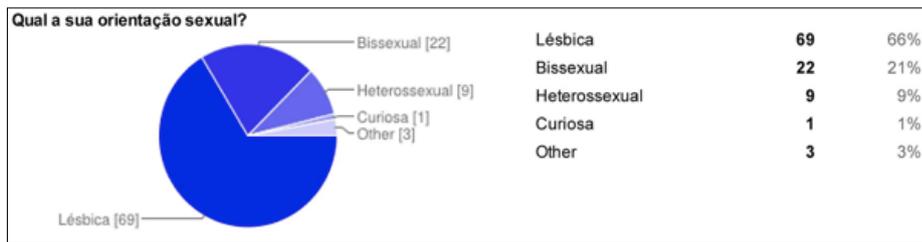


Gráfico 1: Pergunta 1 da pesquisa online

Conforme o Gráfico 1, das alternativas oferecidas, 66% se identificaram como “lésbicas”, enquanto 21% se identificaram como “bissexuais”. Já 9% se declararam “heterossexuais”, 3% como “outros” e 1% como “curiosa”, incluindo uma resposta: “Não sei definir ainda, mas com certeza gosto mais de mulheres”. Ou seja, 69 mulheres se identificaram como lésbicas, como confirma esta amostra.

A segunda pergunta foi sobre a faixa etária das participantes da pesquisa, sendo esta uma pergunta de caráter quantitativo.

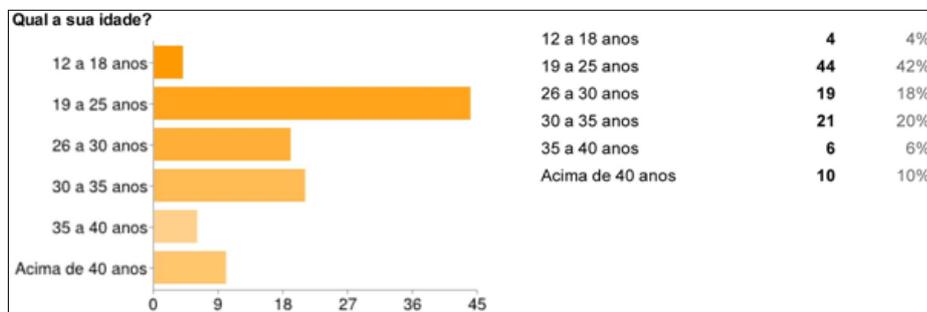


Gráfico 2: Pergunta 2 da pesquisa online

Como pode ser observado no Gráfico 2, das participantes, 43% estavam na faixa de “19 aos 25 anos”, enquanto 20% optaram pela faixa de “30 a 35 anos”. Já a faixa etária de “26 a 30 anos” foi a opção de 18% das participantes, a opção “Acima de 40 anos” foi selecionada por 10% delas e a faixa etária de “35 a 40 anos” obteve 6% de cliques, enquanto a opção de “12 a 18 anos” totalizou 4% dos cliques. Analisando esses dados, foi possível verificar que a maioria delas era jovem estava na faixa etária de 19 a 25 anos, o que pode significar tanto que a geração mais jovem tem maior acesso ao computador quanto que o público majoritário da série é composto por pessoas com idade na faixa dos 20 anos.

Na terceira pergunta: “Já assistiu ou assiste à série *The L Word*?”, a intenção era saber se as participantes tinham conhecimento da série estudada para que o questionário tivesse aplicabilidade nas entrevistadas. Apesar de contar com a escolha aleatória das participantes, o resultado demonstrou 98% para “sim” e apenas 2% para “não”, como pode ser confirmado no Gráfico 3.

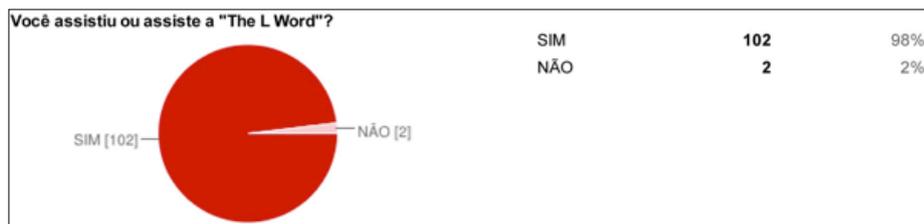


Gráfico 3: Pergunta 3 da pesquisa online

Vale salientar que as duas respostas negativas vieram de pesquisados que não estavam comprometidos com a pesquisa, visto que havia comentários visivelmente homofóbicos em suas respostas dissertativas. Entretanto, considerando o resultado como um todo, a maioria assistiu à série ou, pelo menos, a uma parte dela. Sendo assim, é possível concluir que as perguntas foram respondidas por um público participativo da série.

A quarta pergunta se tratava de uma continuação da terceira e procurou saber “quando a participante havia assistido à série”. O resultado revelou que 33% assistiram a série “quando lançaram no Brasil, em 2005”, enquanto 30% optaram por “outros” e 27% responderam “atualmente, pela Internet”, conforme visto no Gráfico 4.

Se sim, quando e quais temporadas?		
quando foi lançada nos estados unidos, 2004	20	19%
quando foi lançada no brasil, 2005	34	33%
quando foi lançada em dvd no brasil	21	20%
atualmente, pela internet	29	28%
Other	31	30%

Gráfico 4: Pergunta 4 da pesquisa online

É importante acrescentar que era possível optar por mais de uma resposta, pois a pesquisadora acredita que o público se movimenta por diversos caminhos para conseguir seu produto, objeto de desejo.

“Por quais meios teve acesso a *The L Word*?”, se referia à quinta questão e, provavelmente, a mais importante do questionário, já que o compartilhamento da série *The L Word* como movimento da Cultura da Convergência é uma das hipóteses que se tenta defender neste estudo.

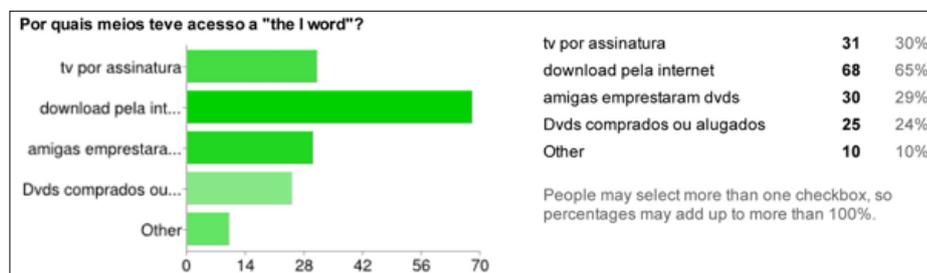


Gráfico 5: Pergunta 5 da pesquisa online

Conforme pode ser observado no Gráfico 5, nesta questão, a maioria das entrevistadas, mais especificamente 65%, responderam que “tiveram acesso à série por download pela Internet”. Já 30% pela “TV por assinatura”, enquanto 29% responderam que “amigas emprestaram DVDs” e 24% “por DVDs comprados ou alugados”. Dos 10% que responderam “outros”, uma das participantes, lésbica da faixa etária dos 30 a 35 anos, respondeu da seguinte forma: “Descobri no ano de 2007, pela Internet, depois assinei TV a cabo, onde acompanhei rapidamente, depois comecei a baixar todas as temporadas no mesmo tempo em que ela passava, e baixava as dos anos seguintes tbm (sic)”.

É preciso acrescentar que o *download* de uma série de TV não é uma técnica fácil de ser aprendida, porém, as respostas a essa questão apresentaram dados mostrando que existe o hábito de assistir à série *The L Word* pela Internet. O fato é que, muitas vezes, a interação entre usuárias das redes relacionadas à série acontecia para que elas descobrissem como baixar os episódios na Internet. Uma participante, por exemplo, que não define sua sexualidade e diz ter de 35 a 40 anos, responde que “assistiu *The L Word* em vídeo pirata disponível no grupo de militância Identidade”(sic).

Em relação à pergunta “Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a *The L Word*?”, 49% responderam “sim” e 51% responderam “não”, conforme visto no Gráfico 6.

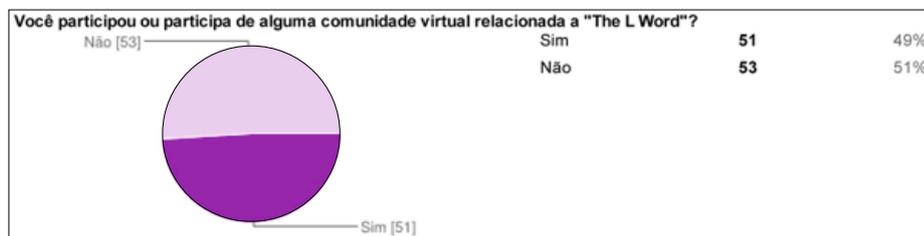


Gráfico 6: Pergunta 6 da pesquisa online

O empate técnico observado, se comparado ao resultado da questão sobre acesso aos episódios, revela que mesmo sendo fãs, as espectadoras não precisam, necessariamente, fazer parte de comunidades para que tenham acesso aos episódios por download.

Em contrapartida com a questão anterior, quando foi perguntado “Você continuou participando da comunidade de *The L Word* mesmo depois que a série acabou?”, a maioria afirmou se manter na comunidade e em contato com as outras integrantes, mesmo depois do cancelamento da produção, demonstrando que a série foi capaz de fazer com que lésbicas de diversos países, estados, cidades e comunidades se conhecessem, se entrosassem e trocassem informações e conhecimentos.

Os comentários nas respostas positivas parecem ser um reflexo da sensação que *The L Word* causou em suas fãs. Uma das respostas foi “Sim, porque por mais que tenha acabado foi algo que me marcou e foi por causa do seriado que criei coragem de me assumir”, de uma entrevistada que hoje já se identifica como mulher lésbica. Outra, que se identificava como “curiosa”, afirmou: “Sim, na verdade comecei a participar agora que a série acabou e eu acho que sou “meio lésbica”. Rs (sic)”. Uma terceira participante respondeu: “Por ser uma série que marcou minha história pessoal e, acredito, a história de visibilidade das lesbianidades nos meios de comunicação, de forma mais ampla”.

Já a pergunta “A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas? (rede social, bares, guetos, etc.)?” foi apresentada no questionário para tentar saber de que forma *The L Word* motivou às suas espectadoras a participar de comunidades que tinham a orientação social como eixo principal. Como era uma pergunta aberta, as respostas foram das mais diversas, sendo que a maioria respondeu “sim, que havia se sentido encorajada para procurar grupos lésbicos como bares, sites e do *Leskut*”. Algumas revelaram que “participam secretamente”, outras deram respostas como “me encorajou a SER” ou “Me fez ser mais confiante como lésbica, e a frequentar bares e eventos de mãos dadas com minhas namoradas,

por exemplo.”, ambas da faixa etária dos 19 aos 25 anos. Além disso, uma das participantes respondeu “Sim. Como entrar no *Leskut*, ir a bares lésbicos em São Paulo (Vermont Centro e Itaim, Bar Fradique, Bares na região da Frei Caneca)”. Vale salientar que duas respostas que começaram com “Não” tiveram, da mesma forma, conclusões interessantes. A primeira dizia que não, mas as amigas se reuniam para assistir aos episódios. Outra participante foi bastante clara no que diz respeito ao papel da série em sua vida quando respondeu a esta pergunta, como pode ser observado abaixo.

Não. Minha rede de amigas/amigos/amigues (sic) já estava formada à época. Mas o que acontece, até hoje, é que a série é um ponto de começo de conversa com pessoas LGBTIQ (sic) (mas especialmente lésbicas) em qualquer cidade do mundo - então, de uma certa forma, a série continua sendo um conector na minha vida hoje em dia. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

Na pergunta “Você baixou algum episódio de *The L Word* a partir dos links compartilhados nesta comunidade?” a intenção era investigar se as participantes eram influenciadas a participarem dos grupos frequentados por elas, pelo simples fato destes oferecerem links dos episódios.

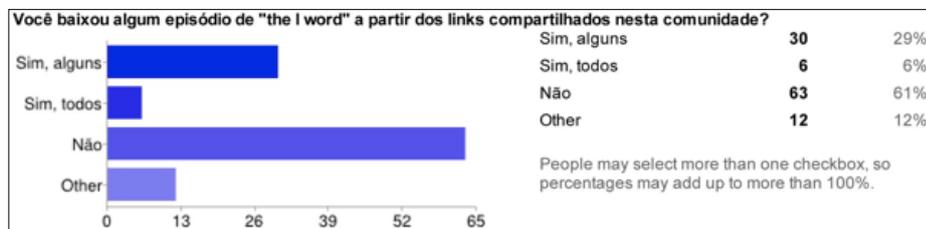


Gráfico 7: Pergunta 10 da pesquisa online

Conforme visto no Gráfico 7, 29% optaram por “alguns links foram acessados das comunidades”, enquanto 61% responderam “não” o que reflete, acredita-se, o momento atual, em que a série já não é mais transmitida na televisão e é inédita para um número reduzido de

peessoas. No entanto, algumas das respostas foram “Assisti a 1ª temporada em DVD emprestado e baixei da 2ª temporada em diante no site Parada Lésbica” ou “por Torrent” ou “por Google”. Além disso, uma participante lamentou não saber e outra disse que pegou de amigas que baixaram.

A pergunta “O que te motivou a baixar os episódios?”, na qual era permitido escolher mais de uma alternativa, teve 63% responderam “Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet”, 40% responderam “Privacidade para assistir”, enquanto 30% optaram por “Escolha do horário de exibição” e 22% por “Falta de acesso a TV por assinatura”. Já 30% optaram por outras respostas, como “os boxes de DVDs demoravam a sair, e quando saía, o preço era proibitivo, à época.” ou “não baixei os episódios”, conforme observado no Gráfico 8.

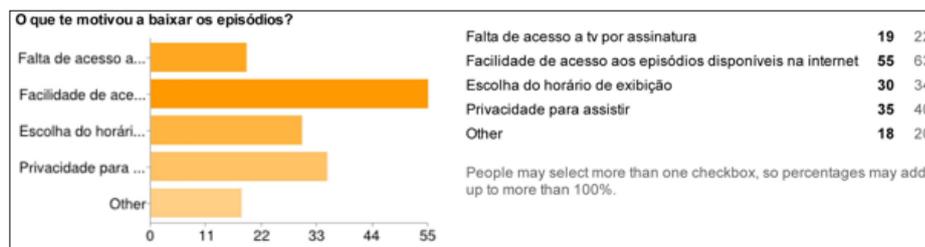


Gráfico 8: Pergunta 11 da pesquisa online

Portanto, esses 30% de “outros”, na verdade, podem ser interpretados como as participantes que não tiveram acesso à série por download, como revelou a questão “Por quais meios teve acesso a *The L Word*?”.

É importante ressaltar que algumas perguntas se tornaram obsoletas com o andamento da pesquisa. Uma delas foi “Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?” (Se sim, qual?), já que as respostas não corresponderam às

expectativas da pesquisadora sendo em sua maioria, negativas. Foi observado também que apenas 10% deram como resposta “teve alguma ajuda para legendar ou assistiu legendado”, como reflete o comentário “Sim, via pesquisas na Internet, pelo próprio fórum de que participava ou via indicação de amigas”. Sendo assim, não foi possível observar o que era pretendido, como por exemplo, se o envolvimento nas comunidades fez com que o compartilhamento do conteúdo fosse incentivado. As entrevistadas que optaram na questão tiveram acesso à série.

A pergunta seguinte era dissertativa “Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de *The L Word* a qual faz parte? Se sim, que tipo?” e por isso obtive as mais diversas respostas. “Fiz grandes amizades através da comunidade chamada Brejo. Sou noiva de uma delas.” ou “Namorei uma das integrantes”. Uma das respostas se destaca por conter um discurso inflamado, onde a participante diz:

Sim, como escrevi fanfic (sic)⁶⁵ em um site internacional e em inglês, aproveitando que queria combater aquele monte de bobagem que via das personagens de alguma forma, fazendo uma maior reflexão sobre o papel social da mulher e da lésbica na sociedade, usando além da própria liberdade com seu corpo, acabei me relacionando (amizade) com mulheres da Europa e Estados Unidos. Um desses contatos mantenho até hoje. As histórias eram bobinhas e dramáticas, mas eram um meio de expressão possível, na época. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

Uma espectadora de *The L Word* que, pelo que ela mesma narrou, costumava escrever *fan fictions* em sites internacionais a partir do seu ponto de vista sobre a série. Ela afirmou, também, ter estabelecido relacionamentos com pessoas ou grupos sociais por incentivo do seriado, expresando bem a repercussão e a utilização das redes, tal como aponta Jenkins (2009) no que ele chama de “Cultura da Convergência”, ou convergência dos meios de comunicação dentro de uma cultura participativa alimentada pela inteligência coletiva, tendo como consequências implicações tecnológicas, culturais, sociais e mercadológicas.

⁶⁵ O fan fiction que a entrevista diz escrever hospeda-se no site <<http://fanfiction.l-word.com/story/24494/page1.html>>.

Outra resposta que também merece destaque é a que diz: “Sim, tenho amigas que conheci nas comunidades e que hoje continuam conversando comigo, sendo minhas amigas e tal. Fiquei com algumas meninas que conheci na rede, como Orkut e Leskut”.

Com a pergunta “*The L Word* te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina? (Pode marcar mais de uma alternativa)”, a pesquisadora procurou perceber se além de movimentos sociais, a série poderia ter provocado alguma sensibilização quanto à postura lésbica.

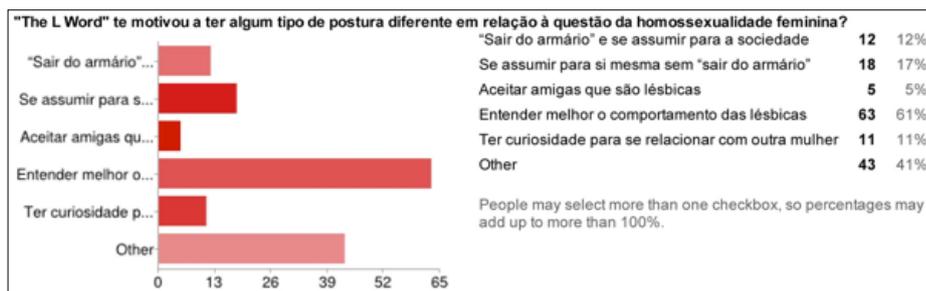


Gráfico 9: Pergunta 14 da pesquisa online

Conforme o resultado demonstrado no Gráfico 9, é possível perceber que 63% das participantes responderam que “passaram a entender melhor o comportamento das lésbicas”, enquanto a opção “Se assumir para si mesma, sem ‘sair do armário’” obteve 17% das escolhas. Na opção “outros”, que resultou em 41% das respostas, comentários como “ter uma visão mais ampla de tudo isso, além de uma visão histórica e, ao mesmo tempo, uma visão contemporânea do mundo gay sempre ajuda na questão dos tabus e dogmas envolvidos” e “Fiquei mais atenta para a diversidade de identidades e comportamentos dentro do universo lésbico”. Assim, é possível perceber que *The L Word*, de alguma forma, colaborou com os aspectos normalmente “escondidos” no que diz respeito às lesbianidades, apresentando em suas protagonistas lésbicas pequenas mas diversas amostras de lesbianidades.

Já a pergunta “Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?” foi uma questão mal entendida ou mal interpretada pela maioria das entrevistadas. Interrogações em algumas respostas, enquanto outras questionavam a imagem lésbica representada na série.

Apesar do ocorrido, os comentários foram relevantes para o resultado da pesquisa, como será demonstrado a seguir.

O primeiro comentário trazia uma impressão positiva sobre a série:

The L Word retrata personagens reais, mulheres vivendo suas vidas, trabalhos e relacionamentos. Cada personagem tem uma característica, personalidade, conceitos e valores próprios, e por isso acredito que tantas pessoas se identificaram com a série. Os conflitos abordados, a relação de amizade, amor, o dia a dia delas assemelham-se aos das lésbicas atuais. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

A participante com a opção “lésbica” de “19 a 25 anos” fez uma afirmação que faz referência direta à amplitude da visibilidade lésbica provocada pela série:

A autora trabalhou com estereótipos, acredito que isso levou as pessoas a classificarem lésbicas dentro dos padrões como os dos personagens da série. Não quero dizer que esse padrão tenha sido criado pela autora, mas foi ampliado. Sendo assim quando alguém/eu está numa conversa informal e quer usar de um molde para caracterizar alguém, os personagens da série servem para isso. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

Enquanto a jovem na faixa etária de 19 a 25 anos com opção “bissexual” respondeu que “A história do TLW aborda vários assuntos q (sic) são semelhantes a vida real, posso dizer que este seriado trata-se de um aprendizado, uma orientação para quem assiste”, outra participante com opção “lésbica” com mais de 40 anos, afirma que “a série é muito pouco representativa”. Essa ambivalência nas respostas reflete bem o comportamento das fãs do seriado que, também se posicionaram de maneira controversa em relação à representação das lesbianidades na série.

As personagens não tinham problemas financeiros, eram todas magras e quase todas eram muito estereotipicamente femininas (exceto Shane), o drag king/queer (Ivan) era muito pouco explorado, e o único trans (Max) era um personagem sofrível. Além disso, a bissexualidade da Alice era central e depois desapareceu do mapa, assim como os filhos da Helena. Por esses motivos, e outros que já não me ocorrem mas que eu discutia muito à época, eu sentia que o seriado era mais entretenimento, e não servia muito para representar identidades. Achava pobre nesse sentido. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

A resposta acima demonstra a indignação da entrevistada quanto à falta de representatividade encontrada na série, assim como a desta participante:

Um pouco distante, ou até mesmo bem distante. Até isso foi citado por uma das produtoras do seriado porque em *The L Word* as mulheres são todas bonitas e magras com empregos incríveis, e arrumam mulheres mais incríveis e com empregos melhores ainda. No Brasil a maioria das meninas lésbicas que se vê são gordinhas, fortes ou gordas. e me parece que na vida real, é mais moral nas amizades. (sic)⁶⁶ (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

Além disso, foi possível verificar outras respostas como “Não acredito que as personagens tenham identidades estabelecidas de uma maneira restrita, mas sim muito fluida. Consigo identificar comportamentos semelhantes com os da série nas lésbicas que conheço, mas não definir identidades lésbicas.” e “No *The L Word*, existem vários estereótipos de lésbicas, assim como na nossa sociedade atual. Acredito que seja importante o seriado ter mostrado todos esses lados, porque muitas pessoas acham que lésbicas devem, necessariamente, ter cabelos curtos e se vestir como homem.”

Já uma entrevistada, com opção “bissexual” e na faixa etária de 30 a 35 anos, respondeu da seguinte maneira:

De certa maneira a série tenta fazer isso. e realmente de certa maneira consegue retratar um pouco do universo e toda sua diversidade, tentando quebrar estereótipos. Na vida real é ainda mais diversificado e rico. Mas era divertido e elucidava ver tudo na série. O tema nunca havia sido abordado de forma legal. Todos os filmes anteriores acabavam em tragédia ou levavam para o lado psicanalítico, de complexos. A vida gay parecia antes de *The L Word* um tanto quanto trágica. Ao menos nas telas. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

⁶⁶ Procurou-se manter a grafia exata das respostas dadas para alterar o mínimo as interpretações.

De certa forma, a resposta citada acima se relaciona bem com a seguinte, da mesma entrevistada, já que na pergunta “Você se identifica com alguma das personagens de “The L Word”? (Se sim, com qual e por quê?)”, ela disse ter se identificado com algumas personagens, mas não totalmente.

Era uma coisa mais de diversão. Tinha na verdade uma identificação com diferentes aspectos de diferentes personagens. Mas uma coisa é certa, era um alívio a questão da feminilidade não se desconstruída só porque o desejo homossexual existe. Ainda que isso também tem seu charme quando acontece. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

Ao relacionar as personagens à própria vida, a entrevistada não só conseguiu selecionar diversos aspectos de si mesma em diferentes personagens, como também percebeu que a imagem estereotipada da mulher homossexual estava sendo desconstruída pelo seriado.

A última pergunta da pesquisa “Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a *The L Word*? Tipo blog, *fan fictions*, contos, vídeos, etc.? Se sim, o que produziu?” obteve poucas respostas positivas, sendo que a maioria respondeu “não”. No entanto, algumas respostas revelaram produções relacionadas à série, como:

Sim. Uma pesquisa na universidade de Cinema⁶⁷. E uma web série, não relacionada exatamente com *The L Word*, mas com a mesma intenção de ser um produto audiovisual para o público das lésbicas. <www.seriebliss.wordpress.com>. (PESQUISA REALIZADA, conforme Anexo A).

Essa resposta, em particular, demonstrou uma relação pessoal com os anseios da pesquisadora. Coincidência ou não, uma das respostas cita um trabalho em audiovisual realizado pela autora: “Não. Apenas uma pequena contribuição para um curta feito por Lilian Werneck”. Ao citar em sua resposta o filme da autora da pesquisa, a entrevistada fez a conexão principal com o que se argumenta neste trabalho.

⁶⁷ Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/24426429/The-L-Word-Trabalho-Interdisciplinar>> - Acesso em 12 de agosto de 2012.

Em 2007, por influência da série, a autora deste trabalho escreveu uma série em cinco episódios sobre o amor entre mulheres, intitulado “O Móbile”. Os roteiros foram escritos ao mesmo tempo em que a autora acompanhava à *The L Word* pela Internet e participava das comunidades de fãs criadas a partir da série. Desses roteiros, um curta metragem foi produzido, “O Móbile: Admiração”⁶⁸, lançado em 2009. Todo o processo criativo, assim como a pesquisa para criação das protagonistas da história, surgiu através da inspiração provocada pela série lésbica da Showtime. Ao perceber, em primeiro lugar, que existia ali uma amostra do tão fluido universo lésbico e, em segundo lugar, que na Internet essa imagem criada pelo seriado era ampliada de forma imensurável através da cultura de fãs, a pesquisadora teve a intenção de contar a sua própria versão da história. Podendo isso ser considerado um exemplo em relação aos conceitos sobre Cultura da Convergência, *fan fictions* e narrativas transmídias que aqui foram levantados.

⁶⁸ Roteiro e direção de Lilian Werneck, o curta metragem “O Móbile: Admiração” (25 minutos) traz uma história de amor entre uma artista plástica e uma atriz. Foi produzido pela Lei de Incentivo à Cultura Murilo Mendes, edição 2007. Disponível em <www.omobile.blogspot.com> - Acesso em 14 de agosto de 2012.

7 CONCLUSÃO

Ao longo do estudo, foram apresentados conceitos, questões e colocações que tiveram como objetivo contribuir para uma discussão aprofundada sobre as conexões entre a Cultura da Convergência, as séries de TV e o drama lésbico *The L Word*. Para argumentar sobre as questões, foram adotadas referências de autores importantes das áreas de comunicação, tecnologia e televisão. O embasamento de teorias como “Cultura da Convergência” ou seriefília, presentes ao longo do texto, tornaram a caminhada desta pesquisa mais centrada e organizada.

Com o questionário aplicado, foi possível concluir que as fãs brasileiras da série *The L Word* não só fizeram parte do movimento de convergência das mídias para conseguirem os episódios, como também se envolveram em comunidades próprias, além de terem sido responsáveis por mobilizações contra a censura, por criações participativas e também por incentivar a criação de comunidades de conhecimento entre as espectadoras. *The L Word* foi um exemplo de produto cultural do momento atual, que, para Jenkins (2009), é de transição, com um processo de substituição das regras ultrapassadas de relacionamento entre produtores e consumidores. Os avanços das mídias horizontais controladas pelo usuário a partir do compartilhamento de conteúdos, além do fluxo contínuo de ideias e informações dentro da cultura participativa, não vão excluir totalmente a comunicação em massa, mas permitir que grupos alternativos encontrem espaço dentro dela. (NEWMANN, 1991 apud JENKINS, 2010, p. 329-331).

Lilian Werneck 10/15/12 11:00 PM

Deleted:

É por isso que é tão importante a luta contra o regime de direitos autorais corporativos, combater a censura e o pânico moral que tentam transformar em doença as formas emergentes de participação, expandir o acesso e a participação de grupos que, de resto, estão sendo deixados para trás, e promover formas de educação e letramento midiático que auxiliem as crianças a desenvolver as habilidades necessárias para se tornarem participantes plenos de sua cultura. (JENKINS, 2009, p. 331).

Tanto a participação quanto a educação do público tornam-se ainda mais emblemáticas ao se considerar a comunidade lésbica como grupo alternativo. Mostram-se duplamente desviantes, já que enquanto “não-homem” e “não-heterossexual”, as mulheres lésbicas sofrem, na maior parte do tempo, dupla discriminação, específicas desigualdades, além de muita invisibilidade no que se refere aos aspectos que definem sua identidade sexual e gênero. Nesse sentido, o processo de identificação é uma necessidade e pede a construção de múltiplos modelos. A possibilidade de encontrar uma série como *The L Word* circulando livremente, de forma disseminada e debatida dentro da rede, é fundamental para que essas referências se estabeleçam. Para Jenkins (2009, p.332), uma política de participação começa do pressuposto que há maior poder coletivo de barganha a partir da formação de comunidades de consumo.

As espectadoras de *The L Word* brasileiras, assim como as espectadoras de diversos países nos quais a série foi exibida, se sentiram motivadas a assistir aos episódios porque encontraram na referida série uma narrativa da realidade lésbica. Assim, coletivamente criaram possibilidades de participação e interação de seus ideais, conceitos, desejos, anseios e questões, no momento em que ocorre o compartilhamento dos episódios da série na rede. Muito mais do que simples entretenimento, a série sobre lésbicas americanas apropriou-se do poder que a Cultura da Convergência lhe cedeu e, não só fez com que o número de fãs fosse muito maior pelo compartilhamento dos episódios, como se tornou um dos mais amplos espaços de discussão sobre as lesbianidades até hoje existentes. *The L Word*, a partir de seu primeiro episódio, fez um chamado para o mundo sobre a lésbica e a bissexual,

no qual são explorados os altos e baixos da vida pessoal e profissional de várias mulheres que se encontram confortáveis com sua sexualidade.

A contribuição mais importante de *The L Word* para a visibilidade lésbica na TV é a sua ofensiva, superficial, no sentido de comunidade que cria. A televisão tem contribuído para uma representação das lésbicas na qual é possível observar a interação das lésbicas somente com personagens heterossexuais e quase nunca com outras lésbicas ou mulheres bissexuais. Ao enfatizar o conceito de um grupo de lésbicas, *The L Word* retrata a vida da mulher homossexual feminina de forma mais realista do que qualquer outra série vista até então.

As espectadoras de *The L Word* participaram de um movimento intenso para conseguir acesso à série, seja com abaixo-assinado pelo fim da censura dos episódios ou com criação de comunidades lésbicas para se discutir sobre a série, ou ainda com *fan fictions* inspirados e originais, que cresceram e viraram sites ou livros. Essa movimentação não só fez com que elas conseguissem acompanhar a estreia de cada episódio conforme vontade própria como também fez com que participassem de redes sociais virtuais e de comunidades lésbicas espalhadas pela Internet. Comunidades que, conforme conceito de Jenkins (2009), formam-se a partir de um interesse intelectual em comum, que se interligam e compartilham informações, conteúdos, dados ou histórias. Talvez por uma necessidade de levar adiante as impressões sobre aquele retrato, o fato é que o público tomou domínio do processo de veiculação da série e a tornou um dos importantes exemplos de narrativa transmídia dos nossos tempos.

Por isso, é possível afirmar que as fãs de *The L Word* criaram uma interlocução entre espectadoras, evidenciada pela troca de conteúdos digitais relativos à série e pela participação desse público em ambientes de redes colaborativas que se tornaram comunidades de conhecimento. Trata-se de uma produção cultural lésbica, norte-americana, que venceu

fronteiras geográficas e financeiras para atender a uma demanda do público, ávido por referências lésbicas na grande mídia.

É desta forma que o compartilhamento de episódios da série *The L Word* pode ser considerado: um movimento lésbico fluido e contínuo dentro da Internet, que não só continua a acontecer mesmo depois do fim de sua exibição, quanto ainda provoca reações diversas e intensas, como observado nas respostas da pesquisa realizada.

O drama lésbico estudado foi considerado uma obra pioneira por levar a comunidade lésbica para um produto de ficção, respeitando as características do grupo representado e por possuir qualidade visual e técnica. *The L Word*, como este estudo quer demonstrar, também foi uma das pioneiras em inspirar pessoas na criação de comunidades de compartilhamento de ideias e conteúdos, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil, tornando-se um dos grandes exemplos de aplicação da Cultura da Convergência aos produtos da teledramaturgia. Isso por, primeiramente, ser *The L Word*, em apropriação do pensamento de Jost (2012, p.32), um ganho simbólico não só para as fãs que a assistem como também para a comunidade que a compartilha e que se reúne para trocar informações a respeito dela. Nesse sentido, Tina, Bette, Alice, Dana, Shane, Jenny e todas as personagens do drama lésbico podem ser consideradas heroínas coletivas que apresentam um recorte da diversidade homossexual feminina, a partir de uma narrativa transmidiática verossímil e aberta ao diálogo com seu público. As espectadoras, que desde o primeiro momento se mostraram fãs da série puderam, através das possibilidades criadas a partir das novas tecnologias e do envolvimento em redes sociais, fazer parte de um movimento de convergência de meios e colaboração participativa dentro das redes sociais.

The L Word foi um marco para a história da comunidade lésbica e para a militância LGBT por ter sido a primeira a representar um grupo de mulheres homossexuais como protagonistas. Além disso, pode-se dizer que, como uma trama construída a partir de

semelhanças com a realidade lésbica, a série cumpriu o papel de atrair as espectadoras a participarem ativamente dos processos para que pudessem assistir aos episódios. Esse movimento lésbico fez do drama lésbico norte-americano um exemplo do tipo de produto cultural que é compartilhado no ambiente da Cultura da Convergência de Henry Jenkins. Ou seja, as comunidades de fãs criadas a partir de *The L Word* tornaram possível uma nova forma de se pensar a realidade lésbica e a possibilidade de acesso ao seu conteúdo a partir do compartilhamento na rede.

8 REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Adriana. **Lésbicas na TV: *The L Word***. 1ª ed. São Paulo: Malagueta, 2010.

AKASS, Kim; McCABE, Janet. (Orgs.) **Reading The L Word – Outing Contemporary Television**. New York: I. B. Tauris, 2006.

AKASS, Kim; McCABE, Janet. Preface. In _____. (Orgs.) **Reading The L Word – Outing Contemporary Television**. New York: I. B. Tauris, 2006.

BAYM, Nancy K.; MARKHAM, Annette N. (org.) **Internet Inquiry: conversations about method**. United States of America: SAGE, 2009.

[DOWNLOAD – "The L Word"]. **Seriado completo** - Disponível em <<http://paradalesbica.com.br/2009/09/download-the-l-word-completo/>> - Acesso em 1º de outubro de 2010.

ENTREVISTA com Ilene Chaiken, em resposta a perguntas de fãs. Disponível em <www.sho.com/site/lword/interrogation.do> - Acesso em 12 de maio 2009.

ENTREVISTA com Martha Vasconcelos e Luriana Cohen. s/d. Disponível em <www.umoutroolhar.com.br/entrevistas_tlword3.htm> - Acesso em 23 de agosto de 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011; p.239

JAGOSE, Anna Marie. **Queer Theory**. In: *New Dictionary of the History of Ideas*. Ed. Maryanne Cline Horowitz. Vol. 5. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. **Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture**. New York: New York University, 2006; p. 207.

_____. **Interactive Audiences?:** The 'Collective Intelligence' of Media Fans. Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture. New York: New York University, 2006. 134-151.

_____. **Textual Poachers:** Television Fans and Participatory Culture. New York: Routledge, 1992.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintomas.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação:** perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

LEONEL, Vange. **Enquanto The L Word Não Vem.** São Paulo, 2005. Site Mix Brasil. Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/mp/2.shtml>> - Acesso em 20 de julho de 2005.

_____. **The L Word Mutilado,** São Paulo, 2005. Site Mix Brasil. Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/mp/2.shtml>> - Acesso em 20 de julho de 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993, p. 94.

_____. **A Inteligência Coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999, p.169;

MENSAGEM de reclamação para a Warner, 2005. **Site The L Word BR.** Disponível em <http://www.thelwordbr.com.br/reclame.html>> - Acesso em 20 de novembro de 2007.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2000. Coleção Primeiros Passos.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão.** São Paulo: Moderna, 1998.

PIMENTA, Francisco J. Paoliello. **Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação.** In Anais do XVI COMPÓS. Curitiba: Tuiuti/COMPÓS, 2007. (CD)

PRATT, Marnie. *The L Word Menace*: Envisioning Popular Culture As Political Tool. Dissertação de Doutorado disponível em <https://www.zotero.org/groups/fan_studies_bibliography/items/itemKey/VMAPI3JE> - acessado em 20 de maio de 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *A Teoria Geral dos Signos*: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage, 2000.

_____. *Degenerescência e Revisão*: convergência útil para o campo da Comunicação? In Anais do XVIII Encontro da Compós. Belo Horizonte: PUC MG, 2003.

SCOLARI, Carlos. *La estética posthipertextual*. Disponível em <<http://redes.sociotecnicas.blogspot.com/>>. Acesso em 08 de outubro de 2007.

_____. *Emotion Capture*: Affect in Digital Film. In: Projection, Volume 1, Issue 2, USA: Berghahn Journals, 2007: 63-82.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Foreword*: The Letter L. In: AKASS, Kim; McCABE, Janet. (Orgs.) *Reading The L Word – Outing Contemporary Television*. New York: I. B. Tauris, 2006.

THE L Word: Terceira Temporada. *Entrevista com a lista The L Word BR*, São Paulo: Um Outro Olhar, 2007. Disponível em <<http://www.umoutroolhar.com.br/entrevistalword3.htm>> - Acesso em 20 de novembro de 2007.

THE L Word. *Season 1*. Direção: Ilene Chaiken, Rose Troche e outras. Produção Executiva: Ilene Chaiken. Elenco: Jennifer Beals, Erin Daniels, Laurel Holloman, Leisha Hailey, Katherine Moening, Karina Lombard, Mia Kirshner, Pam Grier. Brasil: Metro-Goldwyn-Mayer, 2004. 4 DVDs, (14 episódios de aprox. 45 min), color, widescreen, legendado, drama.

THE L Word. *Season 2*. Direção: Ilene Chaiken, Rose Troche e outras. Produção Executiva: Ilene Chaiken. Elenco: Jennifer Beals, Erin Daniels, Laurel Holloman, Leisha Hailey, Katherine Moening, Sara Shahi, Mia Kirshner, Pam Grier. Brasil: Metro-Goldwyn-Mayer, 2005. 4 DVDs, (13 episódios de aprox. 45 min), color, widescreen, legendado, drama.

THE L Word. *Season 3*. Direção: Ilene Chaiken, Rose Troche e outras. Produção Executiva: Ilene Chaiken. Elenco: Jennifer Beals, Erin Daniels, Laurel Holloman, Leisha Hailey, Katherine Moening, Sara Shahi, Mia Kirshner, Pam Grier, Daniela Sea. Brasil: Metro-Goldwyn-Mayer, 2006. 4 DVDs, (12 episódios de aprox. 45 min), color, widescreen, legendado, drama.

THE L Word Defined, In: **The L Word** (Season 1). Direção: Ilene Chaiken, Rose Troche e outras. Produção Executiva: Ilene Chaiken. Elenco: Jennifer Beals, Erin Daniels, Laurel Holloman, Leisha Hailey, Katherine Moening, Karina Lombard, Mia Kirshner, Pam Grier. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 2004. 4 DVDs, (14 episódios de aprox. 45 min), color, widescreen, inglês, drama.

THE L Word – **Brasil ORIGINAL** - ENQUETE: “Por qual dos meios seguintes você tem acesso ao seriado?” Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults?cmm=52139&pid=1430780793&pct=1236032487> - Acesso em 01 de outubro de 2010.

THE L **Word no Brasil**: Golpes de tesoura. 2005, Site The L Word BR. Disponível em <<http://www.thelwordbr.com.br/tlwprov1.htm>> - Acesso em 20 de novembro de 2007.

VENCATO, Anna Paula. **Algumas garotas preferem garotas**: The L Word, sexualidade e as políticas de visibilidade lésbica. Trabalho de conclusão apresentado à disciplina “Tópicos Especiais em Saúde Coletiva: novos temas na abordagem Sócio-Antropológica da Sexualidade”, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – IMS – UERJ, em 2005/1. WARN, Sarah. Introduction. In: Reading The L Word – Outing Contemporary Television. New York: I. B. Tauris, 2006, p. I.

VELLOSO, Beatriz. **Novela da TV paga**: Os seriados americanos invadem o horário nobre dos canais por assinatura. Revista Época, 2003. Disponível em www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR55996-6011,00.html - Acesso em 04 de maio de 2012.

WARN, Sarah. **Introduction**. In AKASS, Kim; McCABE, Janet. (Orgs.) Reading The L Word – Outing Contemporary Television. New York: I. B. Tauris, 2006.

WERNECK, Lilian. **O móbile**: a homossexualidade feminina em "*The L Word*" adaptada a um roteiro original. 181f. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social da UFJF, 2007.

WERNECK, Lilian. **O Móbile**: Admiração, Diálogo, Confiança, Apoio e Perdão. Roteiro registrado na Fundação Biblioteca Nacional – Escritório de Direitos Autorais: Nº: 381.857, Livro: 709, Folha: 17. Juiz de Fora, 2006.

WYATT, David. **Gay/Lesbian/Bisexual Television Characters**. Disponível em <<http://home.cc.umanitoba.ca/~wyatt/tv-characters.html>> - Acesso em 10 de agosto de 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A

FORMULÁRIO DE PESQUISA

Segue transcrição da pesquisa disponibilizada na Internet:

Pesquisa *The L Word*

Pesquisa sobre o seriado *The L Word* realizada para a dissertação de mestrado "*The L Word* em Movimento: Convergências de uma Série sobre Lésbicas", de Lilian Werneck.

Pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

>> Por favor, leia!!!!

Meu nome é Lilian Werneck e essa pesquisa é parte do meu trabalho para o mestrado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação – PPGCOM – da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Esse estudo será um dos elementos da minha dissertação. Estou aplicando esse questionário para levantar dados sobre o compartilhamento dos episódios do drama lésbico *The L Word* na Internet e nas redes sociais. Por isso, convido você a participar e enviar suas respostas!

As suas informações se manterão em sigilo, sendo a sua participação anônima e voluntária. Você pode ficar sem responder a qualquer pergunta ou todas as perguntas a qualquer momento, não sendo obrigatória a sua entrega.

Se você tiver comentários ou dúvidas sobre a conduta deste estudo ou sobre seus direitos como participante da pesquisa, por favor, entre em contato.

Pesquisadora: Lilian Werneck – werneck.lilian@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta de Araújo Pinheiro.

Obrigada!

Mais informações: <http://paradalesbica.ning.com/profile/LilianWerneck>

1. Qual a sua orientação sexual?
 - Lésbica
 - Bissexual
 - Heterossexual
 - Curiosa
 - Outros:
2. Qual a sua idade?
 - 12 a 18 anos
 - 19 a 25 anos
 - 26 a 30 anos
 - 30 a 35 anos
 - 35 a 40 anos
 - Acima de 40 anos
3. Você assistiu ou assiste a *The L Word*?
 - Sim
 - Não
4. Se sim, quando e quais temporadas? (Pode marcar mais de uma alternativa)
 - Quando foi lançada nos estados unidos, em 2004
 - Quando foi lançada no Brasil, em 2005
 - Quando foi lançada em DVD no Brasil
 - Atualmente, pela Internet
 - Outros:
5. Por quais meios teve acesso a *The L Word*? (Pode marcar mais de uma alternativa)
 - TV por assinatura
 - Download pela Internet
 - Amigas emprestaram DVDs
 - DVDs comprados ou alugados
 - Outros:
6. Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada à série *The L Word*?
 - Sim
 - Não
7. Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade? (Se sim, descreva com qual frequência e os principais tópicos)
8. Você continuou participando da comunidade de *The L Word* mesmo depois que a série acabou? (Se sim, por qual motivo?)
9. A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas? (rede social, bares, guetos, etc).

10. Você baixou algum episódio de *The L Word* a partir dos links compartilhados nesta comunidade?
- Sim, alguns
 - Sim, todos
 - Não
 - Outros
11. O que te motivou a baixar os episódios? (Pode marcar mais de uma alternativa)
- Falta de acesso a TV por assinatura
 - Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet
 - Escolha do horário de exibição
 - Privacidade para assistir
 - Outros
12. Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios? (Se sim, qual?)
13. Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de *The L Word* a qual faz parte? (Se sim, que tipo?)
14. *The L Word* te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina? (Pode marcar mais de uma alternativa)
- “Sair do armário” e se assumir para a sociedade
 - Se assumir para si mesma sem “sair do armário”
 - Aceitar amigas que são lésbicas
 - Entender melhor o comportamento das lésbicas
 - Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher
 - Outros
15. Como você correlaciona as personagens lésbicas em *The L Word* com as identidades lésbicas atuais?
16. Você se identifica com alguma das personagens de *The L Word*? (Se sim, com qual e por quê?)
17. Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a *The L Word*? Tipo blog, fan fiction, contos, vídeos, etc? (Se sim, o que produziu?)

ANEXOS

ANEXO A

RESPOSTAS DA PESQUISA

PERGUNTAS 1 A 6							1/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?	
7/9/2012 22:55:11	Lésbica	30 a 35 anos	Sim	Quando foi lançada em DVD no Brasil, 2005	DVDs comprados ou alugados	Sim	
7/9/2012 23:37:15	Bissexual	19 a 25 anos	Sim	Atualmente pela Internet	Download pela Internet	Sim	
7/9/2012 23:46:52	Lésbica	19 a 25 anos	Sim	Atualmente, pela Internet	Download pela Internet, amigas emprestaram DVDs, DVDs comprados ou alugados	Não	
7/10/2012 2:19:33	Lésbica	26 a 30 anos	Sim	Quando foi lançada em DVD no Brasil, 2005	Download pela Internet, DVDs comprados ou alugados	Sim	
7/9/2012 23:20:48	Bissexual	19 a 25 anos	Sim	Atualmente, pela Internet	Download pela Internet	Sim	
7/10/2012 8:01:14	Bissexual	19 a 25 anos	Sim	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet	Sim	
7/10/2012 8:06:01	Lésbica	30 a 35 anos	Sim	Quando foi lançada em DVD no Brasil	Amigas emprestaram DVDs	Não	
7/10/2012 8:36:19	Heterossexual	12 a 18 anos	Sim	Vejo algumas partes, pois não acho pra baixar	Algumas partes no youtube	Não	
7/10/2012 14:43:34	Lésbica	30 a 35 anos	Sim	quando foi lançada nos estados unidos, 2004, quando foi lançada no brasil, 2005, quando foi lançada em dvd no brasil, atualmente, pela Internet	tv por assinatura, download pela Internet, Dvds comprados ou alugados	Sim	
7/10/2012 14:50:29	Lésbica	19 a 25 anos	Sim	Quando foi lançada no Brasil, 2005, atualmente, pela Internet	TV por assinatura, download pela Internet	Não	
7/10/2012 15:05:07	Lésbica	19 a 25 anos	Sim	atualmente, pela Internet	Download pela Internet	Sim	
7/10/2012 19:28:36	Lésbica	19 a 25 anos	Sim	atualmente, pela Internet	Download pela Internet	Sim	

PERGUNTAS 1 A 6							2/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?	
7/11/2012 3:16:01	Lésbica	19 a 25 anos	Sim	Quando foi lançada no Brasil, 2005, assisti todas as temporadas, parte pela Warner e parte via downloads.	TV por assinatura, download pela Internet	Sim	
7/11/2012 12:42:37	Lésbica	26 a 30 anos	Sim	2008 pela Internet	Download pela Internet	Não	
7/11/2012 12:49:02	Lésbica	19 a 25 anos	Sim	quando foi lançada em dvd no brasil	download pela Internet, amigas emprestaram dvds, Dvds comprados ou alugados	Não	
7/11/2012 12:55:14	Lésbica	30 a 35 anos	Sim	Quando foi lançada no Brasil, 2005, quando foi lançada em DVD no Brasil	TV por assinatura, download pela Internet, DVDs comprados ou alugados	Sim	
7/11/2012 12:55:15							
7/11/2012 12:57:04	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não	
7/11/2012 13:00:58	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet	Não	
7/11/2012 13:12:43	Lésbica	30 a 35 anos	Sim	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet	Sim	
7/11/2012 13:52:32	Bissexual	9 a 25 anos	SIM	comecei assistir em 2007, pela Internet. Todas as Temporadas.	download pela Internet	Não	
7/11/2012 14:29:51	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet	Não	
7/11/2012 16:02:45	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet, YouTube	Não	
7/11/2012 13:12:43	Heterossexual	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil, atualmente, pela Internet	tv por assinatura, amigas emprestaram dvds	Não	
7/11/2012 16:26:33	Bissexual	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil, atualmente, pela Internet	download pela Internet, Dvds comprados ou alugados	Não	
7/11/2012 17:08:36	Bissexual	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura	Não	
7/11/2012 20:36:00	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Não	
7/11/2012 21:37:07	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	amigas emprestaram dvds	Não	

PERGUNTAS 1 A 6						3/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?
7/12/2012 1:30:41	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não
7/12/2012 2:07:55	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não
7/12/2012 18:59:55	Curiosa	26 a 30 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Sim
7/13/2012 22:36:49	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Sim
7/14/2012 16:30:06	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	todas	amigas emprestaram dvds	Sim
7/14/2012 20:39:04	Lésbica	35 a 40 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, Dvds comprados ou alugados	Sim
7/14/2012 23:28:58	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	descobri no ano de 2007, pela Internet, depois assinei tv a cabo, onde acompanhei rapidamente, depois comecei a baixar todas as temporadas no mesmo tempo em que ela passava, e baixava as dos anos seguintes tbm	tv por assinatura, download pela Internet	Sim
7/14/2012 23:58:39	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não
7/15/2012 0:51:26	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet, Dvds comprados ou alugados	Sim
7/16/2012 0:56:03	Não sei definir ainda, mas com certeza gosto mais de mulheres.	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Sim
7/16/2012 16:17:28	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Sim
7/18/2012 20:51:07	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Sim
7/19/2012 17:21:24	Não uso rotulo	30 a 35 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Não
7/22/2012 19:46:42	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Não

PERGUNTAS 1 A 6						4/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?
7/24/2012 22:48:30	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	todas as temporadas	Dvds comprados ou alugados	Sim
7/28/2012 16:35:14	Bissexual	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds, Dvds comprados ou alugados	Não
7/28/2012 16:46:06	Bissexual	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet, Dvds comprados ou alugados	Sim
7/28/2012 16:46:27	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	pessoal do The L Word Brasil	Sim
7/28/2012 16:55:01	Bissexual	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Sim
7/28/2012 17:01:11	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	Quando foi lançada no brasil, 2005	Dvds comprados ou alugados	Não
7/28/2012 17:05:34	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005, quando foi lançada em dvd no brasil, atualmente, pela Internet	amigas emprestaram dvds, Dvds comprados ou alugados	Sim
7/28/2012 17:22:32	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Não
7/28/2012 17:50:08	Heterossexual	30 a 35 anos	SIM	Faz uns dois anos, em DVD de segunda mão, todas as temporadas.	Dvds comprados ou alugados	Não
7/28/2012 17:59:51	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	pela Internet, pouco antes do término	download pela Internet, Dvds comprados ou alugados	Sim
7/28/2012 18:52:22	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	amigas emprestaram dvds	Sim
7/28/2012 19:00:07	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Sim
7/28/2012 19:03:44	Heterossexual	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	amigas emprestaram dvds	Não
7/28/2012 20:03:20	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds, Dvds comprados ou alugados	Não
7/28/2012 20:12:42	Bissexual	30 a 35 anos	SIM	download de amigas	amigas emprestaram dvds	Não

PERGUNTAS 1 A 6							5/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?	
7/28/2012 20:31:06	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Sim	
7/28/2012 21:00:26	Heterossexual	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura	Não	
7/28/2012 21:31:31	Lésbica	9 a 25 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil, atualmente, pela Internet	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não	
7/28/2012 22:37:35	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	amigas emprestaram dvds	Não	
7/28/2012 23:17:23	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet	Sim	
7/28/2012 23:20:20	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura	Sim	
7/29/2012 7:08:04	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet	Não	
7/29/2012 10:57:44	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005, atualmente, pela Internet	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Sim	
7/29/2012 11:05:16	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet	Não	
7/29/2012 11:32:44	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	Dvds comprados ou alugados, Internet - Youtube	Sim	
7/29/2012 17:07:58	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004, quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Sim	
7/29/2012 19:35:32	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Não	
7/29/2012 21:19:36	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004, quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Sim	
7/30/2012 1:39:29	Lésbica	35 a 40 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet, Dvds comprados ou alugados	Não	
7/30/2012 10:53:45	Bissexual	Acima de 40 anos	SIM	atualmente, pela Internet	minha namorada me mostrou e gostei	Sim	
7/30/2012 15:22:54	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005, vi todas as temporadas	tv por assinatura, download pela Internet	Sim	

PERGUNTAS 1 A 6						6/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?
7/30/2012 16:25:45	Lésbica	35 a 40 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	Dvds comprados ou alugados	Sim
7/30/2012 16:26:25	Lésbica	35 a 40 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	Dvds comprados ou alugados	Sim
7/30/2012 17:52:57	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004, atualmente, pela Internet	tv por assinatura, download pela Internet	Sim
7/31/2012 13:28:38	Lésbica	30 a 35 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	Dvds comprados ou alugados	Sim
7/31/2012 23:19:32	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004, quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Não
8/1/2012 8:02:59	Lésbica	35 a 40 anos	SIM	com dvds de amigas	dvds de amigas	Não
8/3/2012 3:12:26	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	DVD que veio dos EUA	amigas emprestaram dvds	Sim
8/4/2012 9:29:29	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Sim
8/4/2012 23:15:00	Heterossexual	12 a 18 anos	SIM	atualmente, pela Internet	amigas emprestaram dvds	Não
8/5/2012 20:29:24	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet	Sim
8/5/2012 20:54:22	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura	Sim
8/7/2012 4:08:53	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	tv por assinatura	Sim
8/7/2012 4:09:50	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	tv por assinatura, download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não
8/7/2012 5:45:24	Bissexual	12 a 18 anos	SIM	atualmente, pela Internet	tv por assinatura, download pela Internet	Não
8/7/2012 8:32:53	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	Dvds comprados ou alugados	Não
8/7/2012 8:37:03	Bissexual	26 a 30 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Sim
8/7/2012 8:55:51	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	tv por assinatura, download pela Internet	Não

PERGUNTAS 1 A 6						7/7
Data Hora	Qual a sua orientação sexual?	Qual a sua idade?	Você assistiu ou assiste a "The L Word"?	Se sim, quando e qual temporada?	Por quais meios teve acesso a "The L Word"?	Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?
8/7/2012 10:28:43	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada no brasil, 2005	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não
8/7/2012 11:46:04	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	2009, todas as temporadas	download pela Internet	Não
8/7/2012 14:54:50	Lésbica	12 a 18 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Não
8/7/2012 14:59:44	Heterossexual	19 a 25 anos	NÃO	Nunca	Um amigo viado amigo meu falou	Não
8/7/2012 15:04:14	Heterossexual	19 a 25 anos	NÃO	Nunca	Nenhum	Não
8/7/2012 15:17:41	Bissexual	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	um amigo emprestou	Não
8/7/2012 15:23:10	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Não
8/7/2012 22:57:57	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	Em 2008	amigas emprestaram dvds, Dvds comprados ou alugados	Sim
8/7/2012 23:07:33	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004, pela Internet	download pela Internet	Sim
8/8/2012 10:28:06	Lésbica	Acima de 40 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	Dvds comprados ou alugados	Não
8/8/2012 15:50:37	não me defino	35 a 40 anos	SIM	em vídeo pirata que tínhamos no Identidade	DVD pirata do grupo de militância	Não
8/9/2012 1:14:08	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	quando foi lançada nos estados unidos, 2004	download pela Internet	Não
8/10/2012 16:45:43	Lésbica	26 a 30 anos	SIM	quando foi lançada em dvd no brasil	download pela Internet, amigas emprestaram dvds	Não
8/11/2012 17:58:12	Heterossexual	19 a 25 anos	SIM	atualmente, pela Internet	download pela Internet	Sim
8/14/2012 18:39:48	Lésbica	19 a 25 anos	SIM	Atualmente, m pela Internet	download pela Internet	Sim
8/21/2012 0:00:56	Bissexual	19 a 25 anos	SIM	Atualmente, pela Internet	youtube	Não

PERGUNTAS 7 A 12						1/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/9/2012 22:55:11	Já participei de um sobre a personagem que mais gostava, mas foi algo esporádico, não com frequência	Não me lembro.	Já era assumida desde 2002, sendo assim a série não me influenciou	Não	Não baixei	Não
7/9/2012 23:37:15	Não, ou quase nada.	Quase nada, como antes, com a mesma frequência.	Um pouco.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	Não. Mas só baixava episódios já legendados.
7/9/2012 23:46:52	Não	Não	Sim.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não
7/10/2012 2:19:33	Sim. Talvez umas 2 vezes por mês. Geralmente os tópicos eram sobre o que iria acontecer, depois quem você era na série....	Não.	Não. Mas as amigas se uniam pra assistir sempre que saia algum episódio *_*	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
7/9/2012 23:20:48	não	sim, porque ainda sou muito fã da serie	não	site PL	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	não
7/10/2012 8:01:14	Sim	Sim	Sim	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não
7/10/2012 8:06:01	Nao	Nao	Nao	Não	Nao	Nao
7/10/2012 8:36:19	não	Eu curto a pagina no facebook	Não, mas me faz perguntar todo dia porque a Jennifer Beals é tao gostosa :O	não sabia que tinha :\	ainda vo baixar ;)	não
7/10/2012 14:43:34	Sim, principalmente do "quem é você em The L Word" e dos debates sobre os episódios enquanto iam ao ar.	Sim, ainda faço parte. Porque conheci muita gente legal e fiz amizades lá. Além disso, são comunidades que se atualizam com outras séries e filmes lésbicos.	Sim, eu entrei no Leskut por causa da série.	Sim, todos	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Sim, participei de fóruns nas comunidades que ensinavam a ver os episódios legendados.

PERGUNTAS 7 A 12						2/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/10/2012 14:50:29	Não.	Não.	Não.	Não	Privacidade para assistir	Não.
7/10/2012 15:05:07	Sim, sobre a trama e as personagens, sobre a vida dos atores.	Sim. Porque me considero um pouco fã da história	Talvez.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
7/10/2012 19:28:36	Não	Sim, pois ainda gosto da série.	Não me influenciou, mesmo porque eu já frequentava esses grupos antes.	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
7/11/2012 3:16:01	Frequência mínima, discutia sobre os relacionamentos dos personagens.	Sim, por ter feito algumas amizades.	Sim, redes sociais.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não.
7/11/2012 12:42:37	Não	Não	Sim	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
7/11/2012 12:49:02	Nao, nunca	Nao, nunca	Me encorajou a SER.	Não	Privacidade para assistir	Não, nunca
7/11/2012 12:55:14	Sempre interagi nos tópicos com comentários sobre os episódios.	Sim, porque as discussões continuaram com outros temas, além de The L Word.	Não.	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Escolha do horário de exibição	Não, já sabia porque sempre legendei outra série, então era eu quem ajudava
7/11/2012 12:55:15	Sim. Participava de discussões sobre as especulações para os próximos episódios. Algumas vezes, discussões sobre comportamentos dos personagens.	Não	Já frequentei antes	Sim, alguns	Para assistir antes de ser lançado pela Tv por assinatura no Brasil	Sim. Nas primeiras temporadas, baixava pelo Mirc de pessoas que ficavam online quase o dia todo como servidores para enviar os arquivos. Depois usava torrents e sistemas de compartilhamento. As próprias comunidades ofereciam o tutorial.
7/11/2012 12:57:04	Não.	Não.	Não.	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	Não

PERGUNTAS 7 A 12						3/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/11/2012 13:00:58	Não	Não	Não	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
7/11/2012 13:12:43	Não	Não	Não	Não	Escolha do horário de exibição	Não
7/11/2012 13:52:32	Não participei como membro, mas visitava alguns com frequência. Isso me fez conhecer pessoas, novas visões, mentalidades e fazer novas amizades, como também compartilhar questionamentos.	Não. Hoje tenho um perfil no leskut	Sim. Não só a participar de grupo de lésbicas na Internet, como a me sentir melhor com a situação na sociedade.	Sim, alguns	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	Não. Já baixava legendada. Mas conheci algumas meninas que legendavam o que despertou até a vontade de voltar para um curso de inglês.
7/11/2012 14:29:51	Não.	Não.	Não, já os frequentava antes.	Não	Ainda não tinha pela TV.	Não.
7/11/2012 16:02:45	Não	Não participei	Não exatamente encorajou, porque eu já ia, mas me motivou a frequentar mais. (Bares, boates e sites de relacionamento lésbico)	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Para colocar no celular!	Não
7/11/2012 16:26:33	Não	Nunca participei	Não	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não
7/11/2012 17:08:36	Não	Nao!	Não	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	nao
7/11/2012 20:36:00	não	-	leskut	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	não
7/11/2012 21:37:07	NAO	NAO	Nao.	Não	NAO BAIXEI OS EPISODIOS	NAO
7/12/2012 1:30:41	Não	Não	Não	Não	Escolha do horário de exibição	Não

PERGUNTAS 7 A 12						4/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/12/2012 2:07:55	Não. Discutia a série por e-mail com amigas, ocasionalmente.	Não participei de nenhuma comunidade online (ver acima).	Não. Minha rede de amigas/amigos/amigues já estava formada à época. Mas o que acontece, até hoje, é que a série é um ponto de começo de conversa com pessoas LGBTIQ (mas especialmente lésbicas) em qualquer cidade do mundo - então, de uma certa forma, a série continua sendo um conector na minha vida hoje em dia.	Não participei dessa comunidade, ou de nenhuma outra.	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir, os boxes de DVDs demoravam a sair, e quando saíam, o preço era proibitivo, à época.	Não
7/12/2012 18:59:55	Sim, só pra saber em como te acesso aos episódios.	Sim, na verdade comecei a participar agora que a serie acabou e eu acho que sou "meio lésbica". rs	Já participa e participo de rede sociais. (secretamente)	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Sim, meu primo (gay) me ajudou!
7/13/2012 22:36:49	Não.	Não.	Sim	Sim, alguns	Escolha do horário de exibição	Não, já vieram com legenda.
7/14/2012 16:30:06	Não, ainda não!	Sim, pq gostei da série.	Não	Não	Privacidade para assistir	Não
7/14/2012 20:39:04	Particpei da comunidade do The L Word Brasil, onde eram discutidos os episódios e futuros episódios.	Não. Meu interesse era apenas a série, por isso sai da comunidade e não me interessei. Nunca procurei nada além de discutir a série, logo, não fiquei.	Não. Não precisei da série pra assumir quem eu já era ou participar de nada. A série fez apenas com que eu visse a "naturalidade" do "ser lésbica".	Não	Não baixei	Não porque não baixei...

PERGUNTAS 7 A 12						5/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/14/2012 23:28:58	sim , no orkut, onde nao tenho mais perfil.	nao porque deixei de ter orkut	nao acho que me encorajou. participar de algum grupo gay ja era de meu interesse.	Não	era plo orkut	ja baixava legendado.
7/14/2012 23:58:39	Não	Não	Sim	Sim, todos	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não
7/15/2012 0:51:26	Não.	Sim, porque por mais que tenha acabado foi algo que me marcou e foi por causa do seriado que criei coragem de me assumir.	Sim.	Sim, alguns	Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não.
7/16/2012 0:56:03	Não ainda.	Sim.	Sim!	Não	Curiosidade	Não.
7/16/2012 16:17:28	Não	Não	Não	Não Entendi	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	Que?
7/18/2012 20:51:07	Eventualmente participo de tópicos relacionados as personagens, e também procuro acompanhar suas carreiras fora do The L word.	Sim! A série deixou muita coisa a ser lembrada e comentada.	Sim. De redes sociais.	Não, todos via torrent	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	Não.
7/19/2012 17:21:24 ver	NAO	NAO	SIM, LESKUT	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	NAO
7/22/2012 19:46:42	NAO	NAO	SIM , LESKUT	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	NAO
7/24/2012 22:48:30	Não	Não	Não	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não.
7/28/2012 16:35:14	sim, the l word brasil e outras internacionais também. participava com frequência, falando sobre as novidades da série, repassando matérias brasileiras ou, mais comumente, de fora do brasil.	sim, acho que por um ano ainda, mas depois sai.	na verdade fiz algumas amizades com algumas garotas, mas não entrei propriamente em grupo algum em razão da série.	Sim, alguns	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	sim, via pesquisas na Internet, pelo próprio forum de que participava ou via indicação de amigas.

PERGUNTAS 7 A 12						6/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/28/2012 16:46:06	não	sim	sim	Não	não baixei nem um tenho os dvds	não
7/28/2012 16:46:27	Não.	Não.	Não.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não.
7/28/2012 16:55:01	Diariamente. É o grupo The L Word Brasil	Sim, por amizade	Eu já frequentava	Sim, todos	Era a única forma disponível na época	Sim as moderadoras do grupo ensinavam passo a passo
7/28/2012 17:01:11	Não	Não	Sim	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	-
7/28/2012 17:05:34	Particpei de comunidade no Orkut e Facebook chamada Brejo, que tem a ver com a série, mas não só sobre isso.	Continuo na comunidade que citei desde que foi criada no Orkut e continuei no Facebook desde 2004.	Sim. A série geralmente espelha a história de muitas meninas.	Não	-	Não compartilhei nada. Comprei DVDs.
7/28/2012 17:22:32	-	-	-	Não	-	-
7/28/2012 17:50:08	Não	Não	Não	Não	Falta de acesso a tv por assinatura	Não
7/28/2012 17:59:51	-	-	-	Não	-	-
7/28/2012 18:52:22	Não.	Sim, porque a série é muito boa, as atrizes muito talentosas e, participando das comunidades, tenho acesso a informações atuais sobre as atrizes.	Não.	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Comodidade	Não.
7/28/2012 19:00:07	-	Sim, pois a comunidade mantinha interessantes debates sobre sexualidade.	Já participava antes de conhecer a série, mas me motivou a me interagir cada vez mais com grupos de meninas iguais à mim.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	-
7/28/2012 19:03:44	não	sim, para acompanhar as novidades sobre o tema e o elenco	não me influenciou neste sentido, já convivia com pessoas do meio gay	Não	Falta de acesso a tv por assinatura	-
7/28/2012 20:03:20	-	-	-	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	-

PERGUNTAS 7 A 12						7/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/28/2012 20:12:42	-	-	Não já era encorajada antes!	Não	-	-
7/28/2012 20:31:06	Sim, tópicos sobre qual personagem favorito, qual melhor momento da série, qual melhor temática e o que mudaria da série	Sim, por que fiz amigas e por que me divirto também.	Não.	Não	-	-
7/28/2012 21:00:26	não	não	não, mas adorei a série.	peguei de amigas que baixaram	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	não.n fiz nada disso.só emprestei dvds
7/28/2012 21:31:31	-	-	-	Não	-	-
7/28/2012 22:37:35	Não	-	Não	Assisti a 1ª temporada em DVD emprestado e baixei da 2ª temporada em diante no site "parada lésbica"	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	Não, já estava legendado no site e era fácil de baixar.
7/28/2012 23:17:23	Particpei na época, de um fotolog dedicado a série, que posteriormente a dona do fotolog se tornou minha namorada.	Sim, mas no facebook. Pq mesmo com o fim da série já reassisti duas vezes, da primeira a ultima temporada	Já tinha meu próprio grupo no orkut, que depois foi transferido para o facebook, o "Brejo"	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
7/28/2012 23:20:20	-	-	-	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	-
7/29/2012 7:08:04	Não	Não	Não	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Sim. Amigos.
7/29/2012 10:57:44	Não	Sim, já que os assuntos da série ainda são pontos de discussão atuais.	Sim.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	Não.
7/29/2012 11:05:16	Não	Não	Não	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não

PERGUNTAS 7 A 12						8/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/29/2012 11:32:44	Sim.	Não. Para mim a série era um veículo mediador.	Não. Sempre vi aquelas mulheres como desequilibradas em relação a sua sexualidade e como seres humanos de forma geral. Ser lésbica faz apenas parte de um hall de coisas que você é. O seriado era produzida por alguém com uma série de problemas pessoais e isso também era refletido na composição dos personagens e das narrativas. A produção era ruim e o figurino de doer. Afinal, quem consegue deixar a Jennifer Beals feia e brega? rs E as questões de ordem social, ou de "merchadising social" eram mal relacionadas, pensadas e exibidas. Eu não tinha empatia por elas. Ao mesmo tempo acabava acompanhando porque não havia nada na TV ou cinema que tivesse um apelo gay.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	-
7/29/2012 17:07:58	Não.	Não, uma vez que já possuía todos os episódios, não havia porque permanecer.	Sim, me ajudou a me aceitar e buscar por lésbicas como eu para me relacionar.	Sim, todos	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não.
7/29/2012 19:35:32	Não		Sim, ao Leskut	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não

PERGUNTAS 7 A 12						9/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/29/2012 21:19:36	Faz tempo, foi em 2004. Era um canal... agora não me lembro o nome exatamente. Mas participava diariamente. Os principais tópicos? Discussão acerca dos perfis das personagens.	Não.	Sim. Parada Lésbica é um. Na época, bares, enfim...	Não	Falta de acesso a tv por assinatura	Para legendar, sim, em 2004. Mas no canal a série já vinha com legenda.
7/30/2012 1:39:29	não	não	não	Não, google	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	não
7/30/2012 10:53:45	-	-	-	ainda não consegui baixar, mas estou tentando	Privacidade para assistir	-
7/30/2012 15:22:54	Acompanhava, mas não escrevia...	Sim, pois gosto muito da série e acompanhava as especulações sobre uma possível 8 temporada e/ou um filme.	Me fez ser mais confiante como lésbica, e a frequentar bares e eventos de mãos dadas com minhas namoradas, por exemplo.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	não
7/30/2012 16:25:45	não	Sim.. Tenho todas as temporadas em DVD e pra mim ainda continua sendo uma das melhores produções sobre o tema...	Sim... antes não frequentava nenhum desses lugares, hj pra mim já é parte do meu dia a dia...	Sim, alguns	Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Sim, frequentemente uma amiga me dá uns toques de como proceder..
7/30/2012 16:26:25	não	Sim.. Tenho todas as temporadas em DVD e pra mim ainda continua sendo uma das melhores produções sobre o tema...	Sim... antes não frequentava nenhum desses lugares, hj pra mim já é parte do meu dia a dia...	Sim, alguns	Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Sim, frequentemente uma amiga me dá uns toques de como proceder.
7/30/2012 17:52:57	não	não, mas por motivos de descrição profissional	não	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	nao
7/31/2012 13:28:38	Não. Apesar de discutir pessoalmente com amigas sobre ele.	Sim. Para ser algum tipo de referência sobre mim, isto é, se participo dessa comunidade, subentende-se qual é a minha orientação sexual.	Sim. Como entrar no leskut, ir a bares lésbicos em São Paulo (Vermont Centro e Itaim, Bar Fradique, Bares na região da Frei Caneca)	Não	-	Não.

PERGUNTAS 7 A 12						10/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
7/31/2012 23:19:32	sim, mas com pouca frequência	não.	não	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	não
8/1/2012 8:02:59	-	-	Sim, uma rede social americana.	Não	-	-
8/3/2012 3:12:26	-	-	Sim, rede social e grupo de debates.	Sim, todos	Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Sim, tive ajuda de uma namorada expert.
8/4/2012 9:29:29	Adoro me expressar sobre este assunto e fazer as pessoas refletirem sobre direitos iguais, a sociedade, etc	Claro, sempre tinham debates interessantes, compartilhamento de links da atualidade sobre os assuntos que THE L WORD aborda, mas infelizmente não participo mais, por questão de exposição X trabalho	Sim, até o pessoal que não deve saber da minha vida começar a xeretar	Sim, alguns	Falta de acesso a tv por assinatura	-
8/4/2012 23:15:00	Não	Não	Sim, é legal	Não	Privacidade para assistir	Não
8/5/2012 20:29:24	-	-	Sim, criação de Blog sobre humor lés	Sim, todos	Falta de acesso a tv por assinatura	-
8/5/2012 20:54:22	Não.	Sim, pois mesmo seriado ter chegado ao fim, é ainda o mais comentado nos grupos lés.	Sim, cheguei a ir em festas com o tema da série.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	-
8/7/2012 4:08:53	-	Sim, a comunidade tinha uns assuntos interessantes.	Sim.	Não	-	-
8/7/2012 4:09:50	-	-	-	Não	-	-
8/7/2012 5:45:24	-	-	-	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	-
8/7/2012 8:32:53	Não.	Nunca participei.	Sim, me senti mais forte e passei a lutar pelos nossos direitos.	Não	-	Não.

PERGUNTAS 7 A 12						11/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
8/7/2012 8:37:03	Não.	Sim. Porque virei fã da série, dos personagens, vez ou outra eu re-assisto alguns episódios e porque nessas comunidades eu tenho a possibilidade de fazer amizades com pessoas que me identifico.	Sim. Eu comecei a assistir a série quando ainda estava me descobrindo e ver a realidade daquelas personagens me fez querer ser mais como elas e busquei meios para isso.	Sim, alguns	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	Não.
8/7/2012 8:55:51	-	-	-	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	-
8/7/2012 10:28:43	-	-	-	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	-
8/7/2012 11:46:04	Não	Não	Não, já fazia parte antes de assistir a série	Não participava	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição	Não
8/7/2012 14:54:50	Não	Não	sim, frequente hoje!	Não	Privacidade para assistir	Não
8/7/2012 14:59:44	Não	Não	Sim, atualmente moro com uma e sempre outras a amigas	Não	Nada	Não
8/7/2012 15:04:14	Não	Não	Não	Não	Falta de acesso a tv por assinatura	Não
8/7/2012 15:17:41	não	-	sim	Não	-	-
8/7/2012 15:23:10	Sim, para continuar recebendo informações sobre as atrizes, etc.	Sim, redes sociais e baladas.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	-	-
8/7/2012 22:57:57	Por ser uma série que marcou minha história pessoal e , acredito, a história de visibilidade da lesbianidade nos meios de comunicação, de forma mais ampla.	Já fazia parte de um grupo de estudos de diversidade sexual antes de conhecer a série.	Não	-	Não.	-

PERGUNTAS 7 A 12						12/12
Data Hora	Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?	Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?	A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?	Você baixou algum episódio de "The L Word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?	O que te motivou a baixar os episódios?	Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?
8/7/2012 23:07:33	Não	-	Não, já tinha meu grupo de amigas.	Não	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Escolha do horário de exibição, Privacidade para assistir	Não
8/8/2012 10:28:06	-	-	Não	-	-	-
8/8/2012 15:50:37	-	-	-	-	-	-
8/9/2012 1:14:08	-	Sim, chats de msn com pessoas com a mesma orientação sexual, comunidades do orkut (na época) e etc	Não	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	-	-
8/10/2012 16:45:43	-	-	Não	Privacidade para assistir	-	-
8/11/2012 17:58:12	-	-	Sim, alguns	Falta de acesso a tv por assinatura, Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet, Privacidade para assistir	-	-
14/08/2012 18:39:48	Na realidade, não era bem um grupo sobre o The L Word. Participo de um grupo de lésbicas que foi criado através do site "Flexões Lésbicas", lá sempre acontece algum comentário sobre o seriado.	-	Já fazia parte do grupo antes de ter começado a assistir a série.	Sim, alguns	Facilidade de acesso aos episódios disponíveis na Internet	Não
21/08/2012 00:00:56	Não	Nunca participei	Não	Não	-	-

PERGUNTAS 13 A 17					1/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/9/2012 22:55:11	Não	Nenhuma das opções	Acho a série um pouco fora da realidade. Nem todas as lésbicas são ricas e tão bem sucedidas.	Com a Bete Porter, pelo gosto por cultura e arte.	Não.
7/9/2012 23:37:15	Não.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Nem entendo muito disso aí... E não ficou claro para mim o que se pede nesse tópico.	Apenas com alguns pontos de algumas personagens, nenhuma em especial. Um pouco com a Dana, com a Bette, com a Alice, Tina e Jenny(menos). Nada com Helena e Shane, nem Marina ou demais.	Não.
7/9/2012 23:46:52	Não	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade, Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Exatamente iguais.	Não.	Não
7/10/2012 2:19:33	Não.	Não sentir vergonha de demonstrar carinho em público	Muitas pessoas se sentiram mais a vontade com o seriado, a aceitação da homossexualidade feminina na sociedade mudou um pouco... um pouco...	Com a Bete. Também trabalho com arte, sou professora, tenho um relacionamento longo e para minha parceira eu sou sua primeira mulher. Sou viciada em trabalho e tenho problemas em assumir que estou errada....	Não.
7/9/2012 23:20:48	não	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas	Alice, Jenny, o casal Bette e Tina, e a super sedutora Shane marcaram o imaginário de milhões de mulheres do mundo inteiro. Primeiras protagonistas lésbicas de uma série televisiva, as cinco personagens centrais de The L Word, assim como toda a constelação de personagens lésbicas, transgêneros, bissexuais e mesmo heterossexuais à sua volta, levantaram durante as seis temporadas do seriado questões as mais variadas de identidade e orientação sexual, embaladas em drama com atrizes lindas. Adriana Agostini analisa o significado e o impacto desta pioneira série e das personagens, dando uma valiosa contribuição	sim, com alice por ser tbm bissexual e com a dana pelo próprio jeito de ser dela	não

PERGUNTAS 13 A 17					2/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/10/2012 8:01:14	Não	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	Tem muito em comum	Não	Não
7/10/2012 8:06:01	Nao	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Demonstra os estereótipos mais comuns na comunidade lésbica vigente.	Sim. Helena	Nao
7/10/2012 8:36:19	não	Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Antigamente as lésbicas eram mais verdadeiras.	Tina <3	Não
7/10/2012 14:43:34	Sim, tenho amigas que conheci nas comunidades e que hoje continuam conversando comigo, sendo minhas amigas e tal. Fiquei com algumas meninas que conheci na rede, como Orkut e Leskut.	Entender melhor o comportamento das lésbicas. Conversar com amigas que acabaram saindo do armário.	As lésbicas de TLW acabaram criando novos modelos de mulheres homossexuais, como Shanes, Bettes, Alices, etc. Percebi que alguns modos de vestir e falar de hoje são reflexos do que a série mostrou.	Sim, com a Bette. Pela postura profissional e pessoal.	Sim, alguns cliques pra Internet com fotos e músicas da série.
7/10/2012 14:50:29	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Os relacionamentos das personagens se assemelham com a realidade das lésbicas.	Nenhuma específica.	Não.
7/10/2012 15:05:07	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Semelhantes.	Talvez.	Não
7/10/2012 19:28:36	Não	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade	Sim, hoje somos independentes da sociedade, e a série mostra isso.	Sim, com a Bette. Sou séria e responsável como ela.	Não
7/11/2012 3:16:01	Sim, já namorei uma integrante.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	A autora trabalhou com esteriótipos, acredito que isso levou as pessoas a classificarem lésbicas dentro dos padrões como os dos personagem da série. Não quero dizer que esse padrões tenha sido criado pela autora, mas foi ampliado. Sendo assim quando alguém/eu está uma conversa informal e quer usar de um molde para caracterizar alguém, os personagens da série servem para isso.	Sim, com a Alice Pieszecki, por ser extrovertida, sempre quebrando a cara dado um passo maior perna, na maioria das vezes em relacionamentos feitos para acabar e de uma forma mais pratica, por conta de sua capacidade de lidar com as mídias.	Não.

PERGUNTAS 13 A 17					3/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/11/2012 12:42:37	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Não	Não	Não
7/11/2012 12:49:02	Nao, nunca	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Aceitar amigas que são lésbicas , Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Sao estereotipadas mas o seriado é legal.	Nao, sao muito forçadas.	Nao.
7/11/2012 12:55:14	Não.	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade, Entender melhor o comportamento das lésbicas	Hoje em dia a maioria das meninas quer ser a Shane, não sei porque, mas a maioria se identifica com ela, e até se veste como.	Sim, dependendo da temporada, com algumas personagens diferentes, no começo com a Bette, mais pro final com a Tina, já fui meio Shane...	Não produzi nada, mas lia muita fanfic.
7/11/2012 12:55:15	Sim. Encontro de lista.	Nao	Apesar dos estereótipos necessários ao se transpor o mundo para as telas, as identidades foram bem representadas. Por se tratar de uma serie dramática, entendo o conflito dos personagens, apesar de considera-los, por vezes, distante da conflitos da realidade.	Me identifico com a personagem da Bette, por já Ter tido Diveros relacionamentos anteriores e hoje estar casada com uma mulher que esta vivendo sua primeira experiência homossexual.	Não
7/11/2012 12:57:04	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Sim.	Sim. Tina - pela profissão (cinema), dom maternal, paciência e delicadeza para lidar com o relacionamento (mesmo em crise)	Não.
7/11/2012 13:00:58	Não	Para mim, The L Word é visibilidade, mas não me motivou a nada específico	Acho que a série tentou dar conta de "identidades" comuns entre a comunidade de lésbicas de Los Angeles e, durante um tempo, foi feliz (e portanto um pouco universal) nessa representação. Me vi representada em algumas das personagens. Mas não sei exatamente o que seriam "identidades lésbicas atuais".	Como eu disse, me identifico com algumas delas pelos mais diversos motivos. O senso estético de Alice, o fator control freak de Bette, a coisa meio sem jeito e sem tato de Dana, a fragilidade de Helena (terceira temporada), enfim.	Mantive durante um tempo um blog sobre diversos assuntos relacionados à visibilidade lésbica no entretenimento. O Lebiscoito. E, naturalmente, The L Word foi um dos assuntos mais recorrentes por lá.
7/11/2012 13:12:43	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Acredito que a série ajuda a mostrar que são mulheres, apenas mulheres, que se relacionam com a família, no trabalho, o que diferem é a forma de vivenciar sua sexualidade.	Beth, calma, romântica, pensa na família e ainda assim tem uma personalidade muito forte e obstinada.	Não.

PERGUNTAS 13 A 17					4/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/11/2012 13:52:32	Sim. Moro no nordeste e conheci pessoalmente uma menina que morava no sul do país e que era uma das que legendava o seriado. Ela viajou o Brasil se hospedando na casa das meninas que conheceu pelas comunidades. Com outras, ainda mantenho contato por net via facebook.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas, Não tenho vergonha de falar que me interesso por mulheres. Só mantenho isso em segredo para algumas familiares, principalmente pai e mãe.	Acho que a maioria é muito bem sucedida, e nem sempre a realidade brasileira é assim.	Bete. Acho-a centrada, focada no trabalho, uma mulher séria, correta, e sou da mesma forma. Além de ter o romantismo e buscar o relacionamento ideal com alguém no futuro, ter um filho... É alguém com uma vida regrada, sabe aproveitar sem excessos.	Conteúdo ainda não, mas me motivou a pensar num roteiro de curta-metragem de forma a abordar o assunto sem ser vulgar
7/11/2012 14:29:51	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Acho algumas muito estigmatizadas. Como o roteiro é fraco, os personagens se transformaram ao longo do seriado, perderam suas identidades iniciais.	Não especificamente. Os personagens não parecem pessoas comuns, como eu.	Não
7/11/2012 16:02:45	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher, Pensar em outros aspectos da homossexualidade, como a identidade trans.	Creio que elas refletem bem o perfil das lésbicas atuais, principalmente as que possuem melhores condições financeiras.	Nenhuma em específico, mas com um pouco de características de cada uma.	Não
7/11/2012 16:26:33	Não faço parte de grupos	Entender melhor o comportamento das lésbicas	The L Word retrata personagens reais, mulheres vivendo suas vidas, trabalhos e relacionamentos. Cada personagem tem uma característica, personalidade, conceitos e valores próprios, e por isso acredito que tantas pessoas se identificaram com a série. Os conflitos abordados, a relação de amizade, amor, o dia a dia delas assemelham-se aos das lésbicas atuais.	Não. Identifico algumas características em várias delas, mas não com uma específica.	Não
7/11/2012 17:08:36	nao	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade	Sim	Não	Não
7/11/2012 20:36:00	Sim. Namorei.	não me fez adotar outra postura	Mulheres independentes atrás da felicidade.	Não	Não

PERGUNTAS 13 A 17					5/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/11/2012 21:37:07	NAO	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Cada dia vejo mais que o comportamento mostrado na serie tem muita relação com a realidade.	Em alguns momentos eu me identifiquei com Betty.	NAO
7/12/2012 1:30:41	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	As personagens são bastante diferentes entre si e refletem bastante a diversidade de identidades presentes na comunidade lésbica atualmente.	Me identifico um pouco com cada uma, dado que as personagens são bem caricaturas.	Não
7/12/2012 2:07:55	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Era um jeito de puxar assunto e discutir ser lésbica, ou trans, ou bi, e preconceitos - inclusive dentro da própria comunidade LGBT.	Sempre achei a série muito pouco representativa - as personagens não tinham problemas financeiros, eram todas magras e quase todas eram muito estereotipicamente femininas (exceto Shane), o drag king/queer (Ivan) era muito pouco explorado, e o único trans (Max) era um personagem sofrível. Além disso, a bissexualidade da Alice era central e depois desapareceu do mapa, assim como os filhos da Helena. Por esses motivos, e outros que já não me ocorrem mas que eu discutia muito à época, eu sentia que o seriado era mais entretenimento, e não servia muito para representar identidades. Achava pobre nesse sentido.	Sim, mas só um pouco, só superficialmente. Por exemplo, acho que em termos de aparência, me identifico mais com personagens mais masculinas, como a Shane ou mesmo o Max. Mas também me sentia conectada ao bom humor da Alice e gostava do fato da Shane não ter um relacionamento fixo, pelo menos por um tempo - eu estava lendo "The Ethical Slut" à época. Entretanto, não me identificava profundamente com nenhuma.	Não.
7/12/2012 18:59:55	Não. Sou maior travada, mas hj tenho mais coragem de assumir minhas vontades.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Existem um pseudo drama lesbico, hj e no seriado. Acho que por se tratar de mulheres. Mais essa coisa dramática e no segundo encontro sempre querer vir com o caminho de mudanças. Meu eu estava curtindo uma vibe com uma garota, mais ela ficou pressionando: É só sexo? É só sexo! De fato desisti!	Alice, palhaça, bissexual! Totalmente doida!	Não
7/13/2012 22:36:49	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Foi bem realista ao expor alguns tipos psicológicos, características femininas e lésbicas, exeriótipos...	Sim, com algumas, em aspectos diferentes. Dana, Shane, Tina.	Não.
7/14/2012 16:30:06	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Sei não,rsrs, não pensei sobre isso.	Com as românticas,rsrrs	Não

PERGUNTAS 13 A 17					6/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/14/2012 20:39:04	Não.	A série fez trazer uma certa "naturalidade" pra mim. Fez com que eu percebesse que era "comum" ser homossexual como ser heterossexual.	A série dita tendências, modas, tecnologia. Acaba passando, pela maioria das personagens, um certo poder e glamour em ser lésbica. Mulheres fortes, decididas, bem sucedidas, ricas ou classe média alta. Não vejo isso como um padrão. Nem toda lésbica é "poderosa" ou "tão bem resolvida" como a série mostra. Nem todo meio social nos aceita como a série mostra. Acho que The L Word tenta passar uma normatividade que não existe. Uma ideia ilusória de que tudo é lindo, fácil e tão bem aceito. A realidade é outra. Logo, as identidades lésbicas atuais, na minha opinião, em sua grande maioria são diferentes do que a série mostra. Praticamente o oposto.	Sempre me identifiquei muito com a Beth. O jeito forte, determinado, meio impositivo e meio masculino de ser e comandar. A paixão e o envolvimento com a arte, o desejo de formar uma família, a seriedade e comprometimento com a parceira (Tina). Só não me identifiquei com a traição, mas consegui entender e passar a série toda vibrando para que as duas superassem isso. SIMONE HUCK que respondeu essa pesquisa. Espero que tenha ajudado, Li. Bjs e boa sorte.	Não.
7/14/2012 23:28:58	essa pergunta nos faz entender sobre ser "amiga na vida real" delas... mas creio que a pergunta é sobre saber se temos uma vida parecida com a delas, tipo de grupos e talz...seri isso? se sim, minha resposta é nao.	a enxergar melhor uma pessoa trans	um pouco distante..ou até mesmo bem distante. ateh isso foi citado por uma das produtoras do seriado porque em the l word as mulheres sao todas bonitas e magras com empregos incríveis, e arrumam mulheres mais incríveis e com empregos melhores ainda. no brasi a maioria das meninas lesbicas que se ve sao gordinhas, fortes ou gordas. e me parece que na vida real , á mais moral nas amizades.	nao, porque não ha nenhuma enrustida com mais de 30 anos na série. mas derrepente, posso me identificar um pouco com bete porter, por trabalhar com cultura.	não

PERGUNTAS 13 A 17					7/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/14/2012 23:58:39	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	São mundos diferente, não dá para fazer relação de uma com a outra.	Com a Beth. Também fui casada e também trai minha mulher. Mas cometi esse erro por desespero. Queria terminar um casamento já falido e não tinha coragem. E acabei fazendo o que fiz.	Não
7/15/2012 0:51:26	Não.	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade	Pra mim é difícil dizer, pois sempre fui muito tímida e por isso não tenho muito contato com o grupo lésbico. Sempre tive apenas amigos gays masculinos.	Na verdade não me identifico com nenhuma especificamente, me identifico com o seriado, pois quando eu assistia, internamente, me sentia realizada.	Não.
7/16/2012 0:56:03	Não.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	Creio que os perfis das personagens caracterizam em partes (ou mesmo por completo), o perfil de muitas mulheres na vida real. Cada uma com suas características mais, ou menos evidentes.	Até então, não...	Não.
7/16/2012 16:17:28	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Leia: Formação da identidade lésbica: do silêncio ao queer, de Silvia Gomide	Bette. Determinada	Não
7/18/2012 20:51:07	Não.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Muit difícil, pois as personagens vivem em um mundo onde é muito mais fácil estabelecer uma característica assumida. As lésbicas q conheço não são assim.	Acho que me identifico com Alice, por sua postura e o fato de ser uma bissexual até certo ponto da série, e não ter medo de experimentar relacionamentos.	Não.
7/19/2012 17:21:24	NAO	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	ACHO Q COM A BETTY	NAO
7/22/2012 19:46:42	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Nada	Não	Não	Não
7/24/2012 22:48:30	não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Muito difícil assimilar	sim! tina	não
7/28/2012 16:35:14	sim, com algumas garotas. apenas uma conheci pessoalmente. as demais foram contatos virtuais apenas.	entender como funciona o universo lésbico fora do Brasil e estabelecer um comparativo com o que eu via por aqui.	elas são arquétipos. embora encontrem correspondências no mundo real, ainda assim, são ficções. acho que qualquer pessoa pode se identificar com os atributos de diversas delas, mas não acho que existam pessoas iguais a elas, de fato, por aí.	talvez a alice, mais pelo lado politizado/intelectual. menos pela forma de se relacionar com outras mulheres ou com a forma como tende a se meter onde não é chamada.	não. apenas acompanhava. o máximo que fiz foi fazer algumas postagens em blog ou fotolog, mas estes não eram específicos sobre a série.

PERGUNTAS 13 A 17					8/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/28/2012 16:46:06	Não	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade	Acho que as figuras mostradas no seriado condizem com algumas das identidades lésbicas atuais, mas sem dúvida há um corte claro de classe, raça e nacionalidade.	Dana. Acho que meu processo de "sair do armário" foi semelhante ao dela.	Não
7/28/2012 16:46:27	Sim, amigas.	já era assumida	As personagens caracterizaram bem tipos de posturas lésbicas.	Acho que um pouco com a Bette, por conta de estar sempre trabalhando	Não
7/28/2012 16:55:01	-	Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	?	Não	Não
7/28/2012 17:01:11	-	foi apenas entretenimento	Algumas delas me pareciam extremamente caricatas, e a série, em alguns momentos, chegava a ser forçada.	Não	não
7/28/2012 17:05:34	Fiz grandes amizades através da comunidade chamada Brejo. Sou noíva de uma delas.	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade, Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas	Nem todas as lésbicas tem as condições econômicas apresentadas pela séries, mas as histórias vividas são praticamente básicas, fazem parte da maioria da vida das meninas homossexuais ou bissexuais.	Dana, por causa do jeito brincalhão no início da série, e da história que viveu com Alice.	Não. Particpei somente de discussões na comunidade Brejo.
7/28/2012 17:22:32	Não	Só corroborou o que eu acho e sou	Não há correlação, pelo menos aqui no Brasil	Bette	Não
7/28/2012 17:50:08	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	É difícil correlacionar as personagens da série com pessoas ao meu redor porque a série não pretende ser realista - e também é uma cultura específica bem diferente da minha. Alguns elementos um pouco estereotipificados podem ressaltar, de repente, mas não muito mais.	Não. Mas a Shane é a minha preferida!	Não.

PERGUNTAS 13 A 17					9/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/28/2012 17:59:51	Não.	Não.	Não correlaciono. Apesar de a série ter várias participações de 'pessoas reais' da comunidade lésbica norte-americana, as personagens são fictícias.	Com a Tina Kennard. A atriz Laurel Holloman fez um excelente trabalho, caracterizando muito bem a personalidade da Tina, uma mulher que se dedica inteiramente ao seu relacionamento, muitas vezes abrindo mão de algumas coisas para o bem deste relacionamento e, assim como mostra a série, amadurecendo com ele e com os erros e acertos cometidos dentro e fora do relacionamento (com a Bette).	Não.
7/28/2012 18:52:22	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Acredito que a relação do seriado com a realidade é bem próxima, nos identificamos nas personagens	com nenhuma especificamente, talvez com um pouco de cada.	não
7/28/2012 19:00:07	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	O interessante do "The L Word" é que traz uma visão diferente da tão comumente disseminada pela mídia, não só brasileira, como de outros países. Ocorre uma quebra de estereótipos, ser lésbica não significa só ter cabelo raspado, ter atitudes masculinizadas etc.	Me identifico um pouco com cada uma, com o jeito de ser. A Bette com o fato de ser uma mulher forte, independente, excelente no trabalho. A Tina com minha vontade de ser mãe, engravidar, ter uma família. A Alice por ser extrovertida, engraçada, que procura, por grande parte da série, alguém legal pra se relacionar. Ao mesmo tempo que o jeito mais quieto e calado da Shane e um pouco da sua dificuldade em conseguir se envolver sério com alguém também me encontro nela. Enfim, consigo ver um pouquinho de mim mesma em cada personagem.	Não.
7/28/2012 19:03:44	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	As enxergo em todo local que frequento.	Não	Não
7/28/2012 20:03:20	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Shane - bofe Bethy e Tina - tentativa de tornar hetero relações gays Alice - moderninha/antenada	Bethy Porter	Não

PERGUNTAS 13 A 17					10/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/28/2012 20:12:42	não	ter uma visão mais ampla de tudo isso, além de uma visão histórica e ao mesmo tempo visão contemporânea do mundo gay. Sempre ajuda na questão dos tabus e dogmas envolvidos.	de certa maneira a série tenta fazer isso, e realmente de certa maneira consegue retratar um pouco do universo e toda sua diversidade, tentando quebrar estereótipos. Na vida real é ainda mais diversificado e rico, mas era divertindo e elucidava tudo na série, o tema nunca havia sido abordado de forma legal, todos os filmes anteriores acabavam em tragédia ou levavam o lado psicanalítico, de complexos. A vida gay parecia antes de The L word um tanto quanto trágica. Ao menos nas telas.	durante a série me identifiquei com alguma personagens mas não totalmente. Era uma coisa mais de diversão. Tinha na verdade identificação com diferentes aspectos de diferentes personagens. Mas uma coisa é certa, era um alívio a questão da feminilidade não se desconstruída só porque o desejo homossexual existe. Ainda que isso também tem seu charme quando acontece.	não;
7/28/2012 20:31:06	Sim, apenas amizades	Nenhuma das alternativas	No meu ponto de vista séries, filmes e novelas, não passam de ficção e prefiro não misturar com a realidade. Infelizmente tem pessoas sem personalidade ou cérebro que preferem fazer um tipo que só fica bem na ficção.	Não.	Não.
7/28/2012 21:00:26	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Acredito que muitas das personagens ainda representavam estereótipos relacionadas a lésbicas, o que muitas vezes pode dificultar a aceitação desse "grupo" pela sociedade.	Não	Não
7/28/2012 21:31:31	-	Fiquei mais atenta para a diversidade de identidades e comportamentos dentro do universo lésbico.	A série explorou estereótipos que têm alguma correspondência (pelo menos em algum grau) na vida real, como a lésbica esteticamente "masculina", a "feminina", a conservadora no sentido de querer se casar e ter filhos, a sexualmente liberada, etc	Como são tipos muito fortes, acabei me identificando um pouco com várias... com a Jennifer por ser emocionalmente complexa, com a Alice por ser uma amiga leal e engraçada, e também com o casal Bete e Tina por terem o desejo de constituir uma família.	Não
7/28/2012 22:37:35	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Considero os personagens de The L Word extremamente elitistas. Existe possibilidades de de correlação entre lésbicas atuais, porém o universo de The L Word é muito limitado.	Não.	não

PERGUNTAS 13 A 17					11/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/28/2012 23:17:23	Sim, namorei a dona do fotolog sobre a série	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	Nao correlaciono	não, mas aspiro ser como a Bette, bonita, sexy, feminina e bem sucedida	Não.
7/28/2012 23:20:20	-	nao mudou nada	elas são bem glamurosas e femininas, estereótipos quase,mas entendo o porque.primeiro para afirmar um papel de destaque na sociedade,todas muito bem sucedidas e poderosas, e sendo femininas elas não chocam a sociedade, na verdade uma hétero sexual pode se ver nelas,assim como um homem hétero sexual pode também se simpatizar. Temos na série as femininas e as andrógenas, até uma trans,mas não é possível ver uma "caminhoneira", e aqui faço também o estereótipo : gordinha, sem vaidade, roupas bem largas masculinas,boné, trejeitos bem masculinos...esta nunca aparece.	sim, com a Bette Porter, digamos que ela é a minha wanna be, porque ela é uma curadora e academica de sucesso no mundo das artes e eu trabalho com artes visuais,então me identifico querendo ser igual, e a shane pela recusa dela de se envolver como durante anos fiz igual,e por sua figura andrógena.	sim, eu tinha uma coluna GLTB no sex shop virtual Romma, escrevi um texto relacionando produtos com as personagens da série. ficou bem divertido,devo admitir.
7/29/2012 7:08:04	Nao	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Apesar de mostrar personagens extramente hollywoodianas, a serie mostra uma enorme gama de relações, identidades, medos e descobertas que vivemos no dia a dia...	Sim. Alice. Por ser preocupada, amiga, inteligente, sempre atenta e prevendo as consequencias das ações.	Não. Apenas uma pequena contribuição para um curta feito por Lilian Werneck
7/29/2012 10:57:44	Não.	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade, Entender melhor o comportamento das lésbicas	Não acredito que as personagens tenham identidades estabelecidas de uma maneira restrita, mas sim muito fluida. Consigo identificar comportamentos semelhantes com os da série nas lésbicas que conheço, mas não definir identidades lésbicas.	As personagens passam por tantas fases diferentes que é possível se identificar um pouquinho com cada uma ao final da última temporada.	Não.
7/29/2012 11:05:16	Não	Não houve mudança.	Não vejo relação entre uma história ficcional , apesar de bem feita, e o universo lésbico brasileiro.Série norteamericana demais.	Não.	Não

PERGUNTAS 13 A 17					12/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/29/2012 11:32:44	Sim, como escrevi fanfic em um site internacional e em inglês, aproveitando que queria combater aquele monte de bobagem que via das personagens de alguma forma, fazendo uma maior reflexão sobre o papel social da mulher e da lésbica na sociedade, usando além da própria liberdade com seu corpo, acabei me relacionando (amizade) com mulheres da Europa e Estados Unidos. Um desses contatos mantenho até hoje. As histórias eram bobinhas e dramáticas, mas eram um meio de expressão possível, na época.	Informar melhor as mulheres	As demais séries e webseries após L Word marcaram os personagens de todas as subsequentes. Tem sempre a desequilibrada pelas quais todas se enamoram e blablabla. Tem a gente boa traída, ...	Não	Como falei , fanfiction http://fanfiction.l-word.com/story/24494/page1.html
7/29/2012 17:07:58	Não.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	O seriado era completamente utópico quando assisti, para depois de 8 anos e conhecendo as meninas do meio ver que se fazem presentes os estereótipos. Acredito que consequência desta cultura introduzida a todas nós quando estávamos descobrindo nossa sexualidade. A grande maioria busca a feminilidade, sem o antigo tabu de TER que parecer um menino para ser lésbica.	Não me identifico com nenhuma, mas possuía minhas prediletas. Betty, interpretada por Jennifer Beals e Marina, por Karina Lombard.	Não.

PERGUNTAS 13 A 17					13/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/29/2012 19:35:32	-	Se assumir para si mesma sem "sair do armário". Entender melhor o comportamento das lésbicas	Creio que se todos os Ht que imaginam como são as lésbicas vissem a série, teriam ai uma real noção de como é a sociedade lésbica, pois a maioria não faz a menor idéia e vive com o tal do PRÉ CONCEITO na cabeça.	Sim, com a Dana, pois no início não pensei que fosse lésbica porém depois descobri a minha fórmula da felicidade	Não
7/29/2012 21:19:36	Sim. Amizades.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Tirando o glamour... Tem ali a séria, a maluquinha, a forte, a indecisa, a "pegadora", enfim. Bem próximo da realidade.	Bete. Seriedade. Clareza. Sei o que quero.	Conto... pouco. Mas para o próprio grupo, na época.
7/30/2012 1:39:29	não	não me motivou a nada, pelo contrário.	iguais, um mundo sem valores.	não.	não
7/30/2012 10:53:45	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	são pessoas atuais e modernas	ainda não me identifiquei com nenhuma	não
7/30/2012 15:22:54	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Acredito ser o retrato feito pelo programa muito fiel às identidades lésbicas atuais, principalmente tirando a grande carga de preconceito, e visão do mundo em relação ao lesbianismo.	Sim, bastante com a Alice por ser bem passional, intensa e impulsiva, brincalhona e meio sem noção!	Não.
7/30/2012 16:25:45	Ainda não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	A naturalidade da vida das personagens, trabalho, amizades, problemas, amor, namoros. Tudo é bem real na vida tb... Afinal se trata do relacionamento entre pessoas, não só do ponto de vista sexual...	Nada muito específico.. acho que há um pouquinho de muitas delas em cada uma de nós...	não.
7/30/2012 16:26:25	Ainda não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	A naturalidade da vida das personagens, trabalho, amizades, problemas, amor, namoros. Tudo é bem real na vida tb... Afinal se trata do relacionamento entre pessoas, não só do ponto de vista sexual...	Nada muito específico.. acho que há um pouquinho de muitas delas em cada uma de nós...	Não.
7/30/2012 17:52:57	não .	nada das anteriores	igual e correta	acho que consigo ser uma mistura de shane , carmen, alice, e jo	não
7/31/2012 13:28:38	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Me tornei lésbica aos 30 anos (até então eu era hétero). Uma das correlações foi com relação	Eu não exatamente. Mas tenho amigas como a Shane, por exemplo.	Não.

PERGUNTAS 13 A 17					14/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
7/31/2012 23:19:32	não	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade	s/c	Alice. Porque ela é espontânea e divertida e ama muito e pra sempre.	não.
8/1/2012 8:02:59	-	não levanto bandeira, mas não nego quando perguntam	Meio fantasia e muita realidade atual.	Talvez o desejo de ter família como a Tina e Beth (sem traição é claro).	Não, apenas conversava sobre os episódios com grupos de amigas.
8/3/2012 3:12:26	Sim, de amizade. E uma ótima amizade diga-se.	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Os relacionamentos das lésbicas atualmente é bem parecido com das personagens. Dificuldades de estabelecer vínculos amorosos, afetuosos, estabelecer família, traições "rola solta", mas há casais "firmes", casais que se respeitam verdadeiramente, tem boa vontade para construir um relacionamento firme e forte...etc	Sim, com a Tina. Romântica, família, carinhosa, cuidadosa, mãe.	Não.
8/4/2012 9:29:29	Arrumei amigas verdadeiras	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Aceitar amigas que são lésbicas, Entender melhor o comportamento das lésbicas	A história do TLW aborda vários assuntos q são semelhantes a vida real, posso dizer que este seriado trata-se de um aprendizado, uma orientação para quem assiste	Um pouco de cada personagem, na história, se parece comigo, algumas situações que eu faria o mesmo... Me identifico mais com a Alice	Não, somente debates
8/4/2012 23:15:00	Nao	Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Diferentes, super decididas.	Sim, com a bette por que ela é uma pessoa seria e segura, e um pouco traidora parece muito comigo.	Nao
8/5/2012 20:29:24	Sim. Amizades duradouras	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	não corelaciono	Sim. Dana	não
8/5/2012 20:54:22	Não.	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade, Entender melhor o comportamento das lésbicas	Grande parte doas temas abordados pela serie serviu para um esclarecimento maior na minha vida. A questão do trans feminino, inseminação e por ai vai.	Pela questão de estilo, e jeito meio revoltado a Shane.	Não.
8/7/2012 4:08:53	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Através da diversidade de personalidades.	Com as principais, pois cada uma tem uma característica com a qual me identifico.	Nao.

PERGUNTAS 13 A 17					15/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
8/7/2012 4:09:50	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	sim	sim, Alice Pieszecki, pela forma espontânea de se comunicar e pela necessidade de saber sempre de tudo	não
8/7/2012 5:45:24	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ajudou a me aceitar melhor, não sei explicar bem. E também a querer viver no "mundo gay" mais do que e vivia, ja que só tinha amigas heteros e essas coisas.	Nunca pensei nisso	Eu costumava me identificar com a Jenny, pois a época que vi eu tinha acabado de começar meu primeiro namoro com uma menina e tinha acabado de contar a minha mãe...	Não
8/7/2012 8:32:53	Não.	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade. Entender melhor o comportamento das lésbicas	Lésbicas perderam aquele esteriótipo demarcado pela sociedade de "macho" no seriado mostra claramente a quebra de um dogma, podemos ser lésbicas sem mudar nossa identidade.	Beth, porque ela tem uma postura muito semelhante a minha.	Não.
8/7/2012 8:37:03	Não.	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas	A série trás uma diversidade de personalidades dentro da comunidade lésbica, inclusive com uma bissexual, mas acho que ainda faltou abordar certas questões da realidade de muitas lésbicas, como aquelas que não são tão bonitas e perfeitinhas e bem sucedidas. Faltou um pouco de apelo político na série, mostrando um pouco do lado duro de ser uma mulher homossexual, de ser diferente do padrão da sociedade (inclusive do padrão lésbico).	No começo eu me identificava muito com a Alice, por ser bissexual. O posicionamento dela com as amigas por ser bi, suas colocações pra se afirmar enquanto bissexual, que não era uma questão de indecisão ou de "querer aproveitar o que tem". Eu achei muito legal isso, porque acontece muito na vida de quem se assume bissexual pra as amigas lésbicas. Existe esse preconceito. Mas com o decorrer da série, me identifiquei um pouco com a Jenny (e sua indecisão, seus medos), com a Betty (sua determinação, a vida de sucesso profissional) e com a Tina pelo fato de querer ter uma família, um casamento bem sucedido.	Não.
8/7/2012 8:55:51	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	A série é bastante contemporânea e realista.	Beth. Pela postura profissional, valorização da família e das relações que se envolve.	Não.

PERGUNTAS 13 A 17					16/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
8/7/2012 10:28:43	-	Se assumir para si mesma sem "sair do armário", Entender melhor o comportamento das lésbicas	No The L Word, existem vários estereótipos de lésbicas, assim como na nossa sociedade atual. Acredito que seja importante o seriado ter mostrado todos esses lados, porque muitas pessoas acham que lésbicas devem, necessariamente, ter cabelos curtos e se vestir como homem.	nao	não.
8/7/2012 11:46:04	Não	Não	Há uma caricatura das lésbicas de The L Word. Quase todas são lindíssimas e bem sucedidas, com problemas que basicamente dizem respeito aos seus relacionamentos. Claro que o objetivo da série é discutir o relacionamento lésbico, ser uma série de relacionamentos como muitas outras, o que não necessariamente implica trazer à tona questões que são próprias de uma militância gay. Por isso, acho que as identidades lésbicas da atualidade se encontram ali representadas de alguma maneira, mas, no geral, pouco foi explorado pela série em termos de alteridades dentro do mundo lésbico.	Não, basicamente por serem muito caricatas.	Não
8/7/2012 14:54:50	Não	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	Putaria	Não	Não
8/7/2012 14:59:44	Não	Aceitar amigas que são lésbicas	Putaria	Não	Não
8/7/2012 15:04:14	Sim, atualmente por obrigação moro com uma sapatão e sempre recebo de outras desgraçadas	Aceitar amigas que são lésbicas	Putaria	Não	Não
8/7/2012 15:17:41	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	acredito que seja uma série que mostra muitas identidades lésbicas, em todas elas consigo traçar paralelos com as identidades lésbicas que conheço na atualidade.	me identifico com pontos específicos de algumas personagens. Tenho vontade de constituir família como Beth e Tina, gosto de encontrar minhas amigas como Alice, senti necessidade de conversar com minha família como Dana....	não

PERGUNTAS 13 A 17					17/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
8/7/2012 15:23:10	-	"Sair do armário" e se assumir para a sociedade	Acredito que cada personagem de The L Word pode estabelecer uma identificação direta com muitas lésbicas da atualidade. O caso da Dana, por exemplo, que resolveu "sair do armário", pode ter sido um impulso para muitas (mas não é meu caso). E muitas, se espelhando em personagens da série, puderam formar seu próprio estilo de se vestir, e etc., como no meu caso, peguei um pouco do estilo da Shane se vestir para criar minha "identidade".	Sim, com a Shane... mais pelo estilo de se vestir do que pelo comportamento. Shane é "putona", eu não me vejo assim, por isso só peguei dela algumas características, como o cabelo e as roupas.	Não.
8/7/2012 22:57:57	Não.	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Flertar de maneira mais contundente	Acredito que tentam mostrar uma diversidade de identidades, mas ainda assim, restritas àquelas presentes em um meio social específico. Em certos momentos	Sim, com algumas, dependendo do momento. Mas, ao longo das temporadas, acredito que me identifiquei mais com Jenny. Pelo fato de gostar de escrever.	Cheguei a escrever um conto, mas não diretamente relacionada ao seriado. Apenas inspirado em algumas cenas.
8/7/2012 23:07:33	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Compreender realidades lésbicas diferentes da minha e suas semelhanças também	A realidade lésbica apresentada em The L Word ainda é muito diferente do que passamos no Brasil. Uma das grandes mensagens da série é que é possível ser feminina mesmo gostando de outra mulher. Ainda assim houve espaço na série também para a diversidade das lésbicas mais masculinas e mesmo das transexuais. De qualquer forma, o grupo de lésbicas de The L Word tem, no geral, uma condição de vida e situação financeira muito melhores do que a maioria das lésbicas no Brasil têm.	Um pouco com várias! O gosto por arte da Bete, o mistério da Marina, a quantidade de amores da Shane...	Sim. Uma pesquisa na universidade de Cinema: http://www.scribd.com/doc/24426429/The-L-Word-Trabalho-Interdisciplinar E uma websérie, não relacionada exatamente com The L Word, mas com a mesma intenção de ser um produto audiovisual para o público das lésbicas. www.seriebliss.wordpress.com
8/8/2012 10:28:06	-	vislumbrar como poderia ser algumas relações	nao relaciono... nao vejo relacao alguma com a realidade brasileira	nao	nao
8/8/2012 15:50:37	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas, Motivou-me várias vezes para continuar na luta organizada	Não faço esse exercício.	Não	Não

PERGUNTAS 13 A 17					18/18
Data Hora	Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?	"The L Word" te motivou a ter algum tipo de postura diferente em relação à questão da homossexualidade feminina?	Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?	Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?	Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?
8/9/2012 1:14:08	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	As personagens são bem próximas da realidade, todo o drama tratado no episódio e as personalidades diferentes de cada combinam com o real.	Em específico nenhuma.	Não, apenas li produções alheias, criatividade não é um forte meu.
8/10/2012 16:45:43	-	Entender melhor o comportamento das lésbicas	Alguma semelhança...	Sim Tina estilo, jeito maneira de agir...	Não
8/11/2012 17:58:12	-	Aceitar amigas que são lésbicas, Entender melhor o comportamento das lésbicas, Ter curiosidade para se relacionar com outra mulher	Não entendi.	Não.	Não.
14/08/2012 18:39:48	Não	Entender melhor o comportamento das lésbicas	O "mundo" de TLW é muito "conto de fadas". Dificilmente as lésbicas levam uma vida como é passado no seriado. Tudo é muito fácil, quase não sofrem preconceito, todas muito bem resolvidas...	Não assisti o seriado todo. Até onde assisti, não encontrei nenhum personagem parecido comigo.	Não
21/08/2012 00:00:56	Não participei de nenhum grupo	Se assumir para si mesma sem "sair do armário"	-	Não	Não

ANEXO B
GRÁFICOS DA PESQUISA

8/14/12

Edit form - [Pesquisa The L Word] - Google Docs

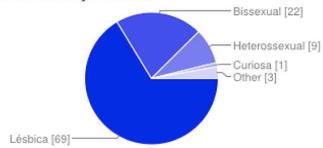
104

responses

Summary

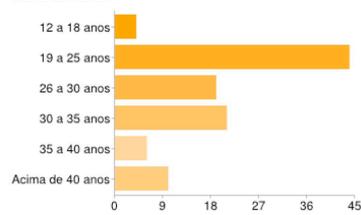
[See complete responses](#)

Qual a sua orientação sexual?



Lésbica	69	66%
Bissexual	22	21%
Heterossexual	9	9%
Curiosa	1	1%
Other	3	3%

Qual a sua idade?



12 a 18 anos	4	4%
19 a 25 anos	44	42%
26 a 30 anos	19	18%
30 a 35 anos	21	20%
35 a 40 anos	6	6%
Acima de 40 anos	10	10%

Você assistiu ou assiste a "The L Word"?



SIM	102	98%
NÃO	2	2%

Se sim, quando e quais temporadas?

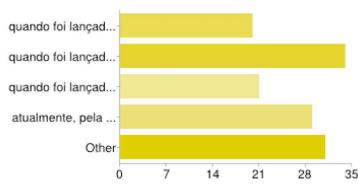
quando foi lançada nos estados unidos, 2004	20	19%
quando foi lançada no brasil, 2005	34	33%
quando foi lançada em dvd no brasil	21	20%
atualmente, pela internet	29	28%
Other	31	30%

<https://docs.google.com/spreadsheet/gform?key=0AoB25O2tXa4odHBKTmh0aTVFOEhFOXAWaWhq...>

1/5

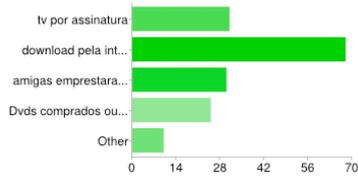
8/14/12

Edit form - [Pesquisa The L Word] - Google Docs



People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

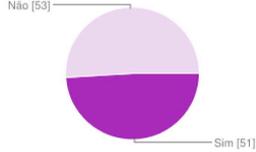
Por quais meios teve acesso a "the l word"?



tv por assinatura	31	30%
download pela internet	68	65%
amigas emprestaram dvds	30	29%
Dvds comprados ou alugados	25	24%
Other	10	10%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

Você participou ou participa de alguma comunidade virtual relacionada a "The L Word"?



Sim	51	49%
Não	53	51%

Você participou de algum fórum de discussão sobre a série enquanto membro da comunidade?

Já participei de um sobre a personagem que mais gostava, mas foi algo esporádico, não com frequência. Não, ou quase nada. Não. Sim. Talvez umas 2 vezes por mês. Geralmente os tópicos eram sobre o que iria acontecer, depois quem você era na série... não. Sim. Não. não. Sim, principalmente do "quem é você em The L Word" e dos debates sobre os episódios enquanto iam ao ar. Não. Sim, sobre a trama e as personagens, sobre a vida dos atores. Não. Frequência mínima, discutia sobre os relacionamentos dos personagens. Não. Não, nunca. Sempre interagi nos tópicos com comentários sobre os episódios. Sim. Participava de discu ...

Você continuou participando da comunidade de "The L Word" mesmo depois que a série acabou?

Não me lembro. Quase nada, como antes, com a mesma frequência. Não. Não. sim, porque ainda sou muito fã da serie. Sim. Não. Eu curto a pagina no facebook. Sim, ainda faço parte. Porque conheci muita gente legal e fiz amizades lá. Além disso, são comunidades que se atualizam com outras séries e filmes lésbicos. Não. Sim. Porque me considero um pouco fã da história. Sim, pois ainda gosto da série. Sim, por ter feito algumas amizades. Não. Não, nunca. Sim, porque as discussões continuaram com outros temas, além de The L Word. Não. Não. Não. Não. Não. Hoje tenho um perfil no leskut. Não. Não participei. Nunca.

8/14/12

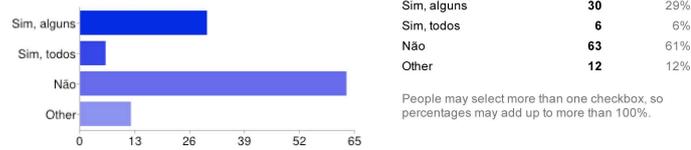
Edit form - [Pesquisa The L Word] - Google Docs

participei Naol - NA ...

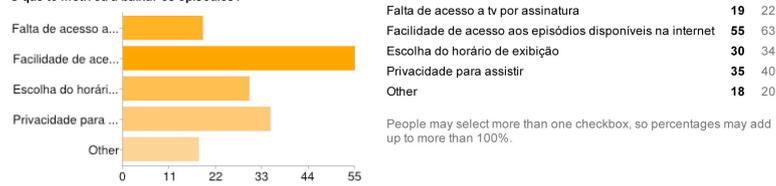
A série te encorajou a participar de algum grupo de lésbicas?

Já era assumida desde 2002, sendo assim a série não me influenciou Um pouco. Sim. Não. Mas as amigas se uniam pra assistir sempre que saia algum episódio *-* não Sim Nao Não, mas me faz perguntar todo dia porque a Jennifer Beals é tao gostosa :O Sim, eu entrei no Leskut por causa da série. Não. Talvez. Não me influenciou, mesmo porque eu já frequentava esses grupos antes. Sim, redes sociais. Sim Me encorajou a SER. Não. Já frequentava antes. Não. Não Não. Sim. Não só a participar de grupo de lésbicas na internet, como a me sentir melhor com a situação na sociedade. Não, já os frequentava antes. Não exatamente en ...

Você baixou algum episódio de "the l word" a partir dos links compartilhados nesta comunidade?



O que te motivou a baixar os episódios?



Teve alguma ajuda para aprender a compartilhar e/ou legendar os episódios?

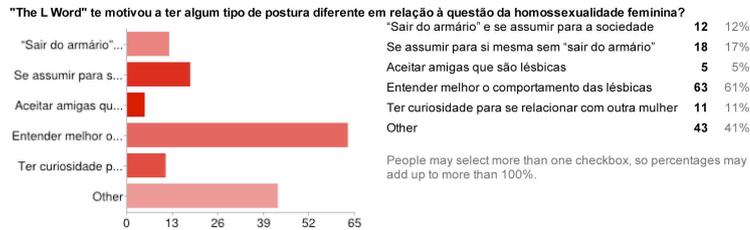
Não Não. Mas só baixava episódios já legendados. Não Não não Não Nao não Sim, participei de fóruns nas comunidades que ensinavam a ver os episódios legendados. Não. Não Não Não. Não Nao, nunca Não, já sabia porque sempre legendei outra série, então era eu quem ajudava. Sim. Nas primeiras temporadas, baixava pelo Mirc de pessoas que ficavam online quase o dia todo como servidores para enviar os arquivos. Depois usava torrents e sistemas de compartilhamento. As próprias comunidades ofereciam o tutorial. Não Não Não. Não. Já baixava legendada. Mas conheci algumas meninas que legendavam o que despertou até a vont ...

8/14/12

Edit form - [Pesquisa The L Word] - Google Docs

Você estabeleceu algum tipo de relacionamento fora das redes com as integrantes do grupo de "The L Word" a qual faz parte?

Não Não. Não Não. não Não Nao não Sim, tenho amigas que conheci nas comunidades e que hoje continuam conversando comigo, sendo minhas amigas e tal. Fiquei com algumas meninas que conheci na rede, como Orkut e Leskut.
 Não. Não Não Sim, já namorei uma integrante. Não Nao, nunca Não. Sim. Encontro de lista. Não. Não Não Sim.
 Moro no nordeste e conheci pessoalmente uma menina que morava no sul do país e que era uma das que legendava o seriado. Ela viajou o Brasil se hospedando na casa das meninas que conheceu pelas comunidades. Com outras, ainda mantenho contato por net via facebook. Não. Não Não faço parte de grupos ...

**Como você correlaciona as personagens lésbicas em "The L Word" com as identidades lésbicas atuais?**

Acho a série um pouco fora da realidade. Nem todas as lésbicas são ricas e tão bem sucedidas. Nem entendo muito disso aí... E não ficou claro para mim o que se pede nesse tópico. Exatamente iguais. Muitas pessoas se sentiram mais a vontade com o seriado, a aceitação da homossexualidade feminina na sociedade mudou um pouco... um pouco... Alice, Jenny, o casal Bette e Tina, e a super sedutora Shane marcaram o imaginário de milhões de mulheres do mundo inteiro. Primeiras protagonistas lésbicas de uma série televisiva, as cinco personagens centrais de The L Word, assim como toda a constelação de per ...

Você se identifica com alguma das personagens de "The L Word"?

Com a Bete Porter, pelo gosto por cultura e arte. Apenas com alguns pontos de algumas personagens, nenhuma em especial. Um pouco com a Dana, com a Bette, com a Alice, Tina e Jenny(menos). Nada com Helena e Shane, nem Marina ou demais. Não. Com a Bete. Também trabalho com arte, sou professora, tenho um relacionamento longo e para minha parceira eu sou sua primeira mulher. Sou viciada em trabalho e tenho problemas em assumir que estou errada.... sim, com alice por ser tbm bissexual e com a dana pelo próprio jeito de ser dela Não Sim. Helena Tina <3 Sim, com a Bette. Pela postura profissional e pes ...

Você chegou a produzir algum conteúdo relacionado a "The L Word"? Tipo blog, fanfiction, contos, vídeos, etc?

Não. Não. Não Não. não Não Nao Não Sim, alguns cliques pra internet com fotos e músicas da série.
 Não. Não Não Não. Não Nao. Não produzi nada, mas lia muita fanfic. Não Não. Mantive durante um tempo um blog

<https://docs.google.com/spreadsheet/gform?key=0AoB25O2tXa4odHBKTh0aTV0EhFOXAWaWhq...>

4/5

